

o verão que
mudou *minha vida*

JENNY HAN



o
v e r ã o
q u e
m u d o u
minha vida



Trilogia Verão

Livro Um

o
v e r ã o
q u e
m u d o u
minha vida



JENNY HAN

Alguns verões são
simplesmente
inesquecíveis



A vida de Belly é medida em férias de verão. Para ela, todas as coisas boas só acontecem entre os meses de junho e agosto, quando está na casa de praia junto a Susannah, única e melhor amiga de sua mãe e uma espécie de tia, e seus dois filhos, Jeremiah e Conrad. Mais do que irmãos postiços e companheiros de férias, os filhos de Susannah tornaram-se o centro das suas emoções. A véspera do aniversário de 16 anos de Belly marca também o fim daquele que parece ser o último verão no qual estarão todos reunidos em Cousins Beach. A partir do ano seguinte todos estarão ocupados demais e talvez algum deles já nem esteja mais entre nós...

A todas as minhas amigas irmãs importantes na minha vida, mais especialmente Claire.





Capítulo um

Estávamos viajando há uns sete mil anos. Ou pelo menos era o que parecia. Meu irmão, Steven, dirigia mais devagar do que a minha avó. Eu estava a seu lado, no banco do passageiro, com os pés apoiados no painel. Minha mãe estava deitada no banco traseiro. Mesmo enquanto dormia, parecia alerta, como se a qualquer momento pudesse acordar e começar a organizar o tráfego.

— Vá mais depressa — supliquei ao Steven, cutucando seu ombro. — Vamos ultrapassar aquele menino de bicicleta.

Steven se sacudiu, para se livrar de mim.

— Nunca encoste no motorista — disse ele. — E tire seus pés sujos do meu painel.

Mexi os dedos do pé para a frente e para trás. Eles me pareciam bem limpinhos.

— O painel não é seu. O carro vai ser meu logo, você sabe.

— Se conseguir tirar a carteira — zombou ele. — Gente como você nem devia ter permissão para dirigir.

— Ei, olha — falei, apontando pela janela. — Aquele cara de cadeira de rodas está uma volta à nossa frente.

Steven me ignorou, e comecei a mexer no rádio. Uma das coisas que mais gostava nas viagens para a praia eram as estações de rádio. Eu conhecia as rádios daqui de cor, assim como as de casa, e ouvir a Q94 me fazia ter certeza de que estava mesmo na praia.

Encontrei minha estação predileta, a que tocava de tudo, desde música pop até hits antigos e também hip-hop. Tom Petty estava cantando "Free fallin'". Eu cantei com ele. "She's a good girl, crazy 'bout Elvis. Loves horses and her boyfriend too."

Steven estendeu a mão para mudar de estação, e dei um tapa nele.

— Belly, sua voz me dá vontade de jogar o carro no mar — e fingiu que ia fazer uma curva brusca à direita.

Cantei mais alto ainda, o que acordou minha mãe, que também começou a cantar. Nós duas temos vozes horríveis, e Steven balançou a cabeça daquele jeito típico irritado. Detestava estar em minoria. Aquilo era o que mais o incomodava no divórcio dos nossos pais, ser o cara solitários, sem o papai para ficar do lado dele.

Passamos pela cidade devagar e, embora eu tivesse acabado de provocar Steven sobre isso, não me importava. Adorava aquele caminho, aquele momento. Rever a cidade, o restaurante de frutos do mar Jimmy's Crab Shack, o mini golfe Putt Putt, todas as lojas de artigos para surfe. Era como voltar para casa depois de ter passado muito, muito tempo longe. Havia milhões de promessas de verão, e d* coisas que poderiam acontecer.

À medida que nos aproximávamos da casa, eu podia sentir aquele alvoroço familiar dentro do peito. Estávamos quase chegando.

Abaixei o vidro da janela para absorver tudo. O ar tinha o mesmo gosto, o mesmo cheiro de sempre. O vento que deixava meus cabelos grudentos, a maresia, tudo pareceu perfeito. Como se estivesse só me esperando chegar lá.

Steven me deu uma cotovelada de leve.

— Está pensando em Conrad? — perguntou de brincadeira.

Para variar, a resposta era não.

— Não — respondi, mal-humorada.

Minha mãe meteu a cabeça entre nossos dois bancos.

— Belly, você ainda gosta do Conrad? Senti que havia um clima entre você e Jeremiah no verão passado.

— QUÊ? Você e Jeremiah? — disse Steven, fazendo cara de nojo. — O que aconteceu entre você e Jeremiah?

— Nada — expliquei aos dois. Senti o sangue subir do peito para o meu rosto. Bem que eu queria já estar bronzeada, assim ninguém ia perceber. — Mãe, só porque duas pessoas são muito amigas, não significa que tenha alguma coisa acontecendo. Por favor, nunca mais mencione isso.

Minha mãe recostou-se no banco traseiro.

— Sem problemas — respondeu. A voz dela tinha aquele tom definitivo que eu sabia que Steven não teria coragem de desafiar. Mas, Steven, que era Steven, tentou de novo.

— O que houve entre você e Jeremiah? Não pode dizer uma coisa dessas e não explicar.

— Esqueça isso — falei para ele. Contar ao Steven só lhe daria munição para me zoar. E, de qualquer forma, não tinha nada para contar. Nunca tinha havido nada para contar, na verdade.

Conrad e Jeremiah eram filhos da Beck. Beck era Susannah Fisher, nome de solteira Susannah Beck. Minha mãe era a única que a chamava de Beck. Elas se conheciam desde os 9 anos e diziam que eram irmãs de sangue. E tinham as cicatrizes para provar: marcas idênticas nos pulsos, no formato de corações.

Susannah me contou que, quando nasci, ela sabia que eu me casaria com um dos seus meninos. Era o destino. Minha mãe, que normalmente não acreditava nesse tipo de coisa, disse que seria perfeito, contanto que eu tivesse alguns namorados antes de casar. Na verdade, ela disse "amantes", mas essa palavra me dava arrepios. Susannah segurou meu rosto e disse:

— Belly, você tem minha bênção. Detestaria perder meus meninos para qualquer outra pessoa.

Nós passávamos as férias na casa de veraneio da Susannah em Cousins Beach todo verão, desde que eu era um bebê, até mesmo antes de eu nascer. Para mim, o mais importante em Cousins era a casa, não a cidade. A casa era meu mundo. Nós tínhamos uma praia particular, só para nós. A casa de praia

tinha muitas coisas: a varanda em torno da qual costumávamos correr, jarras de chá gelado, a piscina à noite... mas os meninos, os meninos acima de tudo.

Sempre me perguntei como os meninos seriam em dezembro. Tentava visualizá-los de cachecol vermelho-escuro e suéteres de gola alta, com as faces rosadas, diante de uma árvore de Natal, mas essa imagem sempre me parecia falsa. Eu não conhecia o Jeremiah e o Conrad versão inverno, e sentia inveja de quem conhecia. Eu convivia com os chinelos, narizes avermelhados pelo sol e calções de banho com areia. Mas e as meninas da Nova Inglaterra que faziam guerras de bolas de neve com eles no bosque? As que se aqueciam neles enquanto esperavam ligar o aquecedor do carro, aquelas as quais eles emprestavam os casacos quando estava frio lá fora? Quero dizer, talvez Jeremiah. Conrad, não. Conrad jamais faria isso, não era seu estilo. De qualquer jeito, não era justo.

Sentada ao lado do aquecedor numa aula de história, eu me perguntava o que eles estariam fazendo, se também estariam esquentando os pés debaixo de outro aquecedor. Contava os dias até o verão voltar. Para mim era quase como se o inverno não contasse. O verão era para valer. Eu media a minha vida em verões, como se realmente só começasse a viver em junho, quando chegava àquela praia, àquela casa.

Conrad era o mais velho, um ano e meio de diferença. Era um cara sombrio. Completamente inatingível, indisponível. Sorria de um jeito malicioso, e eu sempre me pegava observando sua boca fixamente. Bocas maliciosas fazem a gente sentir vontade de beijá-las, de tranquiliza-las e beijá-las até aquela malícia sumir. Talvez não totalmente... mas a gente sente vontade de controlá-la de alguma forma. Torná-la nossa. Era exatamente o que eu queria fazer com Conrad. Torná-lo meu.

Jeremiah, entretanto... era meu amigo. Era legal comigo. Era o tipo de menino que ainda abraçava a mãe, ainda queria segurar sua mão, mesmo quando já era evidentemente grande demais para isso. Também não sentia vergonha. Jeremiah Fisher vivia ocupado demais se divertindo para se envergonhar.

Aposto que Jeremiah era mais popular do que Conrad na escola. Que as meninas gostavam mais dele. Aposto que, se não fosse o futebol americano,

Conrad não seria conhecido. Só seria um cara caladão e tímido, não um ídolo esportivo. E eu gostava disso. Gostava de Conrad preferir ficar sozinho, tocando violão. Como se estivesse acima de todas aquelas babaquices do colégio. Gostava de pensar que, se Conrad estudasse na minha escola, não jogaria futebol e participaria da revista de literatura, e notaria alguém como eu.

Quando finalmente estacionamos diante da casa, Jeremiah e Conrad estavam sentados na varanda da frente. Debruçando-me sobre Steven, buzinei duas vezes, o que na nossa linguagem de verão queria dizer: *Venham ajudar com as malas, agora!*

Conrad tinha 18 anos. Tinha acabado de fazer aniversário. Estava mais alto do que no verão passado, acredite se quiser. Seu cabelo estava curto e escuro como sempre. Jeremiah, ao contrário de Conrad, tinha deixado o cabelo crescer, e estava um pouco desgrenhado, mas de um jeito legal, como um jogador de tênis dos anos 1970. Quando ele era mais novo, tinha o cabelo encaracolado e bem louro, quase platinado no verão. Jeremiah detestava aqueles cachos. Durante algum tempo, Conrad havia convencido o irmão de que cascas de pão faziam o cabelo ficar enrolado, portanto Jeremiah parou de comer as cascas de pão, e Conrad as cortava fora. À medida que Jeremiah foi crescendo, porém, seu cabelo foi ficando cada vez menos encaracolado e mais ondulado. Eu sentia saudades dos cachos dele. Susannah dizia que ele era seu anjinho, e ele realmente costumava parecer um com aquelas bochechas rosadas e cachos louros. Ele ainda tinha bochechas rosadas.

Jeremiah levou as mãos à boca, e gritou:

— Ô, Steven!

Sentada no carro, vi Steven ir até onde eles estavam e abraçá-los daquele jeito estranho dos garotos. Soprava uma brisa úmida de maresia, como se talvez chovesse água do mar a qualquer momento. Fingi estar amarrando os cadarços dos tênis, mas na verdade só queria ficar sozinha ali mais um pouco, olhando para eles e para a casa por um tempinho. A casa era grande, cinza e branca, e se parecia com quase todas as outras casas naquela rua, mas era melhor. Era exatamente do jeito que eu achava que uma casa de praia devia ser. Parecia um lar.

Nesse momento minha mãe também saiu do carro.

— Oi, meninos, cadê a mãe de vocês?

— Oi, Laurel. Ela está tirando uma soneca — respondeu Jeremiah. Geralmente, ela saía da casa correndo no segundo em que nosso carro estacionava.

Minha mãe foi até eles em três passadas e abraçou os dois ao mesmo tempo com força. O abraço da minha mãe era firme e sólido como seu aperto de mão. Depois, ela entrou pela porta e sumiu dentro da casa, com os óculos escuros no alto da cabeça.

Saí do carro e pendurei a bolsa no ombro. A princípio eles nem mesmo notaram que eu estava me aproximando, mas, então, perceberam. Perceberam mesmo. Conrad me olhou dos pés à cabeça, como os garotos fazem no shopping. Ele nunca tinha me olhado daquele jeito na vida. Nenhuma vez. Senti que estava ficando vermelha de novo. Jeremiah, por outro lado, teve que olhar duas vezes, como se não me reconhecesse. Tudo isso aconteceu em mais ou menos três segundos, mas deu a impressão de ter durado muito mais.

Conrad me abraçou primeiro, mas foi um abraço meio distante, tomando cuidado para não se aproximar muito. Tinha acabado de cortar o cabelo e a pele da sua nuca parecia rosada e nova, como a de um bebê. Ele cheirava a maresia. O cheiro do Conrad.

— Gostava mais de você com óculos — disse ele, os lábios junto à minha orelha.

Isso me irritou. Dando-lhe um empurrão, eu disse:

— Azar. Não vou usar nada além de lentes de contato.

Ele sorriu, e aquele sorriso me envolveu. O sorriso dele sempre me envolvia.

— Acho que nasceram algumas novas — disse ele, cutucando meu nariz. Ele sabia como eu tinha vergonha das minhas sardas e continuava dizendo isso para me provocar.

Então Jeremiah me abraçou com força, quase me erguendo no ar.

— Nossa Belly está tão crescida — brincou ele.

Eu ri.

— Me larga — disse eu. — Você está com câ-cê.

Jeremiah gargalhou.

— É a mesma Belly de sempre — disse ele, mas ainda estava me olhando como se não soubesse muito bem quem eu era. Inclinou a cabeça e continuou: — Você está diferente, Belly.

Eu me preparei para a piada.

— O que foi? Estou usando lentes.

Eu também ainda não tinha me acostumado a ficar sem os óculos. Minha melhor amiga, Taylor, vinha tentando me convencer a usar lentes de contato desde o sexto ano, e eu tinha finalmente concordado.

Ele sorriu.

— Não é isso. Você simplesmente está diferente.

Então voltei ao carro, e os meninos me seguiram. Tiramos tudo rapidamente, e assim que terminamos, peguei minha mala e a sacola de livros e fui direto para o meu quarto. Meu quarto costumava ser da Susannah quando era pequena. Tinha papel de parede florido desbotado e um conjunto de móveis brancos. Tinha uma caixinha de música que eu adorava. Dentro havia uma bailarina girando e dançando ao som do tema de *Romeu e Julieta*, naquela versão antiga. Eu punha minhas bijuterias ali. Tudo no meu quarto era velho e desbotado, mas eu adorava isso. Parecia que aquelas paredes, a cama de dossel e principalmente a caixinha de música escondiam inúmeros segredos.

Depois de rever Conrad, de vê-lo olhando para mim daquele jeito, eu sentia que precisava de um segundo para respirar. Agarrei o urso polar de pelúcia sobre minha cômoda e o abracei com força, apertando-o junto ao meu peito. O nome dele era Junior Mint, apelido, Junior. Eu me sentei ali na bicama com Junior. Meu coração batia com tanta força que eu conseguia ouvi-lo. Tudo parecia igual, mas não era. Eles tinham me olhado como se eu fosse uma menina de verdade, não apenas a irmãzinha caçula de alguém.



Capítulo dois

AOS DOZE ANOS

A primeira vez em que tive meu coração partido foi naquela casa. Eu tinha 12 anos.

Foi em uma daquelas raras noites em que os meninos não estavam todos juntos. Steven e Jeremiah tinham saído para uma pescaria noturna com alguns caras que tinham conhecido no fliperama. Conrad disse que não estava a fim de ir, e naturalmente não me convidaram, portanto ficamos sozinhos em casa, ele e eu. Bom, não juntos, mas na mesma casa. Eu estava lendo um romance brega no meu quarto, com os pés apoiados na parede, quando Conrad passou no corredor. Ele parou e disse:

— Belly, vai fazer o que esta noite?

Escondi depressa a capa do livro.

— Nada — respondi. Tentei não deixar que minha emoção transparecesse na voz; não queria parecer ansiosa ou animada demais. Tinha deixado a porta aberta de propósito, torcendo para ele passar por ali.

— Quer ir dar um passeio no calçadão comigo? — indagou ele. À pergunta fora casual, quase demais.

Este era o momento pelo qual eu estava esperando. Era agora. Eu finalmente era grande o suficiente. Estava preparada, sabia disso, em parte. Olhei de relance para ele, igualmente calma.

— Talvez. Eu até que gostaria de comer uma maçã do amor.

— Eu compro uma pra você — ofereceu ele. — Mas se veste rápido, porque já vamos sair. A minha mãe e a sua vão ao cinema, elas nos deixam lá no caminho.

Eu me sentei e respondi:

— Tá bom.

Assim que Conrad saiu, fechei a porta e corri até o espelho. Desfiz a trança e escovei o cabelo. Estava comprido naquele verão, indo até quase a minha cintura. Depois tirei o maiô e vesti um short branco e minha blusa cinza preferida. Meu pai dizia que combinava com a cor dos meus olhos. Passei gloss sabor morango na boca e guardei o tubinho no bolso, para depois. Caso eu precisasse reaplicar.

No carro, Susannah ficou sorrindo para mim pelo espelho retrovisor. Eu olhava para ela, como se dissesse *Para, por favor*, mas estava com vontade de retribuir o sorriso. Conrad não estava mesmo prestando atenção. Passou toda a viagem olhando pela janela.

— Divirtam-se, crianças — disse Susannah, piscando para mim quando fechei a porta.

Conrad comprou a minha maçã do amor primeiro. Comprou um refrigerante para ele, mas só isso. Ele costumava comer pelo menos uma ou duas maçãs, ou outro doce. Parecia nervoso, o que me deixou menos nervosa.

Enquanto caminhávamos pelo calçadão, à beira da praia, deixei minha mão disponível, só por via das dúvidas. Mas ele não a pegou. Era uma daquelas noites perfeitas de verão, do tipo em que a brisa é suave e não cai um pingo de chuva. Choveria no dia seguinte, mas naquela noite, soprava uma brisa fresca, e só.

Eu disse:

—Vamos nos sentar, para eu poder comer minha maçã. — Então nos sentamos em um banco em frente à praia.

Mordi a maçã com todo o cuidado, pois estava com medo de ficar com caramelo grudado nos dentes, e aí, como ele iria me beijar?

Ele tomou um gole da Coca-Cola, ruidosamente, depois consultou o relógio de pulso:

— Quando você terminar de comer a maçã, vamos à barraca do jogo das argolas.

Ele queria me dar um bichinho de pelúcia! Eu até já sabia qual ia escolher, o urso polar de óculos e cachecol. Tinha passado o verão inteiro de olho nele. Já podia me imaginar exibindo-o a Taylor. *Ah, isso? Conrad Fisher me deu.*

Devorei o resto da maçã, praticamente em duas mordidas.

— Pronto — disse eu, limpando a boca com as costas da mão. — Vamos.

Conrad foi direto para a barraca do jogo de argolas e eu tive que correr para alcançá-lo. Como sempre, ele não estava falando muito, portanto falei ainda mais para compensar o silêncio.

— Acho que, quando voltarmos, minha mãe finalmente vai assinar uma TV a cabo. Eu, Steven e meu pai estamos tentando convencê-la há séculos. Ela diz que é contra assistir tevê, mas assiste aos filmes da A&E o tempo todo quando estamos aqui. Que hipocrisia — comentei, mas parei quando percebi que Conrad não estava prestando atenção. Estava de olho na menina que trabalhava na barraca de jogo de argolas.

Ela parecia ter 14 ou 15 anos. A primeira coisa que notei nela foi o short. Era amarelo-canário e muito, muito curto. O mesmo tipo de short que tinha feito os meninos rirem de mim dois dias antes. Eu tinha gostado tanto daquele short quando o comprei com a Susannah, e depois os meninos gozaram da minha cara por causa dele. O short ficava muito melhor naquela menina.

As pernas dela eram magras e cheias de sardas, assim como seus braços. Tudo nela era fino, até os lábios. Os cabelos eram compridos, ondulados e ruivos, mas um ruivo tão claro que quase parecia cor de pêssego. Acho que os cabelos dela eram os mais bonitos que eu já tinha visto. Estavam puxados para um lado, e eram tão compridos que ela precisava afastá-los do rosto, balançando a cabeça, ao entregar as argolas às pessoas.

Conrad tinha vindo ali para vê-la. Tinha me trazido porque não queria vir sozinho e não queria que Steven e Jeremiah ficassem no seu pé. Só isso. Tinha sido esse o único motivo. Eu tinha percebido tudo pelo olhar dele, quase prendendo a respiração.

— Você conhece ela? — perguntei.

Conrad fez uma cara de assustado, como se tivesse se esquecido de que eu estava ali.

— Ela? Não, não conheço.

Mordi o lábio.

— E quer conhecer?

— Quero fazer o quê? — disse Conrad, confuso, o que me deixou irritada.

— Quer conhecê-la? — indaguei, impaciente.

— Acho que sim.

Agarrando a manga da blusa dele, fui direto até a barraca. A menina sorriu para nós, e eu sorri para ela, mas só para manter as aparências.

— Quantas argolas? — perguntou. Ela usava aparelho, mas nela parecia interessante, como se fosse joias nos dentes, não um aparelho.

— Três — disse eu. — Gostei do seu short.

— Obrigada — respondeu ela.

Conrad pigarreou.

— É bonito, sim.

— Achei que tinha dito que era curto demais quando usei um exatamente assim há dois dias. — E me virando para a garota, disse: — Conrad é superprotetor. Você tem irmão mais velho?

Ela riu.

— Não.

E para Conrad, ela disse:

— Acha que o short é curto demais?

Ele ficou vermelho. Eu nunca o tinha visto enrubescer antes, durante todo o tempo em que nos conhecíamos. Tive a sensação de que talvez aquela fosse ser a primeira e última vez. E aí olhei meu relógio com grande exagero, dizendo:

— Con, ainda quero ir na roda gigante antes da gente voltar. Ganhe um prêmio pra mim, tá?

Conrad concordou, rapidamente, e, despedindo-me da menina, eu me afastei. Corri até a roda-gigante tão rápido quanto pude, para eles não me verem chorando.

Mais tarde, descobri que o nome da menina era Angie. Conrad terminou ganhando o urso polar de óculos e cachecol, e me deu. Disse que Angie lhe contou que aquele era o melhor prêmio da barraca. Ele disse que achava que eu gostaria também. Eu disse a ele que preferia a girafa, mas agradeci mesmo assim. Batizei o ursinho de Junior Mint e o deixei no seu lugar, na casa de verão.



Capítulo três

Depois que desfiz as malas, fui direto para a piscina, onde sabia que os meninos estariam. Estavam deitados nas espreguiçadeiras, com os pés descalços imundos pendurados para fora.

Assim que Jeremiah me viu, ficou de pé num pulo.

— Senhores e senhoraas! — começou, dramaticamente, curvando-se como um apresentador de circo. — Creio que chegou a hora... de nosso primeiro batismo do verão.

Dei um passo para trás, assustada. Se fizesse um movimento brusco demais, seria pior: eles iam me perseguir.

— Nem pensar — falei.

Conrad e Steven estavam de pé, me cercando.

— Não pode ir contra a tradição — disse Steven. Conrad só deu um sorriso maquiavélico.

— Estou grande demais para isso — implorei, desesperada. Recuei, e foi aí que eles me pegaram. Steven e Jeremiah seguraram um pulso cada um.

— Ai, meninos, me soltem! — pedi, tentando me livrar deles. Tentei arrastar os pés em protesto, embora minhas solas ardessem do atrito contra o cimento.

— Está preparada? — disse Jeremiah, me erguendo pelos braços.

Conrad agarrou meus pés, e depois Steven pegou meu braço direito enquanto Jeremiah agarrava o esquerdo. Eles me balançaram para a frente e para trás, como se eu fosse um saco de farinha.

— Eu odeio vocês! — berrei, enquanto eles riam.

— Um — contou Jeremiah.

— *Dois* — continuou Steven.

— E três! — terminou Conrad. Eles então me jogaram na piscina, de roupa e tudo. Bati na água com um forte baque. Até debaixo d'água pude ouvir as gargalhadas.

A Barrigada da Belly era uma brincadeira que tinha começado um milhão de verões atrás. Provavelmente tinha sido inventada pelo Steven. Eu odiava aquilo. Muito embora fosse uma das únicas vezes em que os meninos me incluíam nas suas brincadeiras, detestava ser o alvo de seus risos. Aquilo me fazia sentir absolutamente impotente, fraca demais para lutar contra eles, só por ser menina. A irmãzinha caçula de alguém.

Costumava chorar por causa disso, correr para perto da Susannah e da minha mãe, mas não adiantava. Os meninos só me acusavam de ser deduro. Mas não dessa vez. Dessa vez eu ia ter espírito esportivo. Se eu tivesse espírito esportivo, talvez eles não achassem tão engraçado.

Quando voltei à tona, sorri e disse:

— Vocês têm o quê, 10 anos de idade?

— Eternamente — disse Steven, presunçoso. Ver meu irmão com aquela expressão convencida me fez sentir vontade de jogar água nele, molhando-o todo, *até* os preciosos óculos escuros Hugo Boss que ele tinha comprado com o dinheiro de três semanas de trabalho.

Então respondi:

— Acho que você torceu o meu tornozelo, Conrad. — Fingi que estava tendo dificuldade de nadar até eles.

Ele se aproximou da beirada da piscina.

— Não tem problema, acho que você vai sobreviver — respondeu ele, com um sorriso malicioso.

— Pelo menos me ajude a sair — pedi.

Ele se agachou e estendeu a mão, que eu peguei.

— Obrigada — respondi, exultante. Puxei a mão dele com o máximo de força que pude. Ele perdeu o equilíbrio, caiu na piscina com um barulho ainda maior do que o meu. Acho que ri mais nessa hora do que jamais tinha rido antes em toda a minha vida. Jeremiah e Steven também. Acho que talvez toda a Cousins Beach tenha nos ouvido rir.

A cabeça de Conrad surgiu rapidamente, e ele me alcançou em duas braçadas. Fiquei com medo que ele tivesse ficado com raiva, mas não, não muito. Estava sorrindo, mas de um jeito ameaçador. Fui para longe dele, esquivando-me.

— Você não me pega — cantarolei, animada. — Seu lerdo!

Toda vez que ele se aproximava, eu nadava para longe.

— Marco — gritei, dando risadinhas.

Jeremiah e Steven, que estavam voltando para a casa, responderam:

— Polo!

Isso me fez rir, e quando diminuí a velocidade, Conrad agarrou o meu o pé.

— Me solta — falei, ofegante, ainda rindo.

Conrad balançou a cabeça.

— Pensei que eu fosse lerdo — disse ele, nadando cachorrinho até se aproximar de mim. Estávamos na parte mais funda. Sua camiseta branca estava encharcada, e eu podia enxergar sua pele rósea e dourada.

Fez-se um silêncio estranho entre nós, de repente. Ele ainda estava segurando o meu pé, e eu estava tentando boiar. Por um segundo, desejei que Jeremiah e Steven ainda estivessem ali por perto. Não sei por quê.

— Me solta — repeti.

Ele puxou meu pé, me trazendo mais para perto. Estar tão perto dele assim estava me deixando zozza e nervosa. Falei de novo, uma última vez, embora não quisesse:

— Conrad, me solta.

Ele soltou. Depois me deu um caldo. Não importava. Eu já estava prendendo a respiração antes mesmo.



Capítulo quatro

Susannah desceu, após sua soneca, pouco depois de vestirmos roupas secas, pedindo desculpas por perder nossa chegada triunfal. Ainda parecia sonolenta, e seu cabelo estava arrepiado num dos lados da cabeça, como o de uma criança. Ela abraçou minha mãe primeiro, forte e apertado. Minha mãe ficou tão feliz de revê-la que vi lágrimas brotarem em seus olhos, e ela nunca chorava.

Então foi a minha vez. Susannah me deu um abraço daqueles bem apertados, longo o suficiente para fazer a gente pensar quanto tempo vai durar, quem vai se afastar primeiro.

— Você está magra — falei para ela, em parte porque era verdade, e em parte porque eu sabia que ela adorava quando lhe diziam isso. Vivia fazendo dieta, sempre prestando atenção na alimentação. Para mim ela era perfeita.

— Obrigada, querida — disse Susannah, soltando-me por fim e afastando-se para me olhar. Balançou a cabeça e disse: — Quando foi que você cresceu assim? Quando se transformou nessa mulher fenomenal?

Sorri, envergonhada e aliviada porque os garotos estavam no segundo andar e não podiam ouvir.

— Eu estou quase igual.

— Você sempre foi bonita, mas agora, minha querida, você está diferente — assentiu de novo, como se estivesse admirada. — Está linda demais. Linda demais. Vai ter um verão maravilhoso, mesmo. Vai ser um verão inesquecível. — Susannah sempre fazia previsões assim, e quando fazia isso parecia um decreto, como se fosse acontecer só porque ela tinha dito.

A questão era que Susannah estava certa. Foi um verão que eu nunca mais esqueci. Foi o verão em que tudo começou. Foi o verão em que fiquei bonita. Porque, pela primeira vez, me senti assim, bonita. Em todos os verões até este, eu acreditava que as coisas seriam diferentes. A vida seria diferente. E naquele verão finalmente foi. Eu fiquei diferente.



Capítulo cinco

O jantar da primeira noite era sempre o mesmo: uma grande panela de *bouillabaisse* apimentado que Susannah preparava enquanto aguardava a nossa chegada. Montes de camarões, patas de caranguejo e lula, pois ela sabia que eu adorava lula. Mesmo quando era pequena, eu separava a lula para comer por último. Susannah colocava a panela no meio da mesa, junto com algumas bisnagas crocantes de pão francês da padaria da vizinhança. Cada um de nós pegava um prato e o enchia diretamente da panela, com uma concha, durante todo o jantar. Susannah e minha mãe sempre tomavam vinho tinto, e nós, crianças, tomávamos Fanta uva, mas naquela noite, havia taças de vinho para todos.

— Acho que todos nós temos idade para tomar vinho agora, não acha, Laura? — disse Susannah, quando nos sentamos.

— Não sei se concordo com isso — começou mamãe, mas depois mudou de ideia. — Ah, está bem. Ótimo. Estou sendo conservadora, não é isso, Beck?

Susannah riu e tirou a rolha da garrafa.

— Você? Imagina, nunca — disse, colocando um pouco de vinho no copo de cada um. — Esta noite é especial. É a primeira noite do verão.

Conrad bebeu seu vinho em dois goles. Bebeu como se estivesse acostumado a beber vinho. Acho que muita coisa pode acontecer durante um ano. Ele disse:

— Esta não é a primeira noite do verão, mãe.

— Ah, é sim. O verão só começa quando nossos amigos chegam aqui — disse Susannah, estendendo a mão até o outro lado da mesa e tocando minha mão e a de Conrad.

Ele se afastou dela, bruscamente, quase sem querer. Susannah não pareceu notar, mas eu notei. Eu sempre prestava atenção em Conrad.

Jeremiah devia ter visto o gesto dele também, porque mudou de assunto.

— Belly, olha só minha mais nova cicatriz — disse, arregaçando a manga da camisa. — Marquei três gols naquela noite. — Jeremiah jogava futebol americano. E sentia orgulho das suas cicatrizes de batalha.

Eu me aproximei dele para dar uma boa olhada. Era uma cicatriz longa que estava começando a desaparecer, e atravessava a parte de baixo do abdômen. Claramente ele andava malhando. Seu abdômen estava liso e firme, e não era assim antes. Ele parecia maior do que Conrad agora.

— Uau — disse eu.

Conrad bufou.

— Jeremiah só quer exibir a pancinha dele — disse, partindo um pedaço de pão e mergulhando-o no seu prato. — Por que não mostra a todos nós, em vez de mostrar só a Belly?

— É, mostra pra gente, Jeremiah — disse Steven, sorrindo, brincalhão.

Jeremiah retribuiu o sorriso sarcástico. E disse para Conrad:

— Você só está com inveja porque desistiu. — Conrad tinha parado de jogar futebol? Aquilo era novidade para mim.

— Conrad, você parou, cara? — indagou Steven. Parece que era novidade também para Steven. Conrad era muito bom; Susannah costumava nos mandar recortes de jornal com fotos e artigos sobre os jogos. Ele e Jeremiah tinham jogado juntos nos últimos dois anos, mas Conrad era quem se destacava.

Conrad deu de ombros, indiferente. Seu cabelo ainda estava molhado da piscina, e o meu também.

— Começou a ficar chato — disse ele.

— O que ele quer dizer é que ele ficou chato — completou Jeremiah. Depois se levantou e tirou a camisa. — Bem legal, né?

Susannah deu uma gargalhada, e minha mãe também.

— Senta, Jeremiah — disse ela, sacudindo a bisnaga de pão para ele como se fosse uma espada.

— O que acha, Belly? — perguntou ele. E parecia que estava piscando, embora não estivesse.

— Bem legal — concordei, tentando não sorrir.

— Agora é a vez da Belly querer aparecer — disse Conrad, mordaz.

— Belly não precisa se exhibir. Todos podemos ver como ela está bela só de olhar — disse Susannah, bebericando o vinho e sorrindo para mim.

— Bela? Pois sim — disse Steven. — Ela é uma bela dor de cabeça, isso sim.

— Steven — ameaçou a mamãe.

— O que foi? O que eu disse de errado? — indagou ele.

— Steven é porco demais para entender o conceito de beleza — disse eu, numa voz bem suave. E empurrei o pão para ele. — Óinc, óinc, Steven. Coma mais pão.

— Não se importe se eu comer — disse ele, partindo um pedaço.

— Belly, me fala daquelas suas amigas supergostosas que você ficou de me apresentar — disse Jeremiah.

— Já não tentamos isso uma vez? — perguntei. — Não me diga que esqueceu da Taylor Jewel?

Todos deram gargalhadas, até o Conrad.

As faces do Jeremiah ficaram rosadas, mas ele também riu e balançou a cabeça.

— Jogo sujo, viu, Belly — disse ele. — Tem muitas meninas bonitinhas no clube, portanto não precisa se preocupar comigo. Preocupe-se com Con. Ele é que está precisando.

O plano original era tanto Jeremiah quanto Conrad trabalharem no clube como salva-vidas. Naquele verão, Jeremiah já tinha idade para fazer isso, mas Conrad tinha mudado de ideia na última hora, e decidido limpar mesas num bufê elegante de frutos do mar.

Nós costumávamos ir lá sempre. A refeição custava vinte dólares para crianças com menos de 12 anos. Houve *uma* época em que eu era a única que tinha menos de 12 anos. Minha mãe sempre avisava ao garçom que eu tinha direito ao desconto. Como uma questão de princípio. Toda vez que ela fazia isso, eu sentia vontade de sumir. Desejava ser invisível. Os meninos não diziam nada, embora pudessem ter dito, mas eu me sentia diferente, uma estranha, coisa que eu odiava. Detestava que me destacassem. Eu só queria ser igual a eles.



Capítulo seis

AOS ONZE ANOS

Logo de cara os garotos formaram uma frente unida. Conrad era o líder. Sua palavra era lei. Steven vinha logo abaixo dele, e Jeremiah era o bobo da corte. Naquela primeira noite, Conrad resolveu que os meninos iam dormir na praia em sacos de dormir e fazer uma fogueira. Ele era escoteiro; sabia como fazer esse tipo de coisa.

Assisti com inveja enquanto eles planejavam o acampamento. Principalmente quando embalaram as bolachas e *marshmallows*. Não levem a caixa inteira, senti vontade de dizer. Mas não disse, não era eu quem devia falar. Afinal, não era a minha casa.

— Steven, não esqueça a lanterna — orientou Conrad. Steven balançou a cabeça, concordando. Eu nunca o tinha visto obedecendo ordens antes. Ele admirava Conrad, que era oito meses mais velho do que ele; sempre tinha lido assim. Todos tinham companhia, menos eu. Desejei estar em casa fazendo sandaes de caramelo com meu pai e comendo-os no chão da sala de estar.

— Jeremiah, não se esqueça das cartas — acrescentou Conrad, enquanto enrolava um saco de dormir.

Jeremiah fez uma reverência e deu uns passos de dança, o que me fez rir.

— Sim, senhor! — E virou-se para mim no sofá, dizendo: — Conrad é mandão como nosso pai. Não se sinta na obrigação de atender às ordens dele, viu?

O fato de Jeremiah ter falado comigo me deu coragem suficiente para perguntar:

— Posso ir também? Na mesma hora Steven respondeu:

— Não. Só entra menino. Certo, Con? Conrad hesitou.

— Sinto muito, Belly — disse ele, e realmente fez cara de triste por um segundo. Talvez dois. Depois voltou a enrolar o saco de dormir.

Eu me virei e fiquei de frente para a TV.

— Tudo bem. Eu não ligo mesmo.

— Ihhh, cuidado, agora Belly vai chorar — disse Steven, todo satisfeito. Para Jeremiah e Conrad, ele continuou: — Quando ela não consegue o que quer, ela chora. Nosso pai sempre cai.

— Cala a boca, Steven! — gritei. Estava com medo de realmente começar a chorar. A última coisa que queria era abrir o berreiro na nossa primeira noite. Eles nunca iriam me levar a sério depois disso.

— Belly vai chorar — cantarolou Steven. Depois ele e Jeremiah começaram a dançar juntos.

— Deixem a menina em paz — disse Conrad.

Steven parou de dançar.

— Quê? — disse, confuso.

— Vocês são tão imaturos — disse Conrad, balançando a cabeça.

Eu os vi pegarem seus apetrechos e começarem a sair. Estava perdendo a chance de ir acampar, de ser parte da turma. Disse depressa:

— Steven, se não me deixar ir, vou contar à mamãe.

Steven fez uma careta.

— Não vai, não. Mamãe detesta quando você dedura a gente.

Era verdade, minha mãe detestava que eu dedurasse Steven por coisas assim. Dizia que ele precisava passar algum tempo com suas coisas, e que da próxima vez eu iria, que seria mais divertido ficar em casa com ela e Beck. Afundei no sofá, de braços cruzados. Tinha perdido minha chance. Agora só parecia uma dedo-duro, uma criancinha.

Ao sair, Jeremiah virou-se e fez uma dancinha para mim, e não consegui me conter: dei uma risada. Conrad olhou para trás e falou:

— Boa-noite, Belly.

E pronto. Estava apaixonada.



Capítulo sete

Eu não notei imediatamente que a família deles tinha mais dinheiro que a nossa. A casa de praia não era metida à besta. Era uma casa de veraneio comum, confortável e cheia de vida. Tinha velhos sofás forrados de um algodão macio e uma poltrona reclinável e barulhenta que as crianças sempre disputavam, paredes brancas descascadas e pisos de madeira manchados pelo sol.

Mas era uma casa grande, com espaço suficiente para todos nós e mais. Eles tinham construído um anexo anos antes. Em uma extremidade ficava o quarto da minha mãe, o quarto de Susannah e do Sr. Fisher e um quarto de hóspedes extra. Na outra ficava o meu quarto, mais um quarto de hóspedes e o quarto dos meninos, do qual eu tinha muita inveja. Eles tinham uma beliche e bicama no quarto, e eu detestava ter que dormir sozinha no meu, ouvindo-os, através da parede, dar risadinhas e cochichar a noite inteira. Às vezes os meninos me deixavam dormir lá, mas só quando tinham alguma história especialmente horripilante para contar. Eu era uma boa ouvinte. Sempre gritava nos momentos certos.

Depois que crescemos, os meninos deixaram de dormir juntos. Steven começou a dormir no lado da casa onde ficavam os quartos dos adultos e Jeremiah e Conrad dormiam cada um em um quarto do lado onde eu dormia. Os meninos e eu dividíamos o mesmo banheiro desde o começo. O nosso ficava na nossa parte da casa, e a minha mãe tinha um banheiro só dela; o da

Susannah era ligado ao quarto do casal. No nosso banheiro havia duas pias, uma para Jeremiah e Conrad, outra para Steven e para mim.

Quando éramos pequenos, os meninos nunca baixavam o assento do vaso, e ainda não baixam. Era um lembrete constante de que eu era diferente, que não era um deles. Mas pequenas coisas mudaram. Eles costumavam deixar o banheiro todo molhado, seja por fazerem guerra de água, seja por puro descuido. Agora que faziam a barba, deixavam a pia coberta de pelinhos. A pia vivia repleta de seus diferentes desodorantes, cremes de barbear e colônias,

Eles tinham mais perfumes do que eu — um frasco cor-de-rosa de perfume francês que meu pai comprou para me dar de presente no Natal em que eu tinha 13 anos. Tinha cheiro de baunilha, açúcar queimado e limão. Acho que foi a namorada universitária dele que escolheu — ele não era bom para essas coisas. De qualquer forma, eu não o deixava no banheiro, misturado com as coisas dos garotos. Colocava-o sobre a cômoda, no meu quarto, mas nunca o usava. Eu não sabia porque continuava trazendo-o.



Capítulo oito

Depois do jantar, fiquei sentada no sofá da sala, e Conrad também. Ele sentou diante de mim, tocando uns acordes no violão, com a cabeça baixa.

— Então, ouvi dizer que arranjou uma namorada — falei. — E ouvi dizer que estão namorando firme.

— Meu irmão fala demais. — Um mês antes de viajarmos para Cousins Beach, Jeremiah tinha ligado para Steven. Eles conversaram durante certo tempo, e eu ouvi o papo, escondida atrás da porta. Steven não disse muita coisa, mas parecia que a conversa era séria. Entrei no quarto dele de repente e lhe perguntei sobre o que estavam falando. Steven me acusou de ser uma enxerida, e então finalmente me contou que Conrad tinha uma namorada.

— E aí, como ela é? — Não olhei para ele ao perguntar isso. Tinha medo de que ele percebesse o quanto eu me importava.

Conrad pigarreou.

— Nós terminamos — disse.

Eu quase ofeguei. Meu coração deu um pulo.

— Sua mãe está certa, você é um destruidor de corações. — A intenção era que fosse uma piada, mas as palavras ressoaram no ar e na minha mente quase como uma declaração.

Ele estremeceu.

— Ela me deu o fora — disse, com a voz inexpressiva.

Não podia imaginar alguém terminando um namoro com Conrad. Fiquei imaginando como seria ela. De repente ela virou uma pessoa real e irresistível na minha cabeça.

— Qual era o nome dela?

— Qual a importância disso? —disse ele, mal-humorado. Depois, continuou — Aubrey. O nome dela é Aubrey.

— E por que ela terminou com você? — Não consegui me conter. Estava curiosa demais. Quem seria aquela menina? Imaginei alguém com cabelo louro bem claro e olhos turquesa, com unhas ovais e perfeitas. Sempre precisei manter as minhas curtas por causa do piano, e mesmo depois que parei de tocar continuei com as unhas curtas porque estava acostumada.

Conrad deixou o violão de lado e olhou para um ponto distante, meio tristonho.

— Ela disse que eu mudei.

— E você mudou?

— Não sei. Todo mundo muda. Você mudou.

— Como foi que eu mudei?

Ele deu de ombros e pegou o violão de novo.

— Como eu disse, todo mundo muda.

O Conrad tinha começado a tocar violão quando estava no final do ensino fundamental. Eu detestava quando ele tocava violão. Ele se sentava, tocando, prestando atenção pela metade, apenas meio presente. Cantarolava consigo mesmo, como se estivesse em outro lugar. Nós estávamos assistindo à TV ou jogando cartas e ele tocando o violão. Ou ia para o quarto, praticar. Para quê, eu não sabia. Tudo o que eu sabia era que isso o afastara de nós.

— Escuta só — disse ele uma vez, estendendo o fone pra eu escutar por um e ele pelo outro. Nossas cabeças se tocaram. — Não é incrível?

Era Pearl Jam. Conrad estava tão alegre e encantado como se os tivesse descoberto ele mesmo. Eu nunca tinha ouvido falar da banda, mas naquele instante era a melhor música que eu já tinha ouvido. Saí para comprar Ten e ouvi o disco repetidamente. Quando escutei a quinta faixa, "Black", foi como se eu estivesse lá, naquele momento, de novo.

Depois que o verão terminou e voltei para casa, fui à loja de instrumentos musicais e comprei partituras para aprender a tocar a música no piano. Achava que um dia ia poder acompanhar Conrad e poderíamos formar, tipo, uma banda. Era a ideia mais ridícula; a casa de verão nem mesmo tinha um piano. Susannah tentou comprar um para lá, para eu praticar, mas minha mãe não deixou.



Capítulo nove

À noite, quando não conseguia dormir, eu descia as escadas pé ante pé e ia nadar na piscina. Começava a percorrê-la de um extremo ao outro, dando voltas e mais voltas, até me cansar. Quando voltava para a cama, meus músculos estavam doloridos, mas também trêmulos e relaxados. Adorava me envolver em uma das imensas toalhas azuis de piscina da Susannah. Nunca tinha visto aquelas toalhas de piscina antes. E aí, pé ante pé, subia as escadas de novo e caía no sono com os cabelos ainda molhados. É tão bom dormir depois de sair da água. Não tem comparação.

Dois verões atrás, Susannah me viu na piscina e em algumas noites ela vinha nadar comigo. Eu estava debaixo d'água e então sentia que ela tinha mergulhado e começado a nadar do outro lado da piscina. Não conversávamos. Só dávamos, mas era reconfortante ela estar ali comigo, bi a única vez, naquele verão, em que a vi sem peruca.

Naquela época, por causa da quimioterapia, Susannah passava o tempo todo de peruca. Ninguém a via sem peruca, nem mesmo minha mãe. Susannah tinha cabelos lindíssimos. Longos, cor de caramelo, macios como algodão-doce. A peruca nem chegava aos pés dos seus cabelos de verdade, e olha que era de cabelos humanos e tudo, a melhor que se podia encontrar. Depois da quimioterapia, quando seus cabelos voltaram a crescer, ela passou a adotar um corte chanel curto, logo abaixo do queixo. Era bonito, mas não era a mesma

coisa de antes, quando seus cabelos eram longos como os de uma adolescente, Como os meus.

Na primeira noite daquele verão, não consegui dormir. Sempre levava uma ou duas noites para me acostumar de novo com a cama, embora tivesse dormido ali todos 08 verões da minha vida. Passei algum tempo rolando de um lado para outro, depois não aguentei mais. Vesti o meu velho maiô do time de natação, que mal cabia em mim, com listras douradas e corte nadador nas costas. Era minha primeira nadada noturna de verão.

Quando eu nadava sozinha à noite, tudo me parecia bem mais nítido. Ouvir a minha própria respiração me deixava mais calma, estável e forte. Como se eu pudesse nadar para sempre.

Dei algumas voltas, e na quarta, no início da virada, chutei algo sólido. Subi para tomar ar e vi que era a perna do Conrad. Ele estava sentado na beirada da piscina, com os pés mergulhados na água. Tinha me observado o tempo todo. E estava fumando um cigarro.

Fiquei imersa na água até o queixo, de repente consciente de como meu maiô estava pequeno demais para mim agora. Não ia sair da água enquanto ele estivesse ali.

— Quando você começou a fumar? — perguntei, em tom acusador. — E o que está fazendo aqui embaixo, aliás?

— Qual das duas perguntas quer que eu responda primeiro? — Tinha no rosto aquela expressão típica de diversão e condescendência, aquela que me deixava maluca.

Nadei até a parede e descansei os braços na beirada da piscina.

— A segunda.

— Não consegui dormir, então saí para dar um passeio — disse ele, dando de ombros. Estava mentindo. Ele tinha saído para fumar.

— Como soube que eu estava aqui fora? — perguntei.

— Você sempre nada aqui à noite, Belly. Pensa que não sei? — E deu uma tragada no cigarro.

Ele sabia que eu nadava à noite? Eu pensava que aquele era um segredo especial meu, meu e de Susannah. Há quanto tempo ele sabia? Será que todos sabiam? Eu nem sabia por que era importante, mas era. Para mim, era.

— Está bem. Então quando começou a fumar?

— Não sei. No ano passado, talvez. — Estava sendo vago de propósito. Era enlouquecedor.

— Pois não devia. Devia parar agora mesmo. Está viciado?

Ele riu.

— Não.

— Então pare. Se resolver parar, sei que consegue. — Se ele resolvesse, podia fazer qualquer coisa.

— Talvez eu não queira.

— Devia, Conrad. Fumar é horrível para a saúde.

— O que vai me dar se eu parar? — indagou ele, me provocando. E segurou o cigarro no ar, acima da lata de cerveja.

O ar de repente pareceu mudar. Senti que ficou carregado, elétrico, como se eu tivesse sido atingida por um raio. Soltando a beirada da piscina, comecei a nadar, com a cabeça para fora d'água, para longe dele. Parecia que havia se passado uma eternidade antes que eu respondesse:

— Nada — disse eu. — Devia parar por si mesmo.

— Tem razão — disse, e o momento passou. Ele se levantou e apagou o cigarro no alto da lata. — Boa noite, Belly. Não fique aí até muito tarde. Nunca se sabe que monstros estão à solta por aí à noite.

Tudo pareceu ficar normal de novo. Joguei água em suas pernas quando ele se afastou.

— Vai se ferrar — disse para as suas costas.

Há muito tempo, Conrad, Jeremiah e Steven tinham me convencido de que havia um assassino de crianças à solta, do tipo que gostava de menininhas rechonchudas com cabelos castanhos e olhos azul-acinzentados.

— Espere! Vai parar ou não? — gritei.

Ele não respondeu. Só riu. Era capaz de jurar que ele tinha feito isso, pela forma como deu de ombros, quando fechou o portão.

Depois que ele se afastou, voltei a cair na água e boiei. Sentia as batidas do meu coração nas orelhas. Ele pulsava, bum-bum-bum, como um metrônomo. Conrad estava diferente. Eu tinha percebido alguma coisa até durante o jantar, antes de ele me falar da Aubrey. Ele havia mudado. E mesmo assim, ele ainda me fazia sentir o mesmo que antes. Eu me sentia exatamente do mesmo jeito. Era como se estivesse no alto da montanha-russa do parque de diversões, prestes a descer a primeira rampa.



Capítulo dez

— Belly, você já ligou para o seu pai? — perguntou minha mãe.

— Não.

— Acho que você deveria ligar para ele e conversar com ele sobre o seu verão.

Revirei os olhos.

— Duvido que ele esteja preocupado com isso.

— Mesmo assim.

— Você mandou Steven ligar para ele? — argumentei.

— Não mandei, não — disse ela, sem se alterar. — Seu pai e Steven vão passar duas semanas juntos procurando faculdades. Mas você só vai revê-lo no final do verão.

Por que ela sempre tinha que ser tão sensata? Tudo era assim com ela. Minha mãe era a única pessoa que eu conhecia que era capaz de ter um divórcio sensato.

Minha mãe se levantou e me entregou o telefone. — Ligue para o seu pai — disse ela, saindo da sala. Sempre saía da sala quando eu ligava para o meu pai, como se estivesse querendo me dar privacidade. Como se houvesse segredos que eu precisasse contar ao meu pai que não pudesse contar na frente dela.

Não telefonei. Recoloquei o fone no gancho. Ele é que devia me telefonar. Não eu. Ele era o pai, eu era a filha. E, além disso, a casa de verão não era lugar para pais. Nem para o meu pai nem para o Sr. Fisher. Certamente eles podiam ir lá nos visitar, mas não era o lugar deles. Não pertenciam àquele lugar. Não tanto quanto nós, as mães e os filhos, pertencíamos.



Capítulo onze

AOS NOVE ANOS

Estávamos jogando cartas na varanda, e minha mãe e Susannah estavam bebendo margaritas e jogando seu próprio jogo de cartas. O sol estava começando a se pôr, e logo as mães iriam ter que entrar, cozinhar milho verde e preparar cachorros-quentes. Mas ainda não. Primeiro, elas precisavam terminar o jogo de cartas.

— Laurel, porque você chama minha mãe de Beck, quando todas as outras pessoas a chamam de Susannah? — indagou Jeremiah. Ele e meu irmão eram uma dupla, e estavam perdendo. Jeremiah se entediava quando jogava cartas e vivia procurando algo mais interessante para fazer, e sobre o que conversar.

— Porque o nome de solteira dela é Beck — explicou minha mãe, apagando um cigarro. Elas só fumavam quando estavam juntas, portanto era uma ocasião especial. Minha mãe dizia que fumar com Susannah a fazia sentir-se jovem de novo. Eu dizia que isso iria encurtar sua vida, mas ela desconsiderava minhas preocupações, e me chamava de pessimista.

— O que é nome de solteira? — indagou Jeremiah. Meu irmão deu um tapinha no leque de cartas que Jeremiah estava segurando, para que ele se concentrasse no jogo de novo, mas Jeremiah o ignorou.

— É o nome de uma mulher antes de ela se casar, bobão — disse Conrad.

— Não o chame de bobão, Conrad — disse Susannah, automaticamente, organizando suas cartas.

— Mas por que ela teve que mudar de nome? — perguntou Jeremiah.

— Ela não precisa. Eu não mudei, Meu nome é Laurel Dunne, o mesmo desde o dia em que nasci. Legal, né? — Minha mãe gostava de se sentir superior a Susannah por não ter mudado o nome. — Afinal de contas, por que a mulher deveria mudar seu nome por causa de um homem? Não deveria.

— Laurel, por favor, cale a boca — disse Susannah, jogando algumas cartas na mesa. — *Gin*.

Minha mãe suspirou e baixou o jogo também.

— Não quero jogar mais jogar gm. Vamos jogar outra coisa. Vamos jogar *go fish*¹ com as crianças.

— Que má perdedora — disse Susannah.

— Mamãe, não estamos jogando *go fish*. Estamos jogando copas, e você não pode jogar porque sempre tenta roubar — falei. Conrad era meu parceiro, e eu tinha certeza absoluta de que íamos vencer. Tinha escolhido Conrad de propósito. Conrad era bom em vencer. Ele nadava mais rápido, era o melhor em *bodyboarding* e lempre, sempre ganhava no baralho.

Susannah bateu palmas e riu.

— Laurel, essa menina é igualzinha a você.

Minha mãe respondeu:

— Não, Belly é bem filha do pai. — Aí elas se entreolharam daquele jeito secreto que me fazia sentir vontade de dizer: "O que foi, o que foi?" Mas eu sabia que a minha mãe jamais me contaria. Ela guardava segredos, sempre foi assim. E eu pensei que realmente me pareço com meu pai: tinha seus olhos, com os cantos meio puxados para cima, uma versão menor e feminina do seu nariz, seu queixo saliente. Só tinha as mãos da minha mãe.

Então aquele momento passou e Susannah sorriu para mim, dizendo:

— Você tem toda a razão, Belly. Sua mãe rouba no jogo. Ela sempre roubou jogando copas. Quem rouba não prospera crianças.

1N. do E.: Popular entre crianças, o *go fish* é um jogo de cartas simples no qual o baralho é dividido entre os jogadores e o objetivo é pegar quatro cartas de cada número para marcar pontos. O jogador da vez escolhe uma carta e pergunta se algum outro jogador tem uma carta igual. Se tiver, ele fica com a carta do adversário.

Susannah sempre nos chamava de crianças, mas o engraçado é que não me incomodava. Normalmente me incomodaria. Mas o modo como Susannah dizia isso não era ruim, como se fôssemos umas criancinhas bobocas. Em vez disso, parecia que ainda tínhamos a vida toda pela frente.



Capítulo doze

O Sr. Fisher aparecia de vez em quando durante o verão, num fim de semana ocasional e sempre na primeira semana de agosto. Era banqueiro, e escapar do trabalho por um tempo maior era, segundo ele, simplesmente impossível. E de qualquer maneira era muito melhor quando ele não estava por perto, quando ficávamos só nós. Quando o Sr. Fisher vinha à cidade, o que não era frequente, eu procurava me comportar melhor. Todos tentavam. Quero dizer, com exceção da Susannah e da minha mãe, é claro. O engraçado era que minha mãe conhecia o Sr. Fisher há tanto tempo quanto Susannah, pois os três tinham estudado na mesma faculdade, que era uma instituição pequena.

Susannah sempre me dizia para chamar o Sr. Fisher de "Adam", mas jamais consegui fazer isso. Sr. Fisher era o que me parecia mais adequado, e portanto era assim que o chamava, e era assim que Steven o chamava também.

O que alguma coisa nele fazia as pessoas o chamarem assim, e não só as crianças. Acho que ele preferia que o amassem assim.

Ele chegava na hora do jantar na noite de sexta, e nós esperávamos por ele. Susannah preparava seu drinque preferido, para estar pronto quando ele chegasse, bourbon com gengibre. Minha mãe a provocava por esperar por ele, mas Susannah não se incomodava. Minha mãe também provocava o Sr. Fisher, aliás. Ele também a provocava. Talvez provocar não fosse a palavra

certa. Era mais uma implicância. Eles implicavam muito um com o outro, mas também sorriam. Era engraçado: minha mãe e meu pai raramente brigavam, mas também nunca sorriam.

Acho que o Sr. Fisher era bonitão, para um pai. Ele era mais bonito que meu pai, com certeza, mas também mais frívolo do que ele. Eu não sei se ele era tão bonito quanto Susannah, mas podia ser que eu pensasse assim porque amava Susannah mais do que amava quase qualquer outra pessoa, e quem poderia se comparar a alguém assim? Às Vezes é como se as pessoas fossem um milhão de vezes mais belas na nossa cabeça, como se as víssemos através de uma lente especial. Mas, por outro lado, se é assim que as vemos, talvez seja assim que elas realmente são. É tipo aquela história da árvore caindo na floresta sem ninguém por perto para ouvi-la e tal.

O Sr. Fisher nos dava uma nota de vinte dólares sempre que íamos a qualquer lugar. Conrad era quem cuidava disso.

— Para o sorvete — dizia ele. — Compre algum doce.

Algum doce. Sempre algum doce. Conrad o adorava. Seu pai era seu herói. E foi durante muito tempo. Mai tempo do que para a maioria das pessoas. Acho que meu pai parou de ser meu herói quando o vi com uma de suas alunas de PhD depois que ele e minha mãe se separaram. Ela nem era bonita.

Seria fácil culpar meu pai por tudo, pelo divórcio, pelo apartamento novo. Mas se eu culpava alguém, esse alguém era minha mãe. Por que era tão calma, tão plácida? Pelo menos meu pai chorou. Pelo menos ele sofreu. Minha mãe não disse nada, não revelou nada. Nossa família se desintegrou e ela só continuou vivendo. Não estava certo.

Quando voltamos da praia naquele verão, meu pai já tinha se mudado: suas primeiras edições dos livros do Hemingway, seu tabuleiro de xadrez, seus CDs do Billy Joel, Claude. Claude era o gato dele, e pertencia ao meu pai de uma forma que não pertencia a ninguém mais. Era justo ele ficar com Claude. Mesmo assim, fiquei triste. De certa forma Claude ter ido embora era quase pior do que meu pai ter ido embora, porque a maneira como Claude vivia em nossa casa era tão permanente, habitando todos os cantos do apartamento... Era como se fosse o dono do lugar.

Meu pai me levou para almoçar no Applebee's e me disse, pedindo desculpas:

— Desculpe eu ter levado Claude. Sente saudade dele?

— Ele passou a maior parte do almoço com a barba, que estava deixando crescer, suja de molho. Detestei aquilo. A barba era irritante; o almoço era irritante.

— Não — disse, mal tirando os olhos da minha sopa. — Ele é seu mesmo.

Então meu pai ficou com o Claude, e minha mãe, com ele e eu. Deu certo para todos. Nós costumávamos visitar nosso pai na maioria dos fins de semana. Ficávamos ele no seu novo apartamento que cheirava a mofo, mais incenso que ele acendesse.

Eu detestava incenso, assim como minha mãe. Me la espirrar. Acho que poder acender todo o incenso quisesse fazia meu pai se sentir mais independente e hipnótico no seu novo apê, como ele o chamava. "Andou acendendo incenso aqui?", eu perguntava. Será que já tinha se esquecido da minha alergia?

Sentindo-se culpado, meu pai admitia que sim, que tinha acendido incenso, mas não acenderia mais. Mas continuava acendendo. Acendia quando eu não estava por perto, na janela, mas mesmo assim eu sentia o cheiro.

Era um apartamento de dois quartos; ele dormia no quarto maior e eu no outro, em uma caminha de solteiro com lençóis cor-de-rosa. Meu irmão dormia no sofá- cama, do que, aliás, eu sentia inveja, porque ele podia ficar assistindo tevê até mais tarde. Meu quarto só tinha a cama e uma cômoda branca que eu mal usava. Só uma gaveta tinha roupas dentro. O resto estava vazio. Havia uma estante também, com livros que o meu pai tinha comprado para mim. Meu pai vivia me comprando livros. Torcia para que eu me tornasse uma intelectual como ele, alguém que amava palavras, amava ler. Eu gostava de ler, mas não da forma como ele queria. Não para ser uma erudita. Gostava de romances, não de não ficção. E detestava aqueles lençóis ásperos cor-de-rosa. Se ele tivesse pedido minha opinião, eu escolheria amarelo, não rosa.

Mas ele se esforçava. Do seu jeito, ele se esforçava. Comprou um piano de segunda mão e arranjou um jeito de encaixá-lo na sala de jantar, só para

mim. Para eu poder praticar mesmo quando ia visitá-lo, foi o que disse. Só que eu quase nunca fazia isso, porque o piano estava desafinado e eu nunca tive coragem de dizer isso a ele.

E era por esse motivo também que eu vivia esperando pelo verão. Significava que eu não teria que ficar no apartamentozinho triste do meu pai. Não que eu não gostasse de visitá-lo; eu gostava, sentia muita saudade dele. Mas o apartamento era deprimente. Desejava poder vê-lo lá em casa, na nossa verdadeira casa. Desejava que tudo fosse como antes. E como minha mãe ficava conosco durante a maior parte do verão, ele levava Steven e eu para viajar quando voltávamos. Em geral para a Flórida, para visitar nossa avó. Nós a chamávamos de Ganna. Era uma viagem deprimente também; Ganna passava o tempo todo tentando convencer meu pai a voltar com minha mãe, que ela adorava.

— Tem falado com Laurel ultimamente?—perguntava, mesmo bem depois do divórcio.

Eu detestava ouvi-la importunando meu pai; ele não tinha controle nenhum sobre aquilo. Era humilhante, porque minha mãe é que tinha rompido com ele. Tinha sido ela quem tinha dado entrada no divórcio, tinha tratado de tudo. Eu tinha certeza disso. Meu pai ficaria perfeitamente satisfeito vivendo como sempre, morando no nosso apartamento azul com Claude e todos os seus livros. Meu pai me disse uma vez que Winston Churchill ha afirmado que a Rússia era uma charada, envolta em mistério, dentro de um enigma. De acordo com meu pai, Churchill estava falando da minha mãe. Isso foi antes do divórcio, e ele disse aquilo com um pouco de amargura, e Um pouco de respeito. Porque, mesmo quando a odiava, ele a admirava.

Acho que ele teria passado a vida inteira ao lado dela, tentando desvendar o mistério. Ele adorava solucionar charadas, o tipo de pessoa que adora teoremas, teorias. X sempre tinha que ser igual a alguma coisa. Não podia ser apenas X.

Para mim, minha mãe não era tão misteriosa. Ela era minha mãe. Sempre racional, sempre segura de si. Para mim, ela era tão misteriosa quanto um copo d'água. Ela sabia o que queria e o que não queria. E não queria estar casada

com meu pai. Não sei se minha mãe deixou de amá-lo ou se nunca sentiu nada por ele.

Enquanto estávamos na casa da minha avó, minha mãe fazia uma das suas viagens. Ia para lugares distantes, como a Hungria ou o Alasca. Sempre ia sozinha. Tirava fotos, mas eu nunca pedi para vê-las, e ela nunca perguntou se eu queria.



Capítulo treze

Eu estava sentada em uma cadeira comendo torrada e lendo uma revista, quando minha mãe saiu e veio sentar-se ao meu lado. Ela estava com aquela expressão séria no rosto, aquela expressão de determinação, aquela de quando queria ter uma conversa de mãe para filha. Eu temia aquelas conversas tanto quanto temia a minha menstruação.

— O que vai fazer hoje? — perguntou ela, casualmente.

Meti o resto da torrada na boca.

— Isso?

— Talvez possa começar sua leitura de verão para o curso de inglês avançado — disse ela, estendendo a mão e limpando algumas migalhas do meu queixo.

— É, eu estava pensando nisso — concordei, embora não tivesse pensado.

Minha mãe limpou a garganta.

— Conrad está usando drogas? — indagou ela.

— Quê?

— Conrad está usando em drogas? Eu quase engasguei.

— Não! Por que está me perguntando isso? Conrad fala comigo. Pergunte a Steven.

— Eu já perguntei. Ele não sabe. Ele não mentiria — disse ela, me olhando desconfiada.

— E eu também não!

Minha mãe suspirou.

— Eu sei. Beck está preocupada. Ele vem agindo de forma meio estranha ultimamente. Parou de jogar futebol...

— Eu parei de dançar — falei, revirando os olhos. — E você não me vê por aí com um cachimbo de crack.

Ela franziu os lábios.

— Promete que vai me contar se souber de alguma coisa?

— Não sei... — disse, para provocá-la. Eu não precisava prometer a ela. Sabia que Conrad não estava usando drogas. Uma cerveja era uma coisa, mas ele jamais usara drogas. Eu apostaria minha vida nisso.

— Belly. É sério.

— Mãe, calma. Ele não está usando drogas. E você, quando foi que começou a bancar a policial, hein? Olha quem fala. — E lhe dei uma cotovelada de leve, só de brincadeira.

Ela disfarçou um sorriso e balançou a cabeça.

— Não começa.



Capítulo quatorze

AOS TREZE ANOS

Da primeira vez que elas fizeram isso, pensaram que não sabíamos. Aliás, foi burrice delas, porque foi em uma das raras noites em que tínhamos ficado todos em casa. Estávamos na sala de estar. Conrad estava escutando música com fones de ouvido e Jeremiah e Steven estavam jogando videogame. Eu estava sentada na poltrona esperta lendo *Emma*, principalmente porque achava que aquilo ia me fazer parecer esperta, não exatamente porque estivesse gostando. Se quisesse mesmo ler, teria me trancado no quarto e lido *O jardim dos esquecidos*, ou alguma coisa assim, não Jane Austen.

Acho que Steven foi quem sentiu primeiro o cheiro. Ele olhou ao redor, farejando o ar como um cachorro e depois disse:

— Vocês estão sentindo esse cheiro?

— Eu disse para não comer feijão, Steven — disse Jeremiah, sem tirar os olhos da tela da televisão. Soltei uma risadinha. Só que o cheiro não era de pum, eu também estava sentindo. Era maconha.

— É maconha — falei, bem alto. Queria identificar o cheiro antes de todos, para provar como era sofisticada e experiente.

— De jeito nenhum — disse Jeremiah.

Conrad tirou os fones e disse:

— Belly tem razão. É mesmo maconha.

Steven parou o jogo e virou para me olhar.

— Como você sabe como é o cheiro de maconha, Belly? — indagou, desconfiado.

— Porque eu fico doidona o tempo todo, Steven. Sou uma maconheira. Não sabia? — Eu detestava quando ele dava uma de irmão mais velho para cima de mim, principalmente na frente de Conrad e Jeremiah. Era como se estivesse tentando me fazer sentir uma criancinha de propósito.

Ele fingiu não ter ouvido a resposta.

— Está vindo lá de cima?

— É da minha mãe — disse Conrad, recolocando os fones. — Ela usa por causa da quimioterapia.

Jeremiah não sabia, pude perceber. Não disse nada, mas parecia confuso e até magoado, pelo modo como coçou a parte de trás do pescoço e olhou para um ponto indefinido por um instante. Steven e eu nos entreolhamos. Ficávamos sem jeito toda vez que se falava no câncer da Susannah, pois não éramos da família e tudo mais. Nunca sabíamos o que dizer, então não dizíamos nada. Durante a maior parte do tempo, fingíamos que nada daquilo estava acontecendo, como Jeremiah.

Mas minha mãe não fingia. Ela era muito prática e agia tranquilamente, como sempre fazia com tudo. Susannah dizia que minha mãe a fazia se sentir normal. Minha mãe era boa nisso, em fazer as pessoas se sentirem normais. Seguras. Como se, enquanto ela estivesse perto, nada de realmente mal pudesse ocorrer.

Quando elas desceram as escadas, algum tempo depois, estavam soltando risadinhas como duas adolescentes que tinham roubado uísque da despensa dos pais. Claramente, minha mãe também tinha fumado um pouco da erva de Susannah.

Steven e eu nos entreolhamos de novo, dessa vez horrorizados. Minha mãe era provavelmente a última pessoa do mundo que fumaria maconha, com exceção da nossa avó, mãe dela.

— Vocês comeram o Cheetos todo, crianças? — perguntou minha mãe, revistando um armário da cozinha. — Estou morrendo de fome.

— Comemos — disse Steven. Nem mesmo conseguia olhar para ela.

— E aquele saco de Fritos? Pega esse — ordenou Susannah, que veio para trás da minha poltrona. Ela tocou meus cabelos de leve, o que adorei. Susannah era bem mais carinhosa que minha mãe, e vivia dizendo que era a filha que ela nunca teve. Ela adorava me dividir mamãe, e mamãe não se importava. Nem eu. — O que está achando de *Emma* até agora? — indagou ela, Susannah tinha um jeito de se concentrar na gente já fazia qualquer um se sentir a pessoa mais interessante da sala.

Abri a boca para mentir, dizendo o quanto o livro era ótimo, mas antes que pudesse falar, Conrad disse bem alto.

— Faz mais de uma hora que ela não sai dessa página.

Ele ainda estava de fones de ouvido.

Olhei para ele furiosa, mas por dentro fiquei emocionada por ele ter notado. Afinal, ele estava *me* observando. Mas claro que sim, ele observava tudo. Conrad notava se o cachorro do vizinho tinha mais remela no olho direito do que no esquerdo, ou se o entregador de pizza estava dirigindo um carro diferente. Não era exatamente lisonjeiro ser observada por Conrad. Era perfeitamente normal.

— Vai adorar depois que a leitura engrenar — garantiu-me Susanna, ajeitando minha franja na testa.

— Sempre leva um certo tempo para eu me concentrar em um livro — falei, de um jeito que deu a impressão de que estava me desculpando. Não queria que ela se sentisse mal, considerando que ela havia recomendado o livro para mim.

Então minha mãe entrou na sala com um pacote de Twizzlers e o saco de Fritos pela metade. Jogou um Twizzler para Susannah e disse, meio devagar:

— Pega!

Susannah estendeu o braço, mas o doce caiu no chão e ela riu ao pegá-lo.

— Que desastrada, eu — falou, mastigando a ponta do canudo de alcaçuz como se fosse uma haste de palha e ela fosse uma caipira. — O que deu em mim?

— Mamãe, todos nós sabemos que vocês estavam fumando maconha lá em cima — disse Conrad, balançando ligeiramente a cabeça ao ritmo da música que só ele podia ouvir.

Susannah levou uma das mãos à boca. Não disse nada, mas fez uma cara de quem estava realmente envergonhada.

— Opa! — disse mamãe. — Acho que agora não dá mais para esconder, Beck. Meninos, sua mãe anda fumando maconha para combater a náusea da quimioterapia.

Steven não tirou os olhos da tela de TV ao dizer:

— E você, mãe? Está fumando por causa da quimioterapia, também?

Eu sabia que ele estava tentando melhorar o clima, e conseguiu. Steven era bom nisso.

Susannah prendeu o riso, e minha mãe jogou um Twizzler na nuca do Steven.

— Engraçadinho. Estou dando apoio moral à minha melhor amiga neste mundo. Há coisas piores.

Steven pegou o Twizzler e o limpou antes de colocá-lo na boca.

— Então acho que não tem problema se eu fumar também tem?

— Quando tiver câncer de mama, pode ficar à vontade — disse minha mãe, trocando sorrisos com Susannah, sua melhor amiga neste mundo.

— Ou quando sua melhor amiga tiver — disse Suzannah.

Durante todo esse tempo Jeremiah continuou calado, ficava olhando para Susannah e depois para a TV, como se estivesse com medo de que ela desaparecesse enquanto ela lhe desse as costas.

Nossas mães achavam que estávamos todos na praia naquela tarde. Não sabiam que Jeremiah e eu tínhamos ficado de saco cheio e decidido voltar para casa e comer alguma coisa. Quando subimos os degraus da varanda, Ouvimos as duas conversando através da janela. Jeremiah parou quando ouviu Susannah dizer:

— Laurel, eu me odeio por pensar assim, mas quase penso que preferia morrer a perder o seio. — Jeremiah prendeu a respiração e só ficou ali parado, escutando. Depois se sentou, e fez o mesmo.

Minha mãe respondeu:

— Sabe que não está falando sério.

Eu detestava quando minha mãe dizia isso, e achei que Susannah também não tinha gostado, porque ela respondeu:

— Não venha me dizer se estou falando sério ou não. — E nunca tinha ouvido Susannah falar assim antes, de um jeito tão ríspido e raivoso.

— Está bem, está bem. Não vou dizer.

Então Susannah começou a chorar. E, embora não pudéssemos vê-las, eu sabia que minha mãe estava esfregando as costas da Susannah, desenhando círculos amplos, da mesma forma que fazia comigo quando eu estava chateada.

Eu desejava poder fazer isso por Jeremiah. Sabia que isso o faria se sentir melhor, mas não consegui. Em vez disso, peguei a mão dele e a apertei com força. Ele não me olhou, mas também não tirou a mão. Foi nesse momento que nos tornamos amigos mesmo, de verdade.

Então minha mãe disse, naquela sua voz seríssima, sem emoção:

— Os seus peitos são mesmo muito maneiros.

Susannah desatou a dar gargalhadas que pareciam com gritos de focas, e depois começou a rir e a chorar ao mesmo tempo. Tudo ia dar certo. Se minha mãe estava falando besteira, se Susannah estava rindo, tudo acabaria bem.

Soltei a mão do Jeremiah e me levantei. Ele também se levantou. Fomos até a praia, calados. O que eu poderia dizer? “Sinto muito porque sua mãe tem câncer?” ou “Espero que ela não perca um dos peitos”?

Quando voltamos para nosso trecho da praia, Conrad e Steven tinham acabado de sair da água com as suas pranchas de *bodyboarding*. Nós continuávamos calados, e Steven notou. Acho que Conrad também, mas ele não disse nada. Foi Steven quem perguntou:

— Que houve com vocês?

— Nada — respondi, sentando e abraçando os joelhos.

— Você se beijaram pela primeira vez ou coisa assim? — disse ele, sacudindo a água da bermuda em cima dos meus joelhos.

— Cala a boca — disse-lhe eu. Senti vontade de puxar a bermuda dele para baixo só para mudar de assunto.

O verão anterior, os meninos estavam com mania de puxar o calção um do outro em público. Eu nunca tinha participado, mas naquele momento quis muito fazer isso.

— Ahhh! Eu sabia! — disse ele, dando um cutucão no meu ombro. Sacudi o corpo para me livrar dele, e lhe disse para se calar de novo. Ele começou a cantarolar:

— Amor de verão... Me diverti demais, amor de verão, passou tão rápido...

— Steven, para de babaquice — disse eu, virando-me para balançar a cabeça e revirar os olhos para o Jeremiah.

Mas aí o Jeremiah se levantou, sacudiu a areia da bermuda e começou a andar para a água e se afastar de nós e da casa.

— Jeremiah, está menstruado ou alguma coisa assim? Eu só estava brincando, cara! — gritou Steven para ele. Jeremiah não se virou; só continuou andando pela praia. — Qual é!

— Deixa ele em paz — disse Conrad. Os dois nunca tinham parecido ser particularmente próximos, mas havia horas em que eu via como eles se entendiam bem, e aquele foi um desses momentos. Ver Conrad protegendo Jeremiah me fez sentir um amor imenso por ele, parecia até uma onda subindo dentro do meu peito e se espalhando pelo meu corpo todo. E isso me fez sentir culpada, porque como podia estar alimentando uma paixão assim, enquanto Susannah estava com câncer?

Eu sabia que Steven tinha se mancado, e também que tinha ficado confuso. Jeremiah não costumava se isolar de todos assim. Era sempre o primeiro a rir, a retribuir as brincadeiras.

E sentindo vontade de jogar sal na ferida, eu disse:

— Você é um babaca, Steven.

Steven me olhou, boquiaberto.

— Eu hein, o que eu fiz?

Ignorei o que ele tinha falado e caí na toalha de praia, fechando os olhos. Queria os fones de ouvido de Conrad emprestados. Queria me esquecer de que aquele dia tinha acontecido.

Mais tarde, naquela noite quando Conrad e Steven decidiram ir pescar, Jeremiah recusou o convite, muito embora pescar à noite fosse a coisa que ele mais adorava. Vivia tentando convencer os outros a irem com ele. Naquela noite, ele disse que não estava a fim. Então eles foram, e Jeremiah ficou em casa, comigo. Assistimos à TV e jogamos cartas. Passamos a maior parte do verão fazendo isso, só nós dois. Solidificamos nosso relacionamento durante aquele verão. Ele me acordava bem cedo algumas manhãs, e íamos catar conchas ou caranguejos ou andar de bicicleta até a sorveteria a quatro quilômetros e meio de distância dali. Quando estávamos sozinhos, ele não brincava tanto, mas ainda era Jeremiah.

Daquele verão em diante, me senti mais próxima do Jeremiah do que do meu próprio irmão. Jeremiah era mais legal. Talvez porque também fosse o caçula de outra família, ou talvez porque era assim mesmo. Era legal com todo mundo. Tinha o dom de deixar as pessoas à vontade.



Capítulo quinze

Estava chovendo fazia três dias. Por volta das quatro da tarde, naquele dia, Jeremiah já estava subindo pelas paredes. Ele não era o tipo de pessoa que ficava em casa muito tempo; estava sempre em movimento. Sempre a caminho de algum lugar novo. Disse que não aguentava mais e perguntou se alguém queria ir ao cinema. Além do *drive-in*, só havia um cinema em Cousins, que ficava num shopping.

Conrad estava no seu quarto, e quando Jeremiah subiu e o convidou para ir, ele disse não. Estava passando muito tempo sozinho, no seu quarto, e eu era capaz de jurar que aquilo deixava Steven magoado. Conrad não parecia se importar com o fato de que Steven iria embora mais cedo de Cousins, para viajar com nosso pai para conhecer faculdades. Quando Conrad não estava trabalhando, estava ocupado demais tocando violão e escutando música.

Sobramos Jeremiah, Steven e eu. Convenci os meninos a irem ver uma comédia romântica sobre duas pessoas que passeavam com cachorros pelo mesmo percurso e acabavam se apaixonando um pelo outro. Era o único filme naquele horário, o outro só começaria dali a uma hora. Mais ou menos cinco minutos depois de o filme começar, Steven se levantou, enojado.

— Não dá pra ver isso — disse ele. — Você vem, Jeremiah?

Jeremiah respondeu:

— Não, vou fazer companhia a Belly.

Steven fez cara de surpresa. Depois deu de ombros e falou:

— A gente se encontra na saída.

Eu também me surpreendi. O filme era mesmo horrível.

Pouco depois que Steven saiu, um grandalhão se sentou bem na minha frente.

— Quer trocar de lugar? — murmurou ele.

Pensei em responder com o velho "tudo bem, não tem problema", mas decidi aceitar. Afinal, era Jeremiah que estava fazendo aquela oferta. Eu não precisava ser educada. Então, em vez de mentir, agradeci a ele, e trocamos de lugar. Para ver a tela, Jeremiah precisou esticar o pescoço para a direita e se encostar em mim. Seu cabelo cheirava a pera hosui, àquele xampu caro que Susannah usava. Era engraçado. Ele agora era um cara alto, musculoso, jogador de futebol, e tinha um cheiro tão doce. Toda vez que ele se aproximava de mim, eu sentia o perfume do cabelo dele. Desejei que meu cabelo tivesse um cheiro tão bom.

Lá pelo meio do filme, Jeremiah se levantou de repente. Saiu por alguns minutos. Quando voltou, estava com um refrigerante e um pacote de canudos de alcaçuz Twizzlers nas mãos. Fui pegar o refrigerante para tomar um gole, Bias não vi o canudo.

— Você esqueceu os canudos — falei.

Ele rasgou o plástico do pacote de Twizzlers e removeu a dentadas as pontas de dois doces. Depois os mergulhou no copo. Deu um sorriso largo. Parecia superorgulhoso de si mesmo. Eu tinha me esquecido dos nossos canudos feitos com Twizzlers. Costumávamos fazer isso o tempo todo.

Tomamos o refrigerante pelos Twizzlers ao mesmo tempo, como em um comercial da Coca-Cola da década de 1950. As cabeças baixas, as testas quase se tocando. Comecei até a pensar que as pessoas iam desconfiar que éramos namorados.

Jeremiah me olhou e sorriu daquele seu jeito, e de repente eu tive um pensamento maluco. Pensei: *Jeremiah Fisher quer me beijar.*

Isso era loucura! Aquele era Jeremiah. Ele nunca olharia para mim pensando isso, e, quanto a mim, era de Conrad que eu gostava, mesmo

quando ele agia de maneira mal-humorada e inacessível, como no momento. Sempre tinha sido Conrad. Eu nunca tinha pensado em namorar Jeremiah, não com Conrad por perto. E claro que Jeremiah nunca tinha me visto dessa maneira também. Ele era meu parceiro. Eu era sua colega de cinema, a menina com quem ele dividia o banheiro, a quem fazia confidências. Eu não era a menina que ele beijava.



Capítulo dezesseis

AOS QUATORZE ANOS

Eu sabia que era um erro trazer Taylor. Eu sabia. Sabia e mesmo assim a trouxe. Taylor Jewel, minha melhor amiga. Os meninos da nossa turma a chamavam de Jewel, coisa que ela fingia detestar, mas que na verdade adorava.

Taylor costumava dizer que, toda vez que eu voltava da casa de praia, precisava reconquistar minha amizade. Ela precisava me obrigar a querer estar ali, na minha vida real, indo à escola e convivendo com os meninos e amigos da escola. Tentava arranjar encontros para mim com o amigo mais bonitinho do cara pelo qual ela tinha uma paixãoite na época. Eu aceitava o convencimento, e às vezes íamos ao cinema, ou à Waffle House, mas eu nunca estava presente de verdade, por completo. Aqueles meninos nem sequer chegavam aos pés do Conrad ou do Jeremiah, portanto, para que tentar?

Taylor sempre era a amiga bonita, que os meninos queriam levar para sair. Eu era a engraçada, a que fazia os garotos rirem. Achei que trazendo Taylor, eu estaria provando que também era bonita. Entende? Eu sou como ela; somos iguais. Mas não éramos, e todos sabiam disso. Eu achei que Taylor iria me garantir um convite para as caminhadas tarde da noite com os meninos pelo calçadão e para as noites na praia, em sacos de dormir. Achei que Isso iria

ampliar meus horizontes sociais naquele verão, que eu finalmente, finalmente, iria participar de tudo.

Pelo menos nesse aspecto, eu estava certa.

Taylor vivia me implorando para levá-la comigo para a casa de praia. Eu tinha resistido, dizendo que a casa ia ficar muito cheia, mas ela era muito persuasiva. Foi culpa minha. Eu elogiava demais os meninos. E lá no fundo, eu queria que ela fosse. Era minha melhor amiga, afinal de contas. Ela detestava não poder dividir tudo comigo, todos os momentos, todas as experiências. Quando ela entrou para o Clube de Espanhol, insistiu que eu entrasse também, embora eu nem estudasse Espanhol. "Para quando nós formos para Cabo depois da formatura", dizia. Eu queria ir às ilhas Galápagos quando me formasse, esse era o meu sonho. Eu queria ver um atobá de pés azuis. Meu pai disse que me levaria. Mas eu não contei à Taylor. Ela não ia gostar.

Minha mãe e eu fomos buscar Taylor no aeroporto. Ela saiu do avião vestindo um short bem curto com uma camiseta apertada que eu nunca tinha visto antes. Ao abraçá-la, tentei não parecer com inveja quando perguntei:

— Quando comprou isso?

— Minha mãe me levou para comprar roupas de verão pouco antes de eu viajar — disse ela, entregando-me uma de suas malas. — Bonitinha, né?

— É, uma graça — disse eu. A mala pesada. Perguntei-me se ela não teria se esquecido de que só ia ficar uma semana.

— Ela está se sentindo mal porque ela e papai vão se divorciar, então está comprando um monte de coisas para mim — continuou Taylor, revirando os olhos. — Até fomos fazer as unhas das mãos e dos pés! Olha só!

Taylor ergueu a mão direita. Suas unhas estavam compridas e quadradas, pintadas de vermelho-framboesa.

— São suas mesmo?

— É claro! Eu não uso nada falso, Belly.

— Mas pensei que você tivesse que manter suas unhas curtas por causa do violino.

— Ah, sim. Mamãe finalmente me deixou parar de tocar violino. Tudo por causa do divórcio — disse, cheia de razão. — Sabe como é.

Taylor era a única menina da nossa idade que eu conhecia que ainda chamava a mãe de "mamãe". Também era a única que podia fazer isso.

Os meninos logo ficaram alertas. Imediatamente a observaram, com aqueles peitinhos minúsculos tamanho 40 e cabelos loiros. É um sutiã com enchimento, eu queria dizer, e isso é metade de um frasco de água oxigenada.

Os cabelos dela não são tão claros assim. Mas eles não tinham se importado de qualquer forma. Meu irmão, por outro lado, mal tirou os olhos da TV. Taylor o irritava, sempre tinha irritado. Fiquei imaginando se não teria alertado Conrad e Jeremiah sobre ela.

— Oi, Steven — cumprimentou ela, cantarolando.

— Oi — resmungou ele.

Taylor me olhou e ficou vesga.

— Nervosinho! — cochichou em silêncio, formando letras com os lábios. Eu ri.

— Taylor, este é Conrad e este é Jeremiah. Steven, você já conhece. — Fiquei curiosa, imaginando quem ela iria escolher, quem acharia mais bonito, mais engraçado. Melhor.

— Oi — disse ela, avaliando-os. E logo de cara vi que ela havia escolhido Conrad. E fiquei satisfeita, porque eu sabia que Conrad jamais, nunca na sua vida, iria querê-la.

— Oi — disseram eles.

Aí Conrad voltou a olhar para a TV de novo, exatamente como eu sabia que ele ia fazer. Jeremiah lhe dirigiu um de seus sorrisos enviesados e disse:

— Então você é amiga da Belly, né? A gente achava que ela não tinha amigos.

Esperei que ele sorrisse para mostrar que estava só brincando, mas ele nem mesmo olhou para mim.

— Cale a boca, Jeremiah — falei, e ele então me lançou um sorriso sarcástico bem rápido, arreganhando os dentes, voltando a olhar para Taylor depois.

— Belly tem muitos amigos — informou Taylor, daquele jeito despreocupado. — Eu tenho cara de quem anda com perdedores?

— É — disse meu irmão, lá do sofá. Sua cabeça apareceu por cima do encosto. — Tem, sim.

Taylor olhou-o com raiva.

— Volta a tocar a sua punheta, Steven. — Então virou-se para mim, dizendo: — Que tal você me mostrar nosso quarto?

— É, que tal fazer isso, Belly? Por que não se transforma na escrava da Tay-Tay? — disse Steven. Depois ele voltou a se deitar.

Eu ignorei meu irmão.

— Venha, Taylor.

Assim que chegamos ao meu quarto, Taylor se jogou na cama ao lado da janela, a minha cama, aquela onde eu sempre dormia.

— Ai, meu Deus, ele é uma gracinha!

— Qual? — perguntei, embora já soubesse.

— O moreno é claro. Adoro homens morenos.

Revirei os olhos na minha mente. Homem? Taylor só tinha saído com dois garotos na vida, e nenhum dos dois nem chegava perto de ser homem.

— Duvido que role alguma coisa — disse para ela. — Conrad não liga pra meninas. — Sabia que não era verdade; ele prestava muita atenção às meninas. Ligava tanto para elas que tinha conquistado aquela menina Angie do verão anterior, não tinha?

Os olhos castanhos da Taylor se arregalaram.

— Adoro um desafio. Não venci a eleição pra presidente, turma no ano passado? E secretária da turma no ano anterior.

— Claro que me lembro. Eu organizei sua campanha. Mas Conrad é diferente. Ele é... — hesitei, procurando a palavra certa para amedrontar a Taylor. — Ele é quase, meio que, perturbado.

— O quê? — gritou ela.

Rapidamente voltei atrás. Talvez "perturbado" tivesse sido um pouco demais.

— Não quis dizer "perturbado", exatamente, mas, às vezes, é um tanto intenso. Sério. Devia tentar com Jeremiah. Acho que ele faz mais o seu tipo.

— E o que isso significa exatamente, Belly? — indagou Taylor. — Que eu sou superficial?

— Bom... — Ela era tão profunda quanto uma piscina inflável para criancinhas.

— Não responda — disse Taylor, abrindo a bolsa de viagem e começando a tirar suas roupas lá de dentro. — Jeremiah é bonitinho, mas eu quero Conrad. Vou deixar esse garoto zonzinho.

— Não diga que não te avisei. — Eu já estava louca pra dizer bem-feito, fosse lá quando fosse. E era melhor que fosse o mais rápido possível.

Ela ergueu um biquíni amarelo de bolinhas.

— Você acha que é pequenininho o suficiente para Conrad?

— Esse biquíni não caberia nem na Bridget — comentei. A irmãzinha dela, Bridget, tinha 7 anos, e era pequena para a idade.

— Exatamente.

Revirei os olhos.

— Não me diga que não te avisei. E essa cama aí é minha.

Nós mudamos de roupa na mesma hora, Taylor vestindo seu biquíni amarelo minúsculo e eu, o meu biquíni comportado, com uma camiseta por cima. Quando nos trocamos, ela me olhou dos pés à cabeça e disse:

— Belly, seus peitos cresceram tanto!

Vesti a camiseta e disse:

— Que nada.

Mas era verdade, tinham crescido mesmo. Quase da noite para o dia. Eu não tinha aqueles peitos no verão anterior, isso com certeza. Eu os odiava. Eles reduziam a minha velocidade: eu não podia mais correr rápido, era constrangedor demais. Por isso usava camisetas folgadas e maiôs. Eles iriam implicar comigo por causa disso e Steven me mandaria vestir alguma coisa, o que ia me dar vontade de morrer.

— Qual é o tamanho do seu sutiã agora? — perguntou ela, acusadora.

— Quarenta e quatro — menti. Mas na verdade estava mais para 46.

Taylor fez cara de alívio.

— Então ainda somos do mesmo tamanho, porque eu estou entre 42 e 44. Por que não põe um dos meus biquínis? Parece que vai fazer teste para o time de natação com esse biquinão. — E ela ergueu um biquíni com listras azuis e brancas, com laços vermelhos nas laterais.

— Eu *faço parte* do time de natação — lembrei a ela. Tinha nadado no inverno no time de natação do meu bairro. Não podia competir no verão porque sempre estava em Cousins. Estar no time de natação fazia com que eu me sentisse ligada a minha vida de verão, como se fosse apenas uma questão de tempo antes que eu voltasse à praia.

— Argh, nem me lembre disso — disse Taylor. Ela ficou balançando o biquíni na minha frente. — Você ia ficar Uma gracinha com esse biquíni aqui, com seus cabelos castanhos e os peitos novos.

Fiz uma careta e empurrei o biquíni para longe.

Em parte, eu queria mostrar o que tinha e deixá-los abismados com como eu tinha crescido, como era uma garota de verdade agora, mas a outra parte minha, mais ajuizada, sabia que seria horrível. Steven iria jogar uma toalha na minha cabeça, e eu ia me sentir como se tivesse 10 anos de novo, e não 13.

— Mas por quê?

— Gosto de nadar na piscina — disse eu. Era verdade. Gostava mesmo. Ela deu de ombros.

— Tá bem, mas não me culpe quando os caras deixarem de falar com você.

Dei de ombros também.

— Não me importo se eles vão falar comigo ou não, não olho para eles dessa forma.

— Me engana que eu gosto! Você vive obcecada pelo Conrad desde que eu te conheci! Nem mesmo falou com os caras da escola no ano passado.

— Taylor, já faz muito tempo que isso aconteceu. Ele são como irmãos para mim, exatamente como Steven disse eu, vestindo um short de lycra. — Pode falar com eles o quanto quiser.

A verdade era que eu gostava dos dois de formas diferentes, e não queria que ela soubesse, porque qualquer um que ela escolhesse, o outro iria ficar sobrando. E eu não iria conseguir fazê-la mudar de ideia. Ela iria dar em cima do Conrad de qualquer maneira. Senti vontade de lhe dizer, qualquer um, menos Conrad, mas não seria verdade, não completamente. Eu ficaria com ciúme se ela escolhesse Jeremiah também, porque ele era *meu* amigo, não dela.

Taylor levou uma eternidade para escolher um óculos escuros que combinasse com o biquíni (ela tinha trazido quatro) mais duas revistas e seu bronzeador. Quando saímos, os meninos já estavam na piscina.

Fui logo me preparando para pular na água, mas Taylor hesitou, a toalha Polo envolvendo protetoramente os ombros. Eu podia jurar que ela de repente tinha ficado nervosa por causa do biquíni pequenininho, e fiquei aliviada. Estava ficando meio cansada daquela Taylor exibida.

Os meninos nem mesmo olharam para nós. Eu estava preocupada achando que eles podiam não querer fazer tudo que geralmente faziam com Taylor por perto, mas eles estavam dando caldo um no outro como sempre.

Jogando os chinelos para o lado, falei:

— Vamos entrar na piscina.

— Vou ficar um pouco no sol — disse Taylor. Finalmente, tirou a toalha e estendeu-a sobre uma espreguiçadeira. — você quer se bronzear também?

— Não. Está quente, quero nadar. Além disso, já estou bronzeada. — E estava. Estava ficando cor de caramelo. Parecia uma pessoa totalmente diferente no verão, mas talvez fosse a melhor parte das férias. A pele de Taylor, por outro lado, estava branca e pálida, como massa de biscoito. Mas tive a sensação de que ela logo iria me alcançar. Ela era boa nisso. Tirei meus óculos e os coloquei em cima das minhas roupas. Depois fui até o lado mais fundo da piscina e mergulhei na água de uma vez só. Ela me causou um choque no organismo, no melhor sentido possível. Quando saí para respirar, nadei até perto dos meninos.

— Vamos brincar de Marco Polo — sugeri.

Steven, que estava ocupado tentando dar um caldo no Conrad, parou e disse:

— Marco Polo é chato.

— Então vamos fazer briga de galo — sugeriu Jeremiah.

— Como assim? — perguntei.

— Dois times de duas pessoas, uma sobe nos ombros da outra e aí tenta empurrar a outra pessoa, para fazê-la cair — explicou meu irmão.

— É divertido, eu juro — garantiu Jeremiah. Depois gritou para Taylor: — Tyler quer entrar na briga de galo com a gente? Ou fica com medinho?

Taylor deixou a revista de lado e olhou para ele. E não podia ver os olhos dela por causa dos óculos escuros, mas sabia que ela estava chateada.

— Meu nome é Tay-lor, não Tyler, Jeremy. E não, não quero brincar.

Steven e Conrad entreolharam-se. Adivinhei direitinho o que estavam pensando.

— Venha, Taylor, vai ser legal — disse eu, revirando, os olhos. — Deixa de ser medrosa.

Ela deu um suspiro superartificial, depois deixou a revista de lado e se levantou, ajeitando a parte de trás do biquíni.

— Preciso tirar os óculos escuros?

Jeremiah sorriu para ela, irônico.

— Não, se ficar no meu time, não vai cair.

Taylor tirou-os mesmo assim, e percebi nessa hora que tinha uma pessoa a mais, alguém ia ter que ficar de fora.

— Eu assisto — ofereci, embora quisesse participar.

— Tudo bem, não vou entrar na brincadeira — disse Conrad.

— Vamos jogar duas rodadas — sugeriu Steven.

Conrad deu de ombros.

— Não tem problema. — E nadou até o outro lado da piscina.

— Escolho a Taylor — anunciou Jeremiah.

— Não vale, ela é mais leve — argumentou Steven. Depois olhou para mim e viu a cara que eu fiz. — É que você é mais alta que ela, só isso.

De repente, perdi a vontade de participar.

— Então não é melhor eu ficar de fora? Detestaria quebrar suas costas, Steven.

Jeremiah interveio:

— Ah, tudo bem, você fica comigo, Belly. Vamos derrubar esses dois. Acho que você provavelmente é bem mais forte do que a frágil Taylor.

Taylor desceu os degraus e entrou na piscina devagar, encolhendo-se ao sentir a água fria.

— Sou bem forte, Jeremy — disse ela.

Então Jeremiah se agachou na água e eu subi nos seus Ombros, com dificuldade. Ele estava escorregadio, de forma que a princípio foi difícil ficar sentada. Aí ele ficou de pé e endireitou a coluna.

Escorreguei e me equilibrei, segurando a cabeça dele com as duas mãos.

— Sou pesada demais? — indaguei. Ele era tão magrinho que fiquei com medo de machucá-lo.

— Você é leve como uma pluma — mentiu ele, respirando com dificuldade e segurando minhas pernas com força.

Senti vontade de dar um beijo na cabeça dele nessa hora.

Diante de nós, Taylor estava sentada nos ombros do Steven, rindo e puxando os cabelos dele para se equilibrar. Steven estava com cara de quem queria jogá-la do outro lado da piscina.

— Estão prontos? — perguntou Jeremiah. E cochichou para mim: — O negócio é manter o equilíbrio.

Steven sinalizou que estava pronto, e nós fomos até o meio da piscina.

Conrad, que estava ao nosso lado, disse:

— Preparar, apontar... Fogo!

Taylor e eu estendemos os braços uma para a outra, nos empurrando de um lado para o outro. Ela não conseguia parar de rir, e quando a empurrei com força, ela soltou:

— Ai, merda! — E então, caiu junto com Steven dentro d'água.

Jeremiah e eu começamos a gargalhar e fizemos um high-five. Quando eles voltaram à tona, Steven estava olhando para Taylor com ódio e dizendo:

— Eu disse para segurar com força.

Ela jogou água na cara dele e respondeu:

— Mas eu segurei! — Apesar de o delineador estar borrado e o rimel começando a escorrer, ela ainda estava bonita.

Jeremiah disse:

— Belly?

Eu respondi:

— Hummm? — Estava começando a me sentir bem confortável ali em cima, tão alto.

— Cuidado. — Então ele se jogou para a frente e eu caí na água, e ele também. Não consegui parar de rir, de modo que engoli mais ou menos um litro d'água, mas não me importei.

Quando nossas cabeças voltaram a emergir, fui direto até a dele e o surpreendi, dando-lhe um bom caldo.

Aí Taylor disse:

— Vamos brincar de novo. Deixa eu subir no Jeremy dessa vez. Steven, você pode ser o parceiro da Belly.

Steven ficou irritado e respondeu:

— Con, me substitua.

— Tá — concordou Conrad, mas com um tom que não estava muito a fim. Quando ele veio nadando na minha direção, eu disse, defensiva:

— Não sou tão pesada assim!

— Eu não disse que você era. — Então ele se agachou a minha frente, deixando que eu subisse nele. Seus ombros eram mais musculosos do que os de Jeremiah, mais volumosos. — Está bem aí em cima?

— Estou.

Na nossa frente, Taylor estava tendo dificuldade para subir nos ombros do Jeremiah. Ela ficava escorregando e não parava de rir. Eles estavam se divertindo muito. Até demais. Fiquei olhando para eles, enciumada, e quase me esqueci de que o Conrad estava segurando as minhas pernas, e pelo que podia me lembrar, ele nunca havia nem sequer tocado no meu joelho, mesmo sem querer, antes.

— Vamos logo, vamos começar — falei. Até eu pude perceber o ciúme em minha voz. Detestava isso.

Conrad fez menos esforço do que Jeremiah para chegar ao meio da piscina. Surpreendi-me com a facilidade com que ele se deslocava com meu peso extra sobre seus ombros.

— Estão prontos? — disse Conrad a Jeremiah e Taylor, que finalmente tinha conseguido se firmar.

— Prontos! — gritou Taylor.

Mentalmente eu disse: Você vai cair, Jewel.

— Pronto! — disse eu, em voz alta.

Inclinei-me para a frente e usei ambas as mãos para lhe dar um empurrão forte. Ela balançou para um lado, mas não caiu, dizendo:

— Ei!

Eu sorri.

— Ei para você também?

E tornei a empurrá-la.

Taylor semicerrou os olhos e me empurrou, com força, mas não com força suficiente.

Depois nós duas começamos a nos empurrar, só que foi muito mais fácil dessa vez, porque eu me sentia mais estável. Empurrei-a uma vez, com firmeza, e ela caiu para a frente, mas Jeremiah ainda estava de pé. Bati palmas, feliz. Aquilo era muito divertido.

Fiquei surpresa quando Conrad ergueu a mão para um high-five. Ele não era do tipo que comemora.

Quando Taylor voltou à tona dessa vez, não estava rindo. Seus cabelos louros estavam colados na cabeça, e ela disse:

— Que brincadeira idiota. Não quero mais brincar.

— Má perdedora! — gritei, e Conrad agachou-se para que eu descesse.

— Muito bem — disse ele, dando-me um de seus raros sorrisos. Senti como se tivesse ganhado a loteria, só por causa daquilo.

— Eu jogo para ganhar — falei para ele. Eu sabia que ele também era assim.



Capítulo dezessete

Alguns dias depois que dividimos Twizzlers no cinema, Jeremiah anunciou:

— Vou ensinar Belly a dirigir com câmbio manual.

— Está falando sério? — perguntei, alvoroçada. O dia estava claro; o primeiro na semana inteira. Um dia perfeito para dirigir. Era o dia de folga do Jeremiah, e fiquei pasma ao ver que ele estava disposto a passá-lo me ensinando a dirigir com câmbio manual. Eu estava implorando por isso desde o verão anterior, pois Steven já tinha tentado e desistido depois da terceira lição.

Steven balançou a cabeça e tomou um gole de suco de laranja.

— Quer morrer, cara? Porque Belly vai matar vocês dois, sem falar na sua alavanca de câmbio. Não faz isso. Estou lhe dando um conselho de amigo.

— Cala essa boca, Steven — berrei, chutando ele por baixo da mesa. — Só porque você é um professor horrível... — Steven tinha se recusado a entrar num carro comigo depois de eu ter causado um amassadinho minúsculo no para-choque enquanto ele estava tentando me ensinar a fazer baliza.

— Tenho plena confiança no meu talento como professor — disse Jeremiah. — Quando terminar de dar essa aula, ela vai estar dirigindo melhor do que você.

Steven prendeu o riso.

— Boa sorte. — Depois franziu o rosto. — Quanto tempo vai demorar?
Achei que íamos ao campo de beisebol.

— Você podia vir com a gente — sugeri.

Steven fingiu que não tinha me ouvido e disse ao Jeremiah:

— Precisa praticar como manejar o bastão, rapaz.

Olhei de relance para Jeremiah, que olhou para mim e hesitou.

— Na hora do almoço já vou estar de volta. Podemos ir depois — disse.

Steven revirou os olhos.

— Está bem — disse. Senti que ele tinha ficado chateado e meio magoado, o que me deu pena, mas também me fez sentir convencida. Ele não estava acostumado a ser deixado de fora do jeito que eu sempre era.

Saímos para dirigir na estrada que levava até o outro lado da praia. Estava deserta. Não havia mais ninguém nela a não ser nós. Escutamos o velho *Nevermind* do Jeremiah de um milhão de anos atrás.

— É muito maneiro quando uma garota sabe dirigir com câmbio manual — explicou ele, com Kurt Cobain tocando ao fundo. — isso mostra que ela é autoconfiante e sabe o que está fazendo.

Coloquei o carro na primeira marcha e tirei o pé do pedal da embreagem devagar.

— Pensei que os garotos gostassem quando as garotas precisam de ajuda.

— Eles também gostam disso. Mas acontece que eu prefiro garotas inteligentes e autoconfiantes.

— Mentira. Você gostava da Taylor, e ela não é assim.

Ele gemeu e esticou o braço para fora da janela.

— Por que você está falando nisso de novo?

— Só comentando. Ela não era tão inteligente e autoconfiante assim.

— Talvez não, mas definitivamente sabia o que estava fazendo — disse ele, antes de começar a rir.

Eu lhe dei um tapão no braço.

— Seu nojento. Além disso ainda é mentiroso. Sei perfeitamente que vocês só deram uns beijinhos.

Ele parou de rir.

— Tá bem, não fomos além disso. Mas ela beijava bem. Tinha gosto de Skittles.

Taylor adorava Skittles. Vivia comendo essas balinhas como se fossem vitaminas, como se fizessem bem à saúde. Eu queria saber se eu era páreo para Taylor, se ele achava que eu também beijava bem.

Olhei de relance e ele deve ter percebido o que eu estava pensando, pela minha cara, porque riu e disse:

— Mas você, você foi a melhor, Bells.

Eu lhe dei um soco no braço, e mesmo assim ele não parou de rir. Só riu ainda mais alto.

— Não tire o pé da embreagem — disse ele, sem fôlego.

Fiquei até surpresa por ele ter se lembrado. Quero dizer, tinha sido memorável para mim, mas tinha sido meu primeiro beijo e tinha sido com *Jeremiah*. Mas o fato de ele se lembrar, isso até fazia com que eu nem me ofendesse com as risadas dele.

— Meu primeiro beijo foi com você — disse eu. Sentia como se pudesse falar qualquer coisa para ele, naquele momento. Como costumava ser nosso relacionamento antes de crescermos e as coisas se complicarem. Tudo parecia fácil, amistoso e normal.

Ele desviou o olhar, envergonhado.

— É, eu sei.

— Como soube? — perguntei, indignada. Será que beijava tão mal que ele tinha desconfiado? Que coisa mais humilhante.

— Hum, foi a Taylor que me disse. Depois.

— Quê? — Não pude acreditar que ela havia contado isso. Mas que traíra! Quase parei o carro. Aliás, podia acreditar sim. Mas mesmo assim me pareceu traição.

— Não tem importância. — Mas ele ficou corado. — Quero dizer, a primeira vez que eu beijei uma menina foi ridículo. Ela ficou me dizendo que eu estava beijando errado.

— Quem? Quem foi a garota que você beijou?

— Você não conhece. Não tem importância.

— Ah, vai — tentei persuadi-lo. — Conta.

O carro morreu, e Jeremiah disse:

— Põe o pé na embreagem e a alavanca no ponto morto.

— Só quando você me contar.

— Está bem. Foi Christi Turnduck — disse ele, abaixando a cabeça.

— Você beijou a Turnducken? — Agora eu tinha começado a rir. É claro que eu conhecia a Christi Turnduck, sabia muito bem quem era. Costumava passar as férias na praia de Cousins, exatamente como nós, mas só que morava ali o ano inteiro.

— Ela tinha uma paixonite por mim — disse Jeremiah, fiando de ombros.

— Contou a Con e a Steven?

— É claro que não contei que beijei a Turnducken! — disse ele. — E é melhor prometer que também não vai contar.

Eu lhe ofereci meu dedo mindinho, ele também esticou o dele, e os entrelaçamos com força.

— Christi Turnduck. Ela até que beijava bem. Me ensinou tudo que sei.

Fico perguntando o que houve com ela. Fiquei pensando se a Turnducken beijava melhor que eu também. Ela devia beijar, se tinha ensinado a Jeremiah.

O carro voltou a morrer.

— Isso é muito chato. Desisto.

— Não pode desistir de dirigir — ordenou Jeremiah. — Vamos lá?

Suspirei e dei a partida no carro de novo. Duas horas depois, já tinha pegado o jeito. Mais ou menos. Ainda deixava o carro morrer, mas estava conseguindo. Tinha aprendido a dirigir. Jeremiah disse que eu levava jeito para a coisa.

Quando voltamos para casa, já eram mais de quatro horas e Steven já havia saído. Imaginei que ele tinha se cansado de esperar e ido para a cabine de treinamento sozinho. Minha mãe e Susannah estavam assistindo a filmes antigos no quarto da Susannah, de cortinas fechadas e luz apagada.

Fiquei parada diante da porta do quarto por um minuto, ouvindo as risadas delas. Senti que estava sobrando. Invejei a amizade delas. Eram exatamente como copilotos, um equilíbrio perfeito. Eu não tinha esse tipo de

amizade, o¹ tipo de amizade que dura a sua vida inteira, independente do que possa acontecer.

Entrei no quarto, e Susannah exclamou:

— Belly! Vem assistir a uns filmes com a gente.

Subi na cama, engatinhando, e fiquei entre as duas.

Era aconchegante ficar ali deitada na penumbra, como se fosse uma caverna.

— Jeremiah estava me ensinando a dirigir — disse para elas.

— Um menino muito atencioso — disse Susannah, sorrindo de leve.

— E corajoso também — acrescentou mamãe. E me deu um beliscão de leve no nariz.

Eu me aconcheguei sob o edredom. Jeremiah era mesmo incrível. Tinha sido superlegal ao me levar para dirigir quando ninguém mais queria. Só porque eu tinha batido de leve algumas vezes, isso não significava que não seria uma excelente motorista, como todas as outras pessoas. Graças a ele, eu agora sabia dirigir com câmbio manual. Ia ser uma daquelas garotas autoconfiantes, do tipo que sabe o que está fazendo. Quando tirasse a carteira, iria até a casa da Susannah e levaria Jeremiah para dar um passeio, para agradecer.



Capítulo dezaita

AOS QUATORZE ANOS

Depois que Taylor saiu do chuveiro, ela começou a revirar a mala; eu me deitei na cama e fiquei esperando. Ela tirou três vestidos de alcinha diferentes, um de bordado inglês, um de estampado tropical e um de linho preto.

— Qual devo usar esta noite? — perguntou. Fez essa pergunta como se fosse um teste.

Eu já estava cansada daqueles seus testes e de ter que passar o tempo todo provando isso ou aquilo. Respondi:

— Nós só vamos jantar, Taylor. Não é nada especial.

Ela balançou a cabeça para mim, e a toalha que tinha enrolada na cabeça balançou para a frente e para trás.

— Vamos passear no calçadão à beira da praia esta noite, né? Precisamos estar bonitas. Tem meninos por lá. Deixa eu escolher o que você vai usar, tá?

Antes, quando Taylor escolhia as minhas roupas, e me sentia como a nerd transformada em princesa para o baile da formatura, mas só que no bom sentido. Agora parecia que eu era a mãe dela, que não tinha a mínima ideia de como me vestir direito.

Eu não tinha trazido nenhum vestido na bagagem. Aliás, nunca havia trazido. Nem mesmo me lembrava de trazer. Eu só tinha dois vestidos em casa, um que a minha avó tinha comprado para mim, para a Páscoa, e um que eu tive que comprar para a formatura do oitavo ano. Nada parecia caber direito em mim ultimamente. As coisas ou ficavam compridas demais no comprimento ou apertadas demais na cintura. Eu nunca tinha dado muita importância aos vestidos, mas olhando para os dela, estendidos na cama assim, senti inveja.

— Não vou me produzir para ir ao calçadão — disse eu a Taylor.

— Deixe-me só ver o que você tem — disse ela, indo até meu armário.

— Taylor, eu disse não! Eu vou assim — indiquei meu short jeans e camiseta da cidade de Cousins.

Taylor fez uma careta, mas recuou, voltando para seus três vestidos de alcinha.

— Está bem, vai assim mesmo, sua mal-humorada. E agora me diga, o que devo vestir?

Eu suspirei.

— O preto — escolhi, fechando os olhos. — Agora se apronte, rápido.

O jantar naquela noite foi vieiras com aspargos. Quando aninha mãe cozinhava era sempre um fruto do mar com limão e azeite e um legume. Toda vez. Susannah só cozinhava de vez em quando, portanto, além da primeira noite, em que o cardápio era sempre *bouillabaisse*, nunca se sabia qual ia ser o menu. Ela talvez passasse a tarde inteira de um lado para o outro na cozinha, fazendo alguma coisa que eu nunca tinha comido antes, como frango marroquino com figos. Pegava um caderno de receitas com lombada em espiral e páginas manchadas de manteiga, cheias de anotações nas margens, aquele do qual minha mãe debochava. Ou ela talvez fizesse omeletes de queijo com ketchup e torrada. Nós, crianças, devíamos cozinhar uma noite por semana também, e em geral isso significava hambúrgueres ou pizza congelada. Mas, na maioria das noites, comíamos o que queríamos, quando sentíamos vontade de comer. Adorava isso na casa de veraneio. Em casa, comíamos todo dia às seis e meia, pontualmente. Ali era como se tudo se descontraísse, até minha mãe.

Taylor inclinou-se para a frente e disse:

— Laurel, qual é a coisa mais doida que você e Susannah fizeram quando eram da nossa idade? — Taylor falava com as pessoas como se estivesse o tempo todo em uma festa de pijama. Adultos, meninos, com a moça da cantina, todo mundo.

Minha mãe e Susannah entreolharam-se e sorriram. Sabiam, mas não iam contar. Minha mãe enxugou a boca com o guardanapo e disse:

— Nós fomos até o campo de golfe uma noite e plantamos margaridas.

Eu sabia que não era verdade, mas Steven e Jeremiah riram. Steven disse naquele seu jeito de sabe-tudo:

— Vocês eram chatas até quando adolescentes.

— *Eu* acho fofo — disse Taylor, espirrando um pouco de ketchup no prato. Taylor comia tudo com ketchup, ovos, pizza, macarrão, tudo.

Conrad, que pensei que nem estivesse escutando, disse:

— Mentira de vocês. Não foi essa a coisa mais doida que fizeram.

Susannah ergueu as mãos em rendição.

— Mães também têm segredos — disse ela. — Eu não peço a vocês para contarem seus segredos, peço?

— Pede, sim — disse Jeremiah, apontando o garfo para ela. — Pede o tempo todo, Se eu tivesse um diário, você o leria.

— Claro que não — protestou ela.

Minha mãe disse:

— Leria, sim.

Susannah lançou-lhe um olhar indignado.

— Eu nunca faria isso. — Depois olhou para Conrad e Jeremiah, sentados um ao lado do outro. — Tá, eu admito, eu leria, mas só o do Conrad. Ele é tão fechado, que nunca sei o que está pensando. Mas não o seu, Jeremiah. Você é o meu caçulinha, é sempre completamente sincero. — E tocou carinhosamente a manga comprida do suéter dele.

— Não sou, não — protestou, espetando uma vieira que tinha no prato. — Eu tenho os meus segredos.

— Claro que tem, Jeremy — disse Taylor daquele seu jeito sedutor, absolutamente revoltante.

Ele sorriu para ela, o que me fez sentir quase engasgar com os meus aspargos.

Então eu falei:

— Taylor e eu vamos ao calçadão hoje. Será que um de vocês pode nos deixar lá?

Antes que minha mãe ou Susannah pudesse responder, Jeremiah disse:

— Ahhh, o calçadão. Acho que também devíamos ir até lá. — E virando-se para Conrad e Steven, acrescentou: — Certo, rapazes?—Normalmente, teria ficado encantada se qualquer um deles quisesse sair comigo, mas não daquela vez. Sabia que não era por minha causa.

Olhei para Taylor, que de repente começou a cortar suas vieiras em pedacinhos minúsculos. Ela também sabia que era por causa dela.

— O calçadão é chato — disse Steven.

Conrad disse:

— Não estou interessado.

— Quem foi que convidou vocês? — disse eu.

Steven revirou os olhos.

— Ninguém convida ninguém para ir ao calçadão. A gente simplesmente vai. É um país livre.

— Um país livre? — comentou minha mãe. — E que pense muito bem no que acabou de dizer, Steven, nossas liberdades civis? Será que somos mesmo livres?

— Laurel, por favor — disse Susannah, balançando cabeça. — Não vamos falar de política à mesa do jantar.

— Não conheço nenhum lugar melhor para falar sobre política — disse minha mãe, calmamente. Depois olhou para mim. Pedi "Para, por favor", sem emitir som, e ela suspirou. Era melhor detê-la agora, antes que ela deslanchasse. — Está bem, então. Não falamos mais de política. Vou à livraria no centro da cidade. Deixo vocês no caminho.

— Obrigada, mãe — falei. — Acho que vamos só Taylor e eu.

Jeremiah fingiu que não tinha me ouvido, e virou-se para Steven e Conrad.

— Vamos, pessoal — disse ele. — Vai ser *fantástico*. — Taylor tinha passado o dia inteiro dizendo que tudo era fantástico.

— Tá, mas eu vou ao fliperama — disse Steven.

— Con? — disse Jeremiah, olhando para Conrad, que sacudiu a cabeça.

— Con, por favor — suplicou Taylor, cutucando-o com o garfo. — Venha com a gente.

Ele balançou a cabeça e Taylor fez uma careta.

— Tanto faz. Nós vamos tratar de nos divertir muito sem você, então.

Jeremiah observou:

— Não se incomode com ele, vai se divertir de montão aqui, lendo a Enciclopédia Britânica. — Conrad fingiu não ter ouvido isso, mas Taylor deu risadinhas e prendeu os cabelos atrás das orelhas. Foi aí que eu soube que ela agora gostava do Jeremiah.

Aí, Susannah falou:

— Não saiam sem levar o dinheiro do sorvete. — Podia jurar que ela estava contente de todos sairmos juntos, fora Conrad, que parecia preferir ficar sozinho naquele verão. Nada deixava Susannah mais feliz do que bolar atividades para nós. Acho que ela seria uma recreadora de colônia de férias perfeita.

No carro, enquanto esperávamos pela minha mãe e pelos meninos, sussurrei:

— Achei que você gostasse do Conrad. Taylor revirou os olhos.

— Tsc. Ele é um chato. Acho que prefiro ficar com o Jeremy.

— O nome dele é Jeremiah — corriji, contrariada.

— Eu *sei*. — E aí ela me encarou e seus olhos se arregalaram. — Por quê, você gosta dele agora?

— Não!

Ela bufou, impaciente.

— Belly, você tem que escolher um. Não pode ter os dois.

— Eu sei disso. E para sua informação, não gosto de nenhum dos dois. E até parece que eles pensam em mim desse jeito, também. Eles olham para mim como Steven. Como se eu fosse uma irmã caçula.

Taylor puxou a gola da minha camiseta.

— Bom, talvez, se você usasse alguma coisa mais decotada...

Eu sacudi os ombros para me livrar da mão dela.

— Não vou usar nada decotado. E já lhe disse que não gosto de nenhum dos dois. Não gosto mais.

— Então não se importa se eu der em cima do Jeremy? — perguntou ela. Eu era capaz de jurar que ela só estava perguntando isso para poder se redimir de algum sentimento de culpa futuro. Mas acho que ela nem ia se sentir culpada, para início de conversa.

Então eu disse:

— Se eu lhe dissesse que me importo, você não daria em cima dele?

Ela refletiu durante mais ou menos um segundo.

— Provavelmente. Se você se importasse de verdade. Mas aí eu simplesmente iria tentar a sorte com Conrad. Estou aqui para me divertir, Belly.

Dei um suspiro. Pelo menos ela estava sendo franca. Senti vontade de dizer: pensei que estivesse aqui para se divertir *comigo*. Mas não falei isso.

— Então tá, vá em frente — disse eu. — Não me importo.

Taylor abaixou e levantou as sobrancelhas para mim, seu velho gesto típico.

— Oba! É pra já.

— Espera — agarrei o seu pulso. — Prometa que vai ser legal com ele.

— Claro que vou. Eu sempre sou legal. — E me deu uns tapinhas carinhosos no ombro. — Você se preocupa mais, Belly. Eu já disse, só quero me divertir.

Nesse momento minha mãe e os meninos saíram, e pela primeira vez ninguém disputou o banco do carona. Jeremiah cedeu-o a Steven com toda a boa vontade.

Quando chegamos ao calçadão, Steven foi direto para o fliperama e ficou o tempo todo por lá. Jeremiah passeou conosco, e até andou de carrossel, embora eu soubesse que ele não gostava disso. Ele se esticou todo no trenó e fingiu tirar uma soneca, enquanto Taylor e eu subíamos e descíamos montadas em cavalos, o meu, um baio e o dela, um preto (*Beleza negra* ainda era seu livro predileto, embora ela não admitisse). Então Taylor pediu para ele ganhar um

Piu-Piu de pelúcia para ela no jogo das moedas. Jeremiah era um ás do jogo das moedas. O Piu-Piu era enorme, quase tão alto quanto Taylor. Ele ficou carregando o bicho para ela.

Eu nunca devia ter vindo. Já podia prever que, durante todo o resto daquela noite, eu ia me sentir invisível, como naquele momento. Desejei voltar para casa o tempo inteiro, e estar escutando Conrad tocar violão através da parede do meu quarto, ou assistir a filmes do Woody Allen com Susannah e minha mãe. E eu nem gostava do Woody Allen. Eu me perguntei se o resto da semana ia ser assim. Tinha me esquecido como Taylor ficava quando queria alguma coisa: absorta, determinada e concentrada só naquilo. Tinha acabado de chegar e já havia se esquecido de mim.



Capítulo dezenove

Mal acabamos de chegar e já era hora de Steven ir embora. Ele e nosso pai iam visitar universidades, e em vez de voltar para Cousins depois, ele ia para casa. Supostamente para começar a estudar para o SAT, mas é mais provável que fosse visitar sua nova namorada.

Fui ao seu quarto vê-lo fazer as malas. Ele não tinha trazido muita coisa, só uma bolsa de viagem de *nylon*. De repente, fiquei triste ao vê-lo partir. Sem Steven tudo ia ficar desequilibrado, era ele quem amortecia tudo, quem me fazia lembrar da vida real, de que nada muda, que tudo pode ser sempre o mesmo. Porque Steven nunca mudava. Ele era simplesmente desagradável, insuportável, meu irmão mais velho, a desgraça da minha vida. Era como aquele nosso velho cobertor de flanela que cheirava cachorro molhado, fedido, reconfortante, uma parte a infraestrutura que compunha o meu mundo. E com e ali, tudo continuaria igual, três contra um, meninos contra meninas.

— Queria que você não estivesse indo embora — disse eu dobrando as pernas, e encostando os joelhos no peito.

— A gente se vê em um mês — disse ele.

— Um mês e meio — corriji, mal-humorada. — Você vai perder meu aniversário, sabia?

— Eu dou seu presente quando você voltar para casa.

— Não é a mesma coisa. — Eu sabia que estava sendo uma criança, mas não pude me conter. — Vai ao menos me mandar um cartão postal?

Steven fechou o zíper da bolsa.

— Duvido que tenha tempo. Mas mando uma mensagem de texto.

— Vai me trazer um moletom de Princeton? — Mal podia esperar para usar um moletom de faculdade. Eram como um rótulo que dizia que a pessoa era madura, praticamente com idade para ir à faculdade se já não estivesse lá. Desejei ter uma gaveta inteira cheia deles.

— Se eu me lembrar — disse ele.

— Eu te lembro — assegurei. — Vou mandar uma mensagem de texto.

— Combinado. Vai ser seu presente de aniversário.

— Feito. — Caí na cama dele e apoiei os pés na parede. Ele detestava quando eu fazia isso. — Provavelmente vou sentir sua falta, só um pouquinho.

— Vai estar ocupada demais babando em cima do Conrad para notar que fui embora — disse ele.

Mostrei a língua para ele.

Steven partiu bem cedinho, na manhã seguinte. Conrad e Jeremiah ficaram de levá-lo ao aeroporto. Eu desci para me despedir dele, mas não tentei ir junto porque sabia que ele não ia querer. Ele queria algum tempo para si, para ficar só com eles, e para variar eu ia deixar que ele fizesse o que queria sem reclamar.

Quando ele me abraçou, ao se despedir, me deu aquele seu olhar condescendente típico, e um sorriso triste dizendo:

— Não faça nada idiota, certo? — disse isso de um jeito significativo, como quem estivesse mesmo querendo me dizer alguma coisa importante, como se eu devesse entender.

Mas não entendi. Respondi:

— Vê se você também não faz nenhuma besteira, bobão.

Ele suspirou e sacudiu a cabeça para mim, como se eu fosse uma criança.

Tentei não deixar aquilo me incomodar. Afinal, ele ia embora e as coisas não seriam as mesmas sem ele. No mínimo, eu podia me despedir dele sem nenhuma briga boba.

— Diga ao papai que eu falei "oi".

Não voltei para a cama logo depois que eles saíram. Fiquei na varanda da frente por mais um tempo, me sentindo triste e meio chorosa, embora nunca fosse admitir isso para Steven.

Sob vários aspectos, aquele parecia o último verão. Naquele outono, Conrad ia começar a faculdade. Ele ia estudar na Brown. Talvez não voltasse no verão seguinte. Talvez tivesse algum estágio, ou curso de verão, ou talvez fosse viajar pela Europa com seus novos colegas de quarto. E Jeremiah talvez fosse participar da colônia de férias de futebol americano da qual vivia falando. Muitas coisas podiam acontecer entre agora e depois. Lembrei-me de que eu ia precisar aproveitar aquele verão ao máximo, realmente esgotar tudo que pudesse fazer, caso nunca mais tivesse um igual. Afinal, logo completaria 16 anos. Estava ficando mais velha. As coisas não podiam continuar as mesmas para sempre.



Capítulo vinte

AOS ONZE ANOS

Nós quatro estávamos deitados em uma grande toalha na areia. Conrad, Steven, Jeremiah e eu, numa das beiradas. Aquele era o meu lugar, quando eles me deixavam acompanhá-los. E aquele era um desses raros dias.

Já era o meio da tarde, e estava tão quente que meus cabelos pareciam pegar fogo, e eles estavam conversando enquanto jogavam baralho e eu escutava a conversa.

Jeremiah disse:

— Vocês prefeririam ser jogados em azeite fervendo ou esfolados vivos com uma faca de manteiga quente?

— Azeite fervendo — disse Conrad, sem titubear. — Assim acaba mais rápido.

— Azeite — concordei.

— Faca de manteiga — disse Steven.—Tem mais chance de eu poder virar a mesa e esfolar o inimigo.

— Não existe essa opção — disse Conrad. — É uma pergunta sobre como a pessoa prefere morrer, não virar a mesa e atacar alguém.

— Vá lá, azeite fervendo, então — disse Steven, contrariado. — E você, Jeremiah?

— Azeite — disse Jeremiah — Agora é sua vez, Con.

Conrad semicerrou os olhos, voltando o rosto para o jogo, e disse:

— Vocês prefeririam viver um dia perfeito para sempre, de novo de novo, ou passar a vida sem dias perfeitos, só razoáveis?

Jeremiah não disse nada durante um minuto. Ele adorava aquele jogo. Adorava refletir sobre as diferentes possibilidades.

— No caso do dia perfeito, será que eu ia saber que estava revivendo ele, como naquele filme, *Feitiço do tempo*?

— Não.

— Então prefiro o dia perfeito — decidiu ele.

— Bom, se esse dia perfeito tiver... — começou Steven, mas depois olhou para mim, e parou de falar, coisa que eu detestava. — Escolho o dia perfeito também.

— Belly? — indagou Conrad, olhando para mim. — O que escolheria?

Fiquei refletindo sobre aquilo por muito tempo, enquanto tentava encontrar a resposta certa.

— Hum, talvez eu preferisse passar a vida sem dias perfeitos. Desse jeito eu ainda poderia esperar por esse dia. Não ia querer ter uma vida que é só o mesmo dia repetido para sempre.

— É, mas você não ia saber — argumentou Jeremiah.

Dei de ombros.

— Talvez soubesse, bem lá no fundo.

— Que besteira — disse Steven.

— Não acho que seja besteira. Acho que concordo com ela. — Conrad me lançou um olhar, do tipo que aposto que os soldados trocam quando estão se agrupando para lutar contra o inimigo. Era como se estivéssemos no mesmo time.

Dei um empurrãozinho no Steven. Não resisti.

— Está vendo, Conrad concordou comigo.

Steven me imitou:

— "Conrad concordou comigo. Conrad me ama. Conrad é fantástico..."

— Cale essa boca, Steven! — gritei.

Ele sorriu, vitorioso, e disse:

— Minha vez de fazer a pergunta. Belly, você preferiria comer maionese todo dia, ou passar a vida inteira sendo uma tábua?

Eu me virei para o lado, peguei um punhado de areia e joguei no Steven. Como ele estava rindo, um bocado de areia entrou na sua boca e ficou grudado em seu rosto molhado. Ele gritou:

— Vou te matar, Belly!

Depois pulou em cima de mim, e rolei para longe dele.

— Me deixe em paz — disse eu, desafiando-o. — Não pode me bater, senão conto à mamãe.

— Você enche o meu saco — gritou ele, furioso, agarrando minha perna, irritado. — Vou jogar você na água.

Tentei me livrar dele, mas só consegui jogar mais areia no seu rosto. O que, naturalmente, o deixou ainda mais irritado.

Conrad disse:

— Deixe a menina em paz, Steven. Vamos nadar.

— É, vamos — disse Jeremiah.

Steven hesitou.

— Tá — disse ele, cuspiendo areia. — Mas mesmo assim, você já era, Belly. — Então apontou para mim, fazendo depois um gesto de quem corta a garganta.

Mostrei o dedo para ele e me virei de barriga para baixo, mas por dentro estava tremendo. Conrad havia me defendido. Conrad se importava comigo.

Steven ficou zangado comigo durante o resto do dia, mas valeu a pena. Também era irônico Steven ter implicado comigo por eu ser uma tábua, porque dois verões depois eu tive que começar a usar sutiã, para valer mesmo.



Capítulo vinte e um

Na noite em que Steven foi embora, fui até a piscina para um mergulho à meia-noite, e Conrad, Jeremiah e o vizinho, Clay Bertolet, estavam sentados nas espreguiçadeiras, bebendo cerveja. Clay morava no fim da rua e frequentava a praia de Cousins havia quase tanto tempo quanto a gente. Ele era um ano mais velho do que Conrad. Ninguém gostava muito dele. Era só uma pessoa com quem passavam o tempo, acho.

Na hora fiquei tensa e segurei a toalha mais perto do peito. Comecei a achar que seria melhor voltar para o quarto. Clay sempre me deixava nervosa. Eu não precisava nadar naquela noite, podia nadar na noite seguinte. Mas não, tinha tanto direito de ficar ali quanto eles. Até mais.

Eu me aproximei deles, fingindo autoconfiança.

— Oi, meninos — disse, sem soltar a toalha. Achei esquisito estar ali enrolada em uma toalha, de biquíni, quando todos estavam vestidos dos pés à cabeça.

Clay olhou para mim, semicerrando os olhos.

— Oi, Belly, quanto tempo. — E bateu no assento da espreguiçadeira. — Senta.

Eu detestava quando as pessoas diziam "quanto tempo". Era uma forma irritante de cumprimentar alguém. Mas me sentei assim mesmo.

Ele se aproximou de mim e me abraçou. Cheirava à cerveja e Polo Sport.

— Como você está? — perguntou.

Antes que eu pudesse responder, Conrad disse:

— Ela está bem, e agora já é hora de ir para a cama. Boa-noite, Belly.

Tentei não parecer uma menininha de 5 anos quando disse:

— Não vou dormir ainda. Vou nadar.

— Devia voltar para o quarto — disse Jeremiah, deixando a cerveja de lado. — Sua mãe vai matar você se souber que bebeu.

— Ei, eu não estou bebendo — lembrei a ele.

Clay me ofereceu sua Corona.

— Toma — disse ele, piscando. Parecia estar bêbado.

Hesitei, e Conrad falou, irritado:

— Não dê isso para ela. Ela é criança, pelo amor de Deus.

Lancei-lhe um olhar enfezado.

— Pare de bancar o Steven. — Por um segundo ou dois, pensei em tomar a cerveja do Clay. Seria a primeira vez que eu provaria cerveja. Mas só iria fazer isso para me vingar do Conrad, não ia deixar ele controlar o que eu fazia ou deixava de fazer.

— Não, obrigada — respondi.

Conrad concordou, imperceptivelmente.

— Agora volte para a cama, como uma boa menina.

Eu me senti exatamente como quando ele e Steven e Jeremiah me excluía de propósito. Senti minhas faces arderem ao dizer:

— Sou só dois anos mais nova que você.

— Dois anos e três meses — corrigiu ele automaticamente.

Clay riu, e senti seu hálito carregado de bebida.

— Caramba, minha namorada tinha 15 anos. — Depois ele me olhou. — Ex-namorada.

Sorri, meio sem graça. Por dentro, estava querendo ficar longe dele e daquele bafo. Mas adorei o modo como Conrad estava nos olhando. Gostei de tirar aquele amigo dele, mesmo durante cinco minutos.

— Não é ilegal? — perguntei ao Clay.

Ele tornou a rir.

— Você é uma gracinha, Belly.

Senti que estava corando.

— E por que terminaram? — indaguei, como se já não soubesse. Eles tinham terminado porque Clay era um cafajeste, sempre tinha sido. Costumava tentar dar comprimidos de Alka-Seltzer às gaivotas porque tinha ouvido dizer que aquilo fazia seus estômagos explodirem.

Clay coçou a nuca.

— Não sei. Ela precisou ir para o acampamento de equitação, uma coisa assim. Namoro a distância é um saco.

— Mas seria só durante o verão — protestei. Bobagem terminar um namoro porque a pessoa viajou durante um tempo. Já fazia anos que eu vinha nutrindo minha paixão por Conrad. Era como um alimento. Era capaz de me sustentar. Se Conrad fosse meu, não iria desmanchar o namoro com ele por causa de um único verão, nem um ano escolar, aliás. Clay me olhou com as pálpebras meio caídas, sono- lentas, e disse:

— Você *tem* namorado?

— Tenho — respondi, sem conseguir me conter, e olhei para Conrad ao falar isso. *Está vendo, quis dizer, não sou mais uma garotinha de 12 anos boboca com uma paixonite. Sou uma pessoa de verdade. Com um namorado.* Que importava se não era verdade? Conrad piscou, mas seu rosto não mudou de expressão. Jeremiah, porém, fez uma expressão de surpresa.

— Belly, você tem namorado? — disse ele, franzindo a testa. — Nunca mencionou esse cara.

— Não é sério — disse eu, pegando um fio que estava se soltando da almofada da cadeira. Já estava me arrependendo de ter mentido. — Aliás, é bem incerto mesmo.

— Está vendo? Então pra que namorar firme no verão? E se você conhecer alguém? — Clay piscou para mim, brincalhão. — Como está acontecendo agora?

— Nós já nos conhecemos, Clay. Nós nos conhecemos há dez anos. — Mas ele nunca tinha prestado a mínima atenção em mim.

Ele encostou o joelho no meu.

— Prazer em conhecê-la. Meu nome é Clay.

Eu ri, embora não tivesse graça. Só que me pareceu a coisa certa a se fazer.

— Oi, meu nome é Belly.

— E aí, Belly, vai à minha fogueira amanhã à noite — convidou ele.

— Hum, claro — disse eu, tentando não me empolgar muito.

Conrad, Steven e Jeremiah iam à grande fogueira de Quatro de Julho todos os anos. Clay fazia a fogueira na sua casa, porque havia um milhão de fogos de artifício naquela parte da praia. Sua mãe sempre deixava na mesa tudo que era preciso para fazer biscoitos com *marshmallow* e chocolate. Uma vez eu tinha feito Jeremiah trazer um para mim, e ele trouxe. Estava pegajoso e queimado, mas comi mesmo assim, e ainda fiquei grata a Jeremiah por tê-lo trazido. Eles nunca me deixavam ir, e eu nunca tinha pedido. Assistia aos fogos da varanda dos fundos, de pijama, com Susannah e minha mãe. Elas bebiam champanhe e eu bebia cidra espumante Martinelli sem álcool.

— Pensei que tivesse vindo nadar — disse Conrad, de repente.

— Ih, Con, dá um tempo — disse Jeremiah. — Se ela quiser nadar, ela vai nadar.

Nós nos entreolhamos, um olhar que significava: *Por que Conrad sempre age como se fosse nosso pai?* Conrad jogou o cigarro pela metade na lata.

— Faça o que quiser — disse.

— Vou fazer mesmo — respondi, mostrando a língua para Conrad, e ficando de pé. Tirei a toalha e mergulhei na água, um mergulho perfeito. Fiquei submersa um minuto. Depois comecei a nadar de costas para poder ouvir a conversa deles.

Ouvi Clay dizer baixinho:

— Cara, Cousins está começando a encher. Estou louco para voltar para casa.

— É, eu também — disse Conrad.

Então Conrad estava pronto para partir. Embora um pedacinho de mim já soubesse disso, ainda assim fiquei magoada. Senti vontade de dizer, *então vá*.

Se não quer ficar aqui, não fique. Vá embora. Mas não ia deixar Conrad me aborrecer, não quando as coisas finalmente estavam melhorando.

Por fim, tinha sido convidada para a fogueira do Quatro de Julho na casa do Clay Bertolet. Eu era grande agora. A vida era boa. Ou pelo menos estava ficando.

Passei o dia todo pensando no que ia usar. Como nunca tinha ido à fogueira, não sabia como me vestir. Provavelmente estaria frio, mas quem usaria casaco perto de uma fogueira? Eu não ia fazer isso, logo da primeira vez. Também não queria que Conrad e Jeremiah implicassem comigo se eu caprichasse muito. Pensei em ir de short, camiseta e descalça, para não errar.

Quando cheguei lá, vi que não tinha escolhido bem. As outras meninas estavam de vestidos de alcinha, minissaias e botinhas Uggs. Se eu tivesse amigas em Cousins, talvez soubesse disso.

— Não me disse que as meninas vinham todas bem vestidas — sussurrei para Jeremiah entredentes.

— Você está ótima. Deixa de ser boba — disse ele, indo direto até o barril de chope. Havia um barril de chope. Não vi nenhum biscoito nem *marshmallows*.

Eu nunca tinha visto um barril de chope antes na vida aliás, não na vida real. Só no cinema. Comecei a segui-lo mas Conrad agarrou o meu braço.

— Não beba hoje — avisou. — Minha mãe me mata se eu deixar você beber.

Sacudi o braço para me livrar dele.

— Não vai me "deixar" fazer nada.

— Ah, vai... Por favor?

— Vou pensar no caso — disse eu, me afastando dele e indo em direção à fogueira. Nem mesmo sabia se queria ou não beber. Embora tivesse visto Clay bebendo na noite anterior, ainda estava esperando biscoitos com *marshmallow*.

Ir até a fogueira era bom, teoricamente, mas ficar ali era outra coisa. Jeremiah estava batendo papo com uma garota de biquíni vermelho, branco e azul e saia *jeans*, e Conrad estava falando com Clay e uns outros caras que não reconheci. Pensei que Clay, depois de ter dado em cima de mim na noite

anterior, iria pelo menos se aproximar e me cumprimentar. Mas não. Estava com a mão nas costas de outra menina.

Fiquei ali perto da fogueira, sozinha, fingindo aquecer as mãos, embora não estivessem frias. Foi aí que o vi. Ele estava sozinho também, bebendo uma garrafa de água. Não parecia conhecer ninguém por ali, porque não havia ninguém perto dele. Parecia ter a minha idade. Mas havia alguma coisa nele que me fez sentir segura e confortável, como se ele fosse mais novo do que eu, mesmo que não fosse. Levei algum tempo olhando para ele até entender o que era. Quando finalmente entendi, foi um momento *eureka!*

Eram seu *cílios*. Eram tão compridos que praticamente raspavam nas faces. É verdade que suas maçãs do rosto eram finidas, mas mesmo assim, eram cílios bem compridos. Além disso, ele tinha o queixo ligeiramente projetado para frente, e sua pele era clara e sem manchas, da cor de flocos de coco torrado, desses que se põem no sorvete. Toquei meu rosto e me senti aliviada porque o sol tinha secado uma espinha que aparecera dois dias antes. A pele dele era perfeita. A meus olhos, tudo nele parecia perfeito.

Era alto, mais alto do que Steven ou Jeremiah, talvez até do que Conrad. Parecia uma mistura de branco com japonês ou coreano. Era tão lindo que senti até vontade de desenhar o seu rosto, e nem mesmo sabia desenhar.

Ele me pegou olhando na sua direção, e desviei o olhar. Depois voltei a olhar para ele, e nossos olhos se encontraram novamente. Ele ergueu a mão e acenou de leve.

Senti minhas faces arderem. Não tinha o que dizer a não ser "oi". Fui até perto dele, estendi a mão, e imediatamente me arrependi de ter feito isso. Ninguém mais apertava a mão de ninguém.

Ele pegou minha mão e a apertou. Não disse nada a princípio. Só ficou olhando para mim, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— Você me parece familiar — disse, afinal.

Tentei não sorrir. Não era isso que os meninos diziam às meninas quando chegavam perto delas nos bares? Eu me perguntei se ele teria me visto de biquíni de bolinhas novo na praia. Só tive coragem de usá-lo uma vez, mas talvez tivesse sido aquilo que tinha feito aquele cara me notar.

— Talvez tenha me visto na praia?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não é isso.

Então não tinha sido o biquíni. Tentei outra vez.

— Talvez tenha sido na sorveteria Scoops?

— Não, também não — disse ele. Então foi como se uma lâmpada se acendesse em sua cabeça, porque ele sorriu de repente. — Você estudou latim?

Mas o quê?

— Hã... sim.

— Você foi à Convenção de Latim em Washington? — perguntou ele.

— Fui — respondi. Quem era aquele menino, afinal?

Ele concordou, satisfeito.

— Eu também. No oitavo ano, certo?

— Certo... —No oitavo ano eu tinha aparelho nos dentes e ainda usava óculos. Odiei muito ele ter me conhecido naquela época. Por que não podia ter me visto na praia, de biquíni de bolinha?

— Então foi isso. Estava aqui fazia um tempão tentando me lembrar— sorriu. — Meu nome é Cam, mas meu nome latino era Sextus. *Salve*.

De repente senti umas risadinhas bobas subindo pelo peito como bolhas de refrigerante. Aquilo era até engraçado.

— *Salve*. Eu sou Flavia. Quero dizer, Belly. Quer dizer, meu nome é Isabel, mas todos me chamam de Belly.

— Por quê? — perguntou, como se estivesse mesmo querendo saber.

— Foi o apelido que meu pai me deu quando eu era pequena. Ele achava Isabel um nome comprido demais — expliquei. — Todos ainda me chamam de Belly. É ridículo.

Ele fingiu não ter ouvido a última parte da explicação e disse:

— Por que não te chamam de Izzy? Ou Belle?

— Sei lá. Em parte porque gosto de balinhas Jelly Belly e porque meu pai gostava de fazer uma brincadeira, me perguntando qual era meu humor, e eu respondia em labores de Jelly Belly. Ameixa era bom humor... — E aí minha voz sumiu. Eu tendia a tagarelar quando estava nervosa, e definitivamente estava. *Sempre tinha* detestado o nome Belly, em parte porque nem era um

nome de verdade. Era um apelido de criança, não um nome. Isabel, por outro lado, era o nome de uma garota exótica, o tipo de garota que ia ao Marrocos e a Moçambique, usava esmalte vermelho o ano inteiro e tinha franja preta. Belly era o tipo de nome que evocava imagens de criancinhas rechonchudas. — E de qualquer forma eu detesto Izzy, mas gostaria que as pessoas me chamassem de Belle. É mais bonito.

Ele concordou.

— E significa isso também. Significa bonita.

— Eu sei — disse eu. — Estou na turma de francês de nível avançado.

Cam disse alguma coisa em francês, tão rápido que não consegui entender.

— Quê? — disse. Eu me senti burra. É constrangedor falar em francês quando a gente não está na sala de aula. Conjuguar verbos é uma coisa, mas falar mesmo, em francês, como se a pessoa fosse francesa, é uma coisa completamente diferente.

— A minha avó é francesa — disse ele. — Eu sempre falei francês.

— Ah — eu disse. Agora estava arrependida de ter me gabado de estar na turma de francês avançado.

— Sabe, o "v" se pronuncia como um "u".

— Quê?

— No nome Flavia. A pronúncia certa é Fla-uia.

— Claro que sei disso — retruquei, zoando meio agressiva. — Tirei segundo lugar em oratória. Mas Flauia é meio idiota.

— Fiquei em primeiro — disse ele, tentando não parecer convencido. De repente me lembrei de um rapaz de camiseta preta e gravata listrada, deixando todos boquiabertos com seu discurso de Catulo e tirando primeiro lugar. Era ele. — Por que escolheu esse nome, se achava bobo?

Dei um suspiro.

— Por que Cornelia já tinha sido escolhido. Todo mundo queria Cornelia.

— É, eu me lembro que todos queriam o Sextus também.

— Por quê? — indaguei. Mas me arrependi. — Ah. Esquece.

Cam riu.

— O senso de humor dos meninos do oitavo ano não é muito refinado.

Também ri. Depois disse:

— Então, está em alguma casa aqui por perto?

— Alugamos uma casa a dois quartos daqui. Minha mãe meio que me obrigou a vir — disse Cam, esfregando o alto da cabeça, envergonhado.

— Ah — falei, desejando parar de dizer "*Ab*", mas sem conseguir pensar em mais nada para dizer.

— E você? Por que veio, Isabel?

Levei um susto quando ele usou meu nome de verdade. Disse aquilo sem nenhuma dificuldade. Eu me senti como no primeiro dia de escola. Mas gostei.

— Não sei — disse eu. — Acho que porque Clay me convidou.

Só conseguia dizer coisas genéricas. Por algum motivo, queria impressionar aquele menino. Queria que ele gostasse de mim. Sentia que ele estava me analisando, analisando as burrices que eu dizia. *Eu também sou inteligente*, senti vontade de dizer. Falei para mim mesma que tudo bem, não importava se ele pensasse que eu era inteligente ou não. Mas importava, sim.

— Acho que vou embora logo — disse ele, terminando a garrafa de água. E não olhou para mim ao dizer isso. — Precisa de uma carona?

— Não — disse eu. Tentei engolir minha decepção por ele estar de saída. — Vim com aqueles meninos ali. — E aponte para Conrad e Jeremiah.

Ele assentiu.

— Imaginei, quando vi que seu irmão não parava de olhar para cá.

Quase engasguei.

— Meu irmão? Quem? Ele? — Aponte para o Conrad. Ele não estava olhando para nós. Estava olhando para uma loura de boné do Red Sox, e ela estava correspondendo aos seus olhares. Estava rindo, e ele nunca ria.

— É.

— Ele não é meu irmão. Tenta agir como se fosse, mas não é — disse eu. — Acha que é o irmão mais velho de todo mundo. É tão protetor... Por que já vai embora? Vai perder os fogos de artifício.

Ele pigarreou como se estivesse constrangido.

— Hum, é que ia voltar para casa para estudar. —

— Latim? — Levei a mão à boca para conter o riso.

— Não. Estou estudando baleias. Quero fazer um estágio em um barco de observação de baleias e preciso fazer um teste no mês que vem — disse ele, esfregando de novo o alto da cabeça.

— Ah, legal — falei. Desejei que ele não estivesse indo embora tão cedo. Não queria que ele fosse. Ele era simpático. De pé ao seu lado, eu me sentia como a Polegarzinha, pequena e delicada. Ele era alto assim. Se fosse embora, eu voltaria a ficar só. — Sabe, talvez eu aceite sua carona. Espere um pouco. Eu já volto.

Fui andando depressa até Conrad, tão rápido que fui chutando areia para os lados, atrás de mim.

— Ei, vou pegar uma carona — falei, ofegante.

A loura de boné do Red Sox me olhou de cima a baixo.

— Olá — disse ela.

Conrad respondeu para mim:

— Com quem?

Apontei para Cam.

— Com ele.

— Não vai pegar carona com alguém que você não conhece — disse Conrad, autoritário.

— Eu conheço ele. Ele é o Sextus.

Conrad semicerrou os olhos.

— Sex, o quê?

— Deixa pra lá. O nome dele é Cam, ele está estudando baleias, e você não decide com quem eu pego carona. Só vim avisar por educação. Não estava lhe pedindo permissão. — Comecei a me afastar, mas ele agarrou meu cotovelo.

— Não me importa o que ele estuda. Você não vai com ele — disse, com toda a calma, embora me segurasse com força. — Se quiser voltar para casa, eu te levo.

Inspirei profundamente. Precisava manter a calma. Não ia deixar ele me convencer a bancar a criancinha, não na frente de tanta gente.

— Não, obrigada — disse eu, tentando me afastar de novo. Mas ele não me soltou-

— Pensei que já tivesse namorado — argumentou, em tom zombeteiro, e aí vi que *ele* não tinha caído na minha mentira da noite anterior.

Senti muita vontade de jogar um punhado de areia na cara dele. Tentei torcer o braço para me livrar dele.

— Me solta! Está me machucando!

Ele me soltou imediatamente, com o rosto vermelho. Não estava machucando, mas senti vontade de envergonhá-lo como ele estava me envergonhando. E disse, bem alto:

— Prefiro pegar carona com um estranho do que com alguém que bebeu!

— Só tomei uma cerveja — rebateu ele. — Peso 80 quilos. Espere só meia hora, que te levo. Para de agir como uma pirralha.

Senti as lágrimas começarem a brilhar em meus olhos. Olhei para trás para ver se Cam estava assistindo à cena. Estava.

— Você é um babaca — falei.

Ele me olhou direto nos olhos e disse:

— E você tem 4 aninhos.

Quando me afastei dele, ouvi a garota perguntar:

— Ela é sua namorada?

Dei meia-volta, e ambos dissemos "Não!" ao mesmo tempo.

Confusa, ela perguntou, então:

— Então é sua irmã caçula? — disse como se eu não estivesse bem ali. Seu perfume era enjoativo. Parecia que estava impregnando todo o ar em torno de nós, como se estivéssemos respirando-a.

— Não, não sou irmã caçula dele.

Não gostei do fato de aquela garota estar testemunhando tudo aquilo. Era humilhante. E ela era bonita, como Taylor era bonita, o que de alguma maneira piorava tudo.

Conrad disse:

— A mãe dela é a melhor amiga da minha. — Era só isso que eu era para ele? A filha da melhor amiga da mãe?

Inspirando profundamente, sem nem mesmo pensar, eu disse à menina:

— Eu conheço Conrad desde pequena. Então me sinto na obrigação de te alertar: você vai ficar a ver navios. Conrad nunca vai amar ninguém como

ama a si mesmo, se é que sabe o que eu quero dizer... — E ergui a mão, mexendo os dedos.

— Cale a boca, Belly — avisou Conrad. As pontas das Suas orelhas estavam vermelhas. Foi um golpe baixo da minha parte, mas não me importei. Ele merecia.

A menina do boné dos Red Sox franziu a testa.

— Do que ela está falando, Conrad?

E aí eu soltei:

— Ah, me desculpe, você não conhece a expressão "a ver navios"?

O rosto bonito se contraiu.

— Piranhazinha — sibilou.

Eu senti que estava encolhendo. Desejei poder retirar o que tinha dito. Nunca tinha brigado com uma menina antes — nem com ninguém, aliás.

Felizmente Conrad interveio e apontou para a fogueira.

— Belly, volta pra lá, e espera que vou te buscar — ordenou ele, asperamente.

E foi aí que Jeremiah se aproximou.

— Ei, o que está havendo? — perguntou ele, sorrindo daquele seu jeito alegre, bobalhão.

— Seu irmão é um idiota — disse. — É isso que está havendo.

Jeremiah passou o braço ao redor dos meus ombros. Estava cheirando a cerveja.

— Vocês se comportem, hein, estão me ouvindo?

Dei de ombros, para me livrar do braço dele, e disse:

— Estou me comportando. Diga ao seu irmão para se comportar.

— Ei, espera aí, vocês são irmão e irmã também? indagou a menina.

Conrad disse:

— Nem pense em ir embora com aquele garoto.

— Con, calma — disse Jeremiah. — Ela não vai embora, né, Belly?

Ele me olhou, franzi os lábios e concordei. Depois lancei a Conrad o olhar mais agressivo que consegui, e lancei um olhar furioso para a menina também, quando estava longe o suficiente para ela não conseguir me agarrar pelos cabelos. Voltei até a fogueira, tentando manter a postura ereta, e por

dentro me sentindo como uma criança que levou bronca na sua própria festa de aniversário. Não era justo ser tratada como uma criança quando não era uma. Aposto que eu e aquela garota tínhamos a mesma idade.

Cam me perguntou:

— O que aconteceu lá?

Respondi, tentando não chorar:

— Vamos embora.

Ele hesitou, olhando de relance para Conrad.

— Acho que não é uma boa ideia, Flavia. Mas vou ficar aqui com você mais um pouco. As baleias podem esperar.

Senti vontade de dar um beijo nele. Senti vontade de esquecer que tinha conhecido Conrad e ficar só ali, existindo na bolha daquele momento. O primeiro dos fogos de artifício subiu, e explodiu em algum ponto acima das nossas cabeças. Parecia uma chaleira assobiando alto e imponente. Era dourado e explodiu em milhões de flocos de ouro, como confete, acima de nós.

Sentei-me perto do fogo com Cam e ele me falou das baleias, enquanto eu contava besteiras, como o fato de que eu era secretária do clube de francês e que minha comida predileta eram sanduíches de carne de porco desfiada. Ele disse que era vegetariano. Devemos ter ficado uma hora sentados ali juntos. Percebi que Conrad passou o tempo todo nos vigiando, e me senti tentada a lhe mostrar o dedo médio. Detestava quando ele vencia.

Quando começou a ficar frio, esfreguei os braços, e Cam tirou seu moletom com capuz e me deu. O que era uma espécie de sonho tornado realidade, sentir frio e um cara lhe dar seu agasalho em vez de ficar se gabando de ter sido mais esperto e trazido um.

Sua camiseta tinha a estampa de uma navalha, do tipo que os caras usam para fazer a barba, e os dizeres STRAIGHT EDGE.

— O que isso significa? — indaguei, fechando o zíper do agasalho, que era quentinho e tinha cheiro de menino, de um jeito bom.

— Que sou straight edge — disse ele. — Não bebo nem uso drogas. Costumava ser do tipo radical, que nem toma remédio para dor de cabeça nem bebe nada com cafeína, mas parei com isso.

— Por quê?

— Por que eu era radical ou por que parei?

— As duas coisas.

— Não sou a favor de poluir o organismo com coisas artificiais — disse ele. — Parei porque isso estava deixando minha mãe maluca. E também porque sentia falta de tomar um Dr. Pepper.

Eu também gostava de Dr. Pepper. Fiquei aliviada por não ter bebido cerveja. Não queria que ele pensasse mal de mim. Queria que me considerasse uma menina legal, tipo de menina que não se importa com o que as pessoas pensam, o tipo de pessoa que ele obviamente era. Queria ser amiga dele. Também queria beijá-lo.

Cam foi embora quando nós fomos. Levantou-se assim que viu Jeremiah vir para o nosso lado para me buscar.

— Tchau, Flavia — disse ele.

Comecei a tirar o agasalho, mas ele falou:

— Não tem problema, pode me dar depois.

— Deixa eu te dar meu número de telefone — falei, estendendo a mão para que ele me desse o seu celular. Eu nunca tinha dado meu telefone a nenhum menino antes. Enquanto digitava meu número, senti muito orgulho de mim mesma por ter proposto isso.

Recuando, ele colocou o celular no bolso e disse:

— Eu teria dado um jeito de consegui-lo sem seu telefone. Sou inteligente, lembra? Primeiro lugar em oratória.

Tentei não sorrir quando ele se afastou.

— Não é tão esperto assim — gritei. Parecia coisa do destino nós termos nos encontrado. Achei que aquela tinha sido a coisa mais romântica que já havia acontecido comigo, e era.

Vi Conrad se despedir da menina do boné dos Red Sox. Ela o abraçou, ele retribuiu o abraço, mas sem muito entusiasmo. Fiquei feliz por ter estragado a noite dele, mesmo que só um pouquinho.

— No caminho para o carro, uma menina me parou. Ela havia feito maria-chiquinhas com os cabelos castanho claros, e estava com uma camiseta cor-de-rosa. — Você gosta do Cam? — perguntou, com naturalidade. Piquei

imaginando como ela o conhecia, pois tinha pensado que ele era um João-ninguém como eu.

— Eu mal o conheço — disse-lhe, e seu rosto se descontraíu. Ela ficou aliviada. Reconheci aquela expressão nos seus olhos, sonhadora e esperançosa. Devia ser a cara que eu fazia quando falava sobre Conrad, tentava inserir seu nome nas conversas. Aquilo me fez sentir triste por ela, por mim.

— Vi como Nicole falou com você — disse ela, abruptamente. — Não liga pra ela. Ela é uma idiota, como pessoa.

— A menina do Red Sox? E, ela realmente é um saco — concordei. Depois acenei para a menina quando Jeremiah, Conrad e eu fomos para o carro.

Conrad era o motorista. Estava completamente sóbrio, e eu sabia que tinha ficado sóbrio a festa inteira. Ele deu uma olhada no agasalho do Cam, mas não disse nada. Ficamos calados até chegar em casa. Jeremiah e eu nos sentamos no banco de trás, e ele tentou fazer piadas, mas ninguém riu. Eu estava ocupada demais refletindo, me lembrando de tudo que tinha acontecido naquela noite. Pensei comigo mesma, *esta deve ter sido a melhor noite da minha vida*.

No meu álbum do ano passado, Sean Kirkpatrick tinha escrito que eu tinha "olhos tão claros" que ele era "capaz de ver até o fundo da minha alma". Sean era um nerd do grupo de teatro, mas e daí? Mesmo assim aquilo ainda fazia eu me sentir bem. Taylor soltou risadinhas quando mostrei aquelas palavras a ela. Disse que só Kirkpatrick notaria a cor dos meus olhos quando o resto dos caras estavam ocupados demais olhando para meus peitos. Mas naquela noite, não era Sean Kirkpatrick. Tinha sido Cam, um cara de verdade, que tinha prestado atenção em mim mesmo antes de eu ser bonita.

Estava escovando os dentes no banheiro do segundo andar, quando Jeremiah entrou, fechando a porta. Estendendo a mão para pegar sua escova, disse:

— O que há entre você e o Con? Por que estão tão zangados um com o outro?

Ele se sentou na pia.

Jeremiah detestava que as pessoas se desentendessem. É por isso sempre procurava acalmar os ânimos com palhaçadas. Achava que era sua obrigação amenizar qualquer situação. Era comovente, mas também meio irritante.

Com a boca cheia de pasta, eu disse:

— Hum, porque ele é um neo maxi zoom babaca?

Ambos rimos dessa definição. Era uma das piadinhas só nossas, uma fala do filme *Clube dos Cinco* que passamos o verão inteiro repetindo um para o outro quando eu tinha 8 anos e ele, 9.

Ele pigarreou.

— Na boa, não critica tanto ele assim. Ele está tendo uns problemas.

Aquilo era novidade para mim.

— Que problemas?

Jeremiah hesitou.

— Não posso contar.

— Ah, o que é isso. Contamos tudo um ao outro, Jeremiah. Nada de segredos, lembra?

Ele sorriu.

— Lembro. Mas não posso contar, mesmo assim. Não é meu segredo.

Franzindo o rosto, abri a torneira e disse:

— Você sempre fica do lado dele.

— Não estou ficando do lado dele. Estou só defendendo o lado dele.

— É a mesma coisa.

Ele estendeu o braço e ergueu os cantos da minha boca. Era um dos seus truques mais antigos; não importava o quê, sempre me fazia sorrir.

— Nada de bico, Bells, lembra?

Nada de bico era uma regra que Conrad e Steven tinham inventado um verão. Acho que eu tinha 8 ou 9 anos. Só que ela era só para mim. Eles até colocaram uma placa na porta do meu quarto. Eu naturalmente rasguei o papel e corri para contar à Susannah e à minha mãe. Naquela noite ganhei mais uma porção de sobremesa, pelo que me lembro. Sempre que fazia cara de triste ou infeliz, mesmo de leve, um dos meninos começava a berrar: "nada de bico". E talvez eu fizesse um pouco de bico, mesmo, mas era o único jeito de

eu conseguir as coisas. De certa forma era ainda mais difícil ser a única menina naquela época. Sob outros aspectos, não.



Capítulo vinte e dois

Naquela noite dormi com o agasalho de Cam. Foi uma bobagem, e meio melodramático, mas não importava. No dia seguinte, usei o moletom do lado de fora, mesmo estando um calor sufocante. Adorava aquelas mangas puídas, como se tivesse sido muito usado. Era mesmo um casaco de menino.

Cam tinha sido o primeiro menino que tinha me dado atenção assim, que tinha me deixado notar que estava a fim de ficar ao meu lado. E sem se envergonhar por isso.

Quando acordei, percebi que tinha lhe dado o telefone da casa. Não sei por quê. Podia ter dado a ele o número do meu celular em vez disso.

Fiquei esperando o telefone tocar. O telefone da casa de campo nunca tocava. As únicas pessoas que ligavam para aquele telefone eram Susannah, tentando descobrir que tipo de peixe queríamos para o jantar, ou minha mãe, ligando para dizer a Steven para pôr as toalhas na secadora ou acender a churrasqueira.

Fiquei no deque, tomando sol e lendo revistas, com o casaco de Cam enrolado no colo, como se fosse um bicho de pelúcia. Como as janelas estavam sempre abertas, eu sabia que ouviria o telefone tocar.

Passei protetor solar no corpo todo primeiro, depois duas camadas de bronzeador. Não sabia se era exagero ou não, mas achei melhor prevenir do que remediar. Sentei-me com um pouco de frescor de cereja em uma garrafa- d'água velha, rádio e óculos escuros e revistas do lado. Os óculos tinham sido comprados pela Susannah para mim anos atrás. Susannah adorava dar presentes. Quando saía para fazer compras ou ir ao banco, voltava com presentinhos. Coisinhas como aquele óculos de coração vermelho que disse que simplesmente tinha que me dar. Sabia exatamente o que eu adorava, coisas nas quais eu nem sequer tinha pensado ou imaginado que compraria. Coisas como loção para pés com fragrância de lavanda, ou uma bolsinha acolchoada de seda para lenços.

Minha mãe e Susannah tinham saído de manhã cedo naquele dia para visitar galerias de arte em Dyerstown, e Conrad, graças a Deus, já havia saído para o trabalho. Jeremiah ainda estava dormindo. A casa era toda minha.

A ideia de me bronzear parecia teoricamente muito engraçada. Deitar-se para tomar banho de sol e beber refrigerante, e cair no sono, como um gato gordo. Mas na prática, o ato de bronzear-se é meio tedioso e chato. E quente. Prefiro boiar no mar e me bronzear assim, do que me sentar ao sol, suando. Dizem que a pessoa se bronzeia mais rápido quando está molhada, de qualquer forma. Só que, naquela manhã, eu não tive escolha. Caso Ca ligasse, quero dizer. Então fiquei ali, suando e torrando como um pedaço de frango em uma grelha. Era chato, mas necessário.

Logo depois das dez, o telefone tocou. Dei um pulo e corri até a cozinha.

— Alô? — falei, ofegante.

— Oi, Belly, é o Sr. Fisher.

— Ah, oi, Sr. Fisher — disse. Tentei não parecer muito decepcionada.

Ele pigarreou.

— E aí, como vão as coisas com vocês?

— Muito bem. Susannah não está, foi com a mamãe a Dyerstown, visitar umas galerias.

— Ah, sei... e os meninos, como estão?

— Bem... — Eu nunca sabia o que dizer ao Sr. Fisher.

— Conrad está trabalhando e Jeremiah ainda está na cama. Quer que eu o acorde?

— Não, não, tudo bem.

Fez-se uma longa pausa, e eu procurei alguma coisa para dizer.

— O senhor, hum, vai vir aqui este fim de semana?

— perguntei.

— Não, este fim de semana, não — disse. A voz dele parecia muito distante. — Ligo de novo mais tarde. Divirta-se, Belly.

Desliguei. O Sr. Fisher ainda não tinha vindo nenhuma vez à casa de Cousins. Costumava vir no fim de semana depois do Quatro de Julho, porque era mais fácil afastar-se do escritório depois do feriado. Quando vinha, acendia a churrasqueira e ficava fazendo churrasco o fim de semana inteiro, com um avental onde se lia O CHEF É QUEM SABE. Fiquei pensando se Susannah ficaria triste por ele não vir, se os meninos se importariam.

Voltei para minha espreguiçadeira ao sol. Adormeci na cadeira, e acordei quando Jeremiah borrifou refresco na minha barriga.

— Para com isso — reclamei, mal-humorada, sentando-me. Estava com sede por ter tomado muito refresco doce demais (eu sempre dobrava a quantidade de açúcar) e me sentia desidratada e suada.

Ele riu e se sentou na minha espreguiçadeira.

— Ficou aqui fazendo isso o dia inteiro?

— Fiquei — disse eu, enxugando a barriga e depois secando a mão no calção dele.

— Nossa, que saco. Venha comigo, vamos fazer outra coisa — mandou. — Só saio para o trabalho à noite.

— Estou me bronzeando — disse.

— Você já está bem morena — disse ele.

— Vai me deixar dirigir?

Ele hesitou.

— Tudo bem — concordou. — Mas tem que tomar um banho primeiro. Não quero que se sente toda suada assim no banco do meu carro.

Eu me levantei, fazendo um rabo de cavalo com os cabelos oleosos.

— Vou fazer isso agora mesmo. Espera um pouco — pedi.

Jeremiah ficou esperando por mim no carro, com o ar-condicionado no máximo. Sentou-se no banco do passageiro.

— Aonde vamos? — perguntei, sentando-me diante do volante. Eu me sentia uma motorista profissional. — Tennessee? Novo México? Precisamos ir bem longe para eu praticar bastante.

Ele fechou os olhos e encostou a cabeça no banco.

— Apenas dobre à esquerda depois que sair para a rua — disse ele.

— Sim, senhor — disse eu, desligando o ar-condicionado e abrindo as quatro janelas. Era muito melhor dirigir com as janelas abertas. Parecia que a gente estava realmente indo a algum lugar.

Ele continuou me dando instruções, até que paramos no Kart City.

— Sério?

— Vamos praticar um pouco — disse ele, sorrindo como um alucinado.

Esperamos na fila para podermos escolher os carros, e quando chegou nossa vez, o atendente me falou para sentar no azul. Eu disse:

— Posso dirigir o vermelho?

Ele piscou para mim e disse:

— Você é tão linda, que eu deixaria você dirigir meu carro.

Senti que estava ficando vermelha, mas gostei. O cara era mais velho do que eu e estava me dando atenção. Foi meio legal. Eu o tinha visto ali no verão anterior, e ele não tinha olhado para mim nenhuma vez.

Entrando no carro ao lado do meu, Jeremiah murmurou:

— Mas que cara mais bobo. Ele precisa arranjar um emprego de verdade.

— Ser salva-vidas é emprego de verdade? — indaguei.

Jeremiah fez uma careta.

— Começa a dirigir.

Toda vez que o meu carro passava, o cara acenava para mim. Da terceira vez que ele acenou, eu acenei de volta.

Percorremos a pista várias vezes, até chegar a hora de Jeremiah ir para o trabalho.

— Acho que já dirigiu bastante por hoje — disse Jeremiah, esfregando o pescoço. — Vou levar você pra casa.

Não discuti com ele. Ele voltou depressa e me deixou no meio-fio, indo direto para o trabalho. Entrei na casa me sentindo muito cansada e bronzada. E também satisfeita.

— Alguém chamado Cam ligou para você — disse mamãe. Ela estava à mesa da cozinha, lendo o jornal com seus óculos de leitura. Nem olhou para mim.

— Ah, ligou, é? — perguntei, disfarçando o sorriso com as costas da mão. — Ele deixou o telefone?

— Não — disse ela. — Disse que vai ligar de novo.

— Por que não pediu o telefone? — perguntei a ela, e detestei o tom da minha voz, meio esganiçado, mas quando se tratava da minha mãe, era como se eu não tivesse como impedir.

Foi aí que ela me olhou, perplexa.

— Não sei. Ele não me deu. Quem é ele, afinal?

— Esquece — disse eu, indo até a geladeira para pegar limonada.

— Como quiser — respondeu mamãe, voltando ao jornal.

Ela não tentou arrancar mais nada de mim. Nunca insistia. Pelo menos podia ter perguntado qual era o telefone dele. Se Susannah estivesse lá em vez dela, ela falaria comigo daquele jeito convincente, teria me provocado e bisbilhotado até eu lhe contar tudo. E eu teria contado de boa vontade.

— O Sr. Fisher ligou esta manhã — disse eu.

Mamãe olhou de novo para mim.

— O que ele disse?

— Não disse muita coisa. Só que não pode vir este fim de semana.

Ela franziu os lábios, mas não disse nada.

— Onde está Susannah? — perguntei. — Ela está no quarto?

— Está, mas não está se sentindo muito bem. Está tirando uma soneca — disse minha mãe. — Em outras palavras, não suba para incomodá-la.

— Que houve com ela?

— Está com rinite — disse minha mãe, automaticamente.

Minha mãe mentia muito mal. Susannah estava passando muito tempo no quarto, e havia uma tristeza nela que não existe antes. Eu sabia que alguma coisa estava errada. Só que não estava completamente certa do que podia ser.



Capítulo vinte e três

Cam voltou a ligar na noite seguinte, e na noite depois dela. Conversamos ao telefone duas vezes antes de nos encontrarmos de novo, durante umas quatro ou cinco horas de cada vez. Quando conversávamos, eu me deitava em uma das espreguiçadeiras da varanda e ficava contemplando a lua com os dedos dos pés apontando para o céu. Ria tanto que Jeremiah gritava da janela para eu falar mais baixo. Conversávamos sobre tudo, e eu adorava os papos, mas passava o tempo todo imaginando quando ele ia marcar o próximo encontro. Ele não marcou.

Então tomei a iniciativa e convidei Cam para vir jogar videogame e talvez nadar um pouco. Sentia-me uma mulher liberada, ligando assim para ele e convidando-o para vir à minha casa, como se fosse o tipo de coisa que eu fazia o tempo inteiro, quando na verdade estava fazendo isso só porque ninguém ia estar em casa. Não queria que Jeremiah nem Conrad, nem mesmo a minha mãe o Susannah o vissem ainda. Por enquanto, ele era só meu.

— Eu nado muito bem, então não fique com raiva se gente disputar uma corrida e eu vou ganhar de você — falei ao telefone.

Ele riu e disse:

— Estilo livre?

— Qualquer estilo.

— Por que gosta tanto de vencer?

Eu não tinha como responder àquela pergunta, a não ser dizendo que vencer era bom, afinal, quem é que não gostava? Convivendo com Steven e passando os verões com Jeremiah e Conrad, era sempre importante vencer, e duplamente importante, porque eu era menina e nunca esperavam que eu vencesse nada. A vitória é mil vezes melhor quando a gente é o azarão.

Cam veio até a nossa casa e o vi chegando de carro da janela do meu quarto. Seu carro era azul-marinho, velho e todo amassado, como o casaco que eu já estava planejando roubar. Parecia exatamente o tipo de carro que ele dirigiria.

Ele tocou a campainha, e descí as escadas voando para abrir a porta.

— Oi — falei. Estava com o casaco dele.

— Está com o meu casaco — disse ele, sorrindo para mim. Era ainda mais alto do que eu lembrava que era.

— Sabe, estava pensando em ficar com ele — disse, deixando-o entrar e fechando a porta. — Mas não quero de graça. Vamos disputar uma corrida, e se eu ganhar, fico com ele.

— Mas se a gente apostar, não pode ficar com raiva se eu ganhar — disse ele, erguendo uma das sobancelhas para mim. — É meu casaco predileto, e se eu vencer, levo ele de volta.

— Não tem problema — falei.

Fomos até a piscina, pela porta de tela dos fundos, descendo as escadas da varanda. Tirei o *short* e a camiseta e o casaco dele rapidamente, sem nem pensar. Jeremiah e eu apostávamos corrida na piscina o tempo inteiro. Não me ocorreu sentir vergonha por estar de biquíni na frente do Cam. Afinal, passávamos o verão inteiro de roupa de banho naquela casa.

Mas ele desviou os olhos rapidamente e tirou a camiseta.

— Está pronta? — disse, de pé na beirada da piscina.

Fui até perto dele.

— Uma volta inteira? — perguntei, mergulhando o dedão na água.

— Isso — disse ele. — Quer uma vantagem?

Prendi o riso.

— *Você* quer uma vantagem?

— *Touché* — disse ele, sorrindo.

Eu nunca tinha ouvido um menino dizer "touché" antes. Nem ninguém, para dizer a verdade. Talvez minha mãe. Mas com ele foi legal. Diferente.

Venci a primeira corrida com facilidade.

— Você me deixou vencer — acusei.

— Não deixei, não — disse ele, mas eu sabia que não era verdade. Em todos os verões e todas as corridas, nenhum menino, nem Conrad, nem Jeremiah, e certamente não Steven, tinham me deixado vencer.

— É melhor dar o máximo dessa vez — alertei. — Senão fico com seu casaco.

— Melhor de três — sugeriu Cam, tirando os cabelos dos olhos.

Ele venceu a corrida seguinte, e eu a última. Não me convenci de que ele não tinha simplesmente me deixado vencer, afinal era tão alto e comprido que uma braçada dele dava duas da minha. Mas eu queria ficar com o casaco, portanto não discuti o resultado. Afinal, vitória é vitória.

Quando ele precisou ir embora, eu o acompanhei até o carro. Ele não entrou logo. Fez uma longa pausa, a primeira entre nós, se é possível acreditar nisso. Cam pigarreou e disse:

— Um cara que eu conheço, Kinsey, vai dar uma festa amanhã à noite. Será que gostaria de ir?

— Gostaria, sim — respondi.

Cometi o erro de mencionar isso, na hora do café, na manhã seguinte. Minha mãe e Susannah estavam fazendo compras. Estava sozinha com os meninos, como tinha sido durante a maior parte daquele verão.

— Vou a uma festa esta noite — falei, em parte para dizer aquilo em voz alta e em parte para me gabar.

Conrad ergueu as sobrancelhas.

— Você?

— Festa de quem? — quis saber Jeremiah. — A do Kinsey?

Deixei o suco de lado.

— Como sabe?

Jeremiah riu e balançou o dedo para mim.

— Conheço todo mundo em Cousins, Belly. Sou salva-vidas. É como ser prefeito. Greg Kinsey trabalha na loja de artigos para surfe ao lado do shopping.

Franzindo a testa, Conrad disse:

— Greg Kinsey não vende metanfetamina escondido, no carro?

— Quê? Não. Cam não seria amigo de nenhum traficante — disse eu, na defensiva.

— Quem é Cam? — perguntou Jeremiah.

— O cara que eu conheci na fogueira do Clay. Ele me convidou para ir a essa festa com ele, e eu aceitei.

— Infelizmente, você não pode ir à festa de viciados em metanfetamina — disse Conrad.

Era a segunda vez que Conrad tentava me dizer o que fazer, e eu já estava cansada disso. Quem ele pensava que era? Eu tinha que ir àquela festa. Não me importava se ia haver metanfetamina ou não. Eu ia assim mesmo.

— Conrad, eu lhe garanto que o Cam não seria amigo de ninguém assim! Ele é *straight edge*.

Conrad e Jeremiah ambos prenderam o riso. Em momentos como aquele, eles se uniam.

— Ele é *straight edge*? — disse Jeremiah, tentando não sorrir. — Que beleza.

— É, legal — concordou Conrad.

Olhei para os dois, furiosa. Primeiro eles não queriam que eu andasse com viciados em metanfetamina, e depois ser *straight edge* também não era legal.

— Ele não usa drogas, tá? E por isso duvido muito que ele tenha um amigo traficante.

Jeremiah coçou o rosto e disse:

— Sabe do que mais, pode ser que seja Greg Rosenberg o traficante. Greg Kinsey é maneiro. E tem uma mesa de sinuca. Acho que também vou a essa festa.

— Espera aí, o que disse? — Eu estava começando a entrar em pânico.

— Acho que também vou — disse Conrad. — Gosto de sinuca.

Fiquei de pé.

— Vocês não podem vir. Não foram convidados.

Conrad recostou-se na cadeira e pôs as mãos atrás da cabeça.

— Não se preocupe, Belly, não vamos nos meter no seu encontro.

— A menos que ele encoste em você — disse Jeremiah, esfregando o punho na palma da mão, ameaçadoramente, os olhos azuis semicerrados. — Se fizer isso, ele já era.

— Não é possível — gemi. — Por favor, estou implorando, não venham. Por favor, não venham.

Jeremiah fingiu que não estava me ouvindo.

— Con, o que vai vestir?

— Não pensei ainda. Quem sabe minha bermuda cáqui. O que *você* vai vestir?

— Eu odeio vocês — concluí.

As coisas estavam estranhas entre mim e Conrad, e também entre mim e Jeremiah, e então um pensamento impossível me passou pela cabeça. Será que eles não queriam que eu namorasse Cam? Porque os dois gostavam de mim? Será que seria possível uma coisa dessas? Eu duvidava. Eu era como uma irmã caçula deles. Só que não era.

Quando terminei de me arrumar e já era quase hora de ir, parei no quarto de Susannah para me despedir. Ela e minha mãe estavam olhando fotos antigas. Susannah estava pronta para ir para a cama, embora ainda estivesse bem cedo. Estava apoiada nos travesseiros, com um robe de seda que o Sr. Fisher tinha comprado para ela numa viagem de negócios a Hong Kong. Era vermelho-papoula e creme, e quando eu me casasse, queria um igualzinho.

— Venha se sentar aqui com a gente, *para ajudar* a montar esse álbum — disse minha mãe, revirando fotos em uma antiga *caixa* de chapéus listrada.

— Laurel, não viu que ela está toda arrumada? Ela tem coisas melhores a fazer do que olhar fotos empoeiradas. — Susannah piscou para mim. — Belly, você está parecendo uma flor no jardim. Adoro quando veste roupas brancas, bronzeada assim. Você se destaca com se as roupas fossem uma moldura.

— Obrigada, Susannah — falei.

Eu não estava arrumada, mas não estava de *short* como na noite da fogueira. Estava de vestido branco com chinelos, e tinha trançado os cabelos enquanto estavam molhados. Eu sabia que provavelmente aquelas tranças iam desmanchar dentro de meia hora porque estavam apertadas demais, mas não me importei. Elas estavam bonitas.

— Você está mesmo linda. Aonde vai? — perguntou minha mãe.

— Só a uma festa — disse eu.

Minha mãe franziu o rosto e disse:

— Conrad e Jeremiah também vão?

— Eles não são meus guarda-costas — rebati, revirando os olhos.

— Eu não disse que eram — falou minha mãe.

Susannah acenou para mim, como me mandando sair, e disse:

— Divirta-se, Belly.

— Eu vou — disse, fechando a porta antes que minha mãe pudesse me fazer mais perguntas.

Tinha esperança de que Conrad e Jeremiah estivessem só brincando, que eles não fossem realmente tentar vir comigo. Mas quando desci as escadas para ir até o carro do Cam, Jeremiah gritou:

— Ei, Belly?

Ele e Conrad estavam assistindo à TV na sala de estar. Meti a cabeça pela porta.

— Que é? — perguntei. — Estou com um pouco de pressa.

Jeremiah virou a cabeça na minha direção e piscou.

— Até já.

Conrad me olhou e disse:

— Por que pôs perfume? Está me dando dor de cabeça. E porque está toda maquiada assim?

Eu não estava tão maquiada assim. Tinha posto apenas gloss blush e rimei, e um pouco só de gloss, só isso. Ele é que estava acostumado a me ver de cara limpa. E eu tinha borrifado um pouco de perfume no pescoço e nos pulsos, só isso. Conrad com certeza não tinha se importado com o perfume da Red Sox. Ele tinha adorado o perfume dela.

Mesmo assim, eu me olhei mais uma vez no espelho do corredor. E espalhei um pouco mais o blush, o perfume também.

Depois bati a porta e corri pela entrada da garagem até o meio-fio onde Cam estava parando. Estava olhando a rua da janela do meu quarto, portanto vi o momento exato em que ele apareceu, para ele não ter que entrar e conhecer minha mãe.

Entrei no carro dele.

— Oi — disse.

— Oi. Eu teria tocado a campainha — disse ele.

— Confie em mim, assim é melhor — respondi, de repente me sentindo muito tímida. Como é possível falar com alguém ao telefone durante horas e horas, até nadar com essa pessoa, depois sentir como se não a conhecesse?

— Esse cara, Kinsey, ele é meio estranho, mas é legal — disse Cam, ao dar marcha à ré e sair da entrada da garagem. Era um bom motorista, prestava muita atenção ao dirigir.

Perguntei bem naturalmente:

— Ele por acaso vende metanfetamina?

— Hum, não que eu saiba — disse ele, sorrindo. Sua bochecha direita tinha uma covinha que eu não tinha notado na noite anterior. Era bonitinha.

Fiquei mais tranquila. Agora que já tínhamos esclarecido o problema da metanfetamina, só precisava fazer mais uma coisa. Girando a pulseira que trazia no pulso sem parar, perguntei:

— Sabe os caras que tinham me trazido naquele dia da fogueira? Jeremiah e Conrad?

— Seus irmãos postiços?

— É. Acho que eles vão passar na festa também. Eles conhecem... hã... Kinsey.

— Ah, é mesmo? — disse ele. — Valeu. Talvez eles se convençam de que eu não sou um maluco qualquer.

— Eles não acham que você é maluco — falei. — Quero dizer, acham, um pouco, mas acham que qualquer cara com quem eu fale é um maluco, portanto não é nada pessoal.

— Eles devem mesmo gostar muito de você, para serem protetores assim — disse Cam.

Será que gostavam mesmo?

— Hum, nem tanto. Bem, Jeremiah gosta de mim, sim, mas Conrad só quer saber de cumprir seu dever. Ou pelo menos era assim antes. Ele deve ter sido um samurai em outra vida. — Olhei para o Cam de relance. — Desculpe. Estou te chateando?

— Não, continua — disse Cam. — Como sabe o que são samurais?

Dobrando as pernas e sentando-me sobre elas, comecei:

— A aula de estudos internacionais da Srta. Baskerville no primeiro ano do ensino médio. Passamos uma unidade inteira estudando o Japão e o código de honra dos samurais. Eu vivia obcecada com aquela coisa do haraquiri.

— Meu pai é metade japonês — disse ele. — Minha avó mora no Japão, e por isso vamos lá visitá-la uma vez por ano.

— Puxa vida. — Eu nunca tinha ido ao Japão, nem nenhum país da Ásia. As viagens da mamãe também não chegaram até lá, embora eu soubesse que ela queria ir. — Você fala japonês?

— Um pouquinho — disse ele, esfregando o alto da cabeça. — Eu me viro bem.

Assobieei. Eu me orgulhava do meu assobio. Meu irmão, Steven, havia me ensinado.

— Então fala inglês e francês, japonês? Impressionante. Você é uma espécie de gênio, não é? — provoqueei-o.

— Também falo latim — recordou-me ele, com um sorriso.

— Latim não se fala mais, é língua morta — disse, só para ser do contra.

— Não é nada. Está em todas as línguas ocidentais — disse ele, parecendo meu professor de latim do sétimo ano, o Sr. Coney.

Quando paramos na casa do tal do Kinsey, não senti vontade de sair do carro. Adorava a sensação de estar conversando e ter uma pessoa realmente interessada no que eu tinha a dizer. Era como uma espécie de viagem, ou coisa assim. De um jeito estranho, me sentia poderosa.

Estacionamos na entrada, onde havia um milhão de carros. Alguns estavam estacionados meio em cima da grama. Cam andava depressa. Suas pernas eram tão compridas que precisei correr para acompanhá-lo.

— E aí, de onde você conhece esse cara? — perguntei.

— Ele é meu fornecedor — disse ele, rindo da expressão no meu rosto. — Você é mesmo ingênua, Flavia. Os pais dele têm um barco. Eu o vi lá na marina. Ele é legal.

Nós entramos sem bater. A música estava tão alta que eu era capaz de ouvi-la lá da entrada da garagem. Era karaokê, e uma menina estava cantando "Like a Virgin" a plenos pulmões, e rolando no chão, o fio do microfone se enrolando todo na calça jeans. Havia umas dez ou mais pessoas na sala, bebendo cerveja e passando de mão em mão um livro de músicas.

— Canta... "Livin'on a Prayer" depois — informou um cara à menina no chão.

Dois rapazes que não reconheci estavam me olhando, e eu podia sentir seus olhares me examinando, e me perguntei se não teria mesmo passado maquiagem demais. Era uma sensação nova ter caras me olhando, ainda mais ser convidada para um encontro. Era igualmente incrível e assustador. Vi a menina da fogueira, aquela que gostava do Cam. Ela olhou para nós, e depois desviou o olhar, de vez em quando me olhando de soslaio. Senti pena dela; sabia como era aquilo.

Também reconheci a nossa vizinha, Jill, que passava fins de semana em Cousins. Ela acenou para mim, e me ocorreu que eu nunca a tinha visto fora da vizinhança, dos nossos gramados. Ela estava sentada ao lado do cara da loja de vídeo, o que trabalhava às terças e usava o crachá de cabeça pra baixo. Eu nunca tinha visto a parte de baixo do corpo dele antes, porque ele sempre estava de pé atrás do balcão. E também vi a garçonete Katie, do Jimmy's Crab Shack, sem seu uniforme de listras vermelhas e brancas. Eram pessoas que eu via todos os verões, da minha vida inteira. Então era ali que elas estavam todo o tempo. Saindo, indo a festas, enquanto eu ficava de fora, trancada em casa como Rapunzel, vendo filmes antigos com minha mãe e Susannah.

Cam parecia conhecer todo mundo, Cumprimentava as pessoas, batendo com o ombro nos ombros dos rapazes, abraçando garotas. E aí começou a me apresentar:

— Esta é minha amiga, a Flavia — dizia. — Este é Kinsey. Esta casa é dele.

— Oi, Kinsey — cumprimentei.

Kinsey estava jogado no sofá, sem camisa. Era tão magro que dava para ver suas costelas. Não me pareceu um traficante. Parecia mais um entregador de jornais.

Ele tomou um gole de cerveja e disse:

— Meu nome não é Kinsey. É Greg. É que todo mundo me chama de Kinsey.

— Meu nome não é exatamente Flavia. É Belly. Só Cam me chama de Flavia.

Kinsey concordou, como se isso fizesse sentido.

— Vocês querem beber alguma coisa? Tem um isopor na cozinha.

Cam me perguntou:

— Quer beber alguma coisa?

Eu não sabia se devia dizer que sim ou que não. Por um lado, sim, queria, pois nunca bebia nada alcoólico. Seria como uma experiência. Mais uma prova de que aquele verão era especial, importante. Por outro lado, será que ele ficaria com nojo de mim se eu aceitasse? Será que me julgaria mal por isso? Eu não sabia quais eram as regras dos *straight edges*.

Resolvi não beber nada. A última coisa que queria era ficar fedendo como Clay naquela noite na piscina.

— Quero uma Coca — disse a ele.

Cam concordou, e percebi que ele tinha aprovado minha decisão. Fomos até a cozinha. Enquanto andávamos, ouvi trechinhos de conversas. "Ouvi dizer que Kelly foi pega dirigindo bêbada e por isso não está aqui neste verão." "E eu tinha ouvido dizer que ela tinha sido expulsa da escola." Fiquei me perguntando quem seria Kelly. E me perguntei se a reconheceria se a visse. Era tudo culpa do Steven, do Jeremiah e do Conrad, eles nunca me levavam a lugar nenhum. Só por isso é que não conhecia ninguém.

Todas as cadeiras da cozinha estavam com bolsas e casacos em cima delas, então Cam afastou algumas garrafas de cerveja vazias e abriu espaço em cima do balcão. Eu dei um pulo e me sentei nele.

— Conhece todas essas pessoas? — perguntei ao Cam.

— Não exatamente — disse Cam. — Só queria que você achasse que eu era legal.

— Eu já acho isso — disse, corando quase imediatamente.

Ele riu *como* se eu tivesse contado alguma piada, o que me fez sentir melhor. Abriu a geladeira e pegou uma Coca. Abriu e a entregou para mim.

Cam falou:

— Só porque sou *straight edge* não significa que você não pode beber. Quero dizer, vou julgar você por isso, mas se quiser, beba. Aliás, isso foi uma piada.

— Eu sei — disse. — Mas só Coca mesmo está bom. — E era verdade. Tomei um gole demorado de Coca e soltei um arroto. — Desculpe — disse, desmanchando uma das tranças. Elas estavam apertadas demais, e eu já estava sentindo um pouco de dor de cabeça.

— Você arrota, tipo, como um bebê — disse ele. — É meio nojento, mas meio bonitinho também.

Desmanchei a outra trança e bati no ombro dele. Mentalmente, ouvi Conrad dizer: *Abbh, você agora está batendo nele. Que paquera, Belly, que paquera.* Mesmo quando não estava lá, ele estava presente. E depois, ele realmente apareceu.

De repente, ouvi Jeremiah cantarolar como um tirolês, no microfone de karaokê. Mordi o lábio.

— Eles chegaram — falei.

— Quer ir lá cumprimentá-los?

— Não muito — disse, mas pulei do balcão.

Voltamos para a sala, e Jeremiah estava no meio do palco, cantando em falsete alguma música que eu nunca tinha ouvido. As meninas estavam rindo e olhando para ele, com os olhos arregalados. E Conrad estava no sofá, com uma cerveja na mão. A menina do boné dos Red Sox estava sentada no braço do sofá ao seu lado, inclinando-se para perto dele e deixando os cabelos

caírem no seu rosto como uma cortina que escondia os dois. Perguntei-me se eles teriam passado na casa dela para pegá-la, se ele tinha deixado que ela fosse sentada na frente ao lado dele.

— Ele canta bem — disse Cam. Depois ele seguiu a direção do meu olhar e disse: — Ele e Nicole estão namorando?

— Quem sabe? — disse eu. — Quem se importa!

Jeremiah então me viu, ao cumprimentar o público no fim da música.

— Belly! Essa próxima é para você. — E apontou para Cam. — Qual é o seu nome?

Cam pigarreou.

— Cam. Cameron.

Jeremiah disse ao microfone, para todos ouvirem:

— Seu nome é Cam Cameron? Cara, que nome escroto. — Todos riram, principalmente Conrad, que um segundo antes parecia estar totalmente entediado.

— É só Cam — disse Cam, baixinho. Ele me olhou nessa hora, e fiquei envergonhada. Não por ele, mas dele. Odiei os dois por estarem fazendo isso.

Era como se Conrad e Jeremiah tivessem considerado Cam indigno de mim, e eu tivesse de concordar com eles. Estranho eu ter me sentido tão próxima dele alguns minutos antes.

— Muito bem, Cam Cameron. Esta música é pra você e para a nossa preferida, a Bellyzinha, Podem mandar, moças. Uma menina apertou o botão de play no controle remoto. — "Summer lovin', had me a blast..."

Senti vontade de matá-lo, mas só consegui balançar a cabeça e fuzilá-lo com o olhar. Não podia tirar o microfone da mão dele na frente de toda aquela gente. Jeremiah sorria para mim e começou a dançar. Uma das moças que estava sentada no chão pulou e começou a dançar com ele. Ela cantou a parte da Olivia Newton-John, meio desafinada. Conrad assistia a tudo daquele seu jeito de quem estava se divertindo, com cara de condescendente. Ouvi alguém dizer: "Quem é essa menina, afinal?" Ela estava olhando direto para mim ao perguntar isso.

Ao meu lado, Cam estava rindo. Não acreditei nos meus olhos. Estava morta de vergonha, e ele, rindo.

— Sorria, Flavia — disse ele, me cutucando.

Quando alguém me diz para sorrir, não resisto. Sempre sorrio.

No meio da canção do Jeremiah, Cam e eu saímos, sem nem mesmo olhar para trás. Eu sabia que Conrad estava de olho em nós.

Cam e eu nos sentamos na escada e ficamos batendo papo. Ele estava um degrau acima do meu. Era bom conversar com ele, não era intimidante. Adorava como ele ria tão facilmente, nada parecido com Conrad. Você tinha que dar duro para arrancar até mesmo um sorriso do Conrad. Nada era fácil com ele.

Da maneira que Cam se abaixou na minha direção, achei que ele ia tentar me beijar. E achei que provavelmente eu deixaria. Mas em vez disso, ele se abaixava e coçava o tornozelo, ou puxava a meia, e depois se afastava, voltando a chegar perto outra vez.

Quando ele estava se inclinando de novo, ouvi vozes zangadas e beligerantes vindo do deque do lado de fora. Uma delas era definitivamente de Conrad, que estava muito irritado. Dei um pulo.

— Tem alguma coisa acontecendo ali.

— Vamos conferir — disse Cam, seguindo na frente.

Conrad e um cara com tatuagem de arame farpado no antebraço estavam discutindo. O cara era mais baixo do que Conrad, porém mais robusto. Tinha músculos bem desenvolvidos, e uns 25 anos, Jeremiah estava só olhando, preocupado, mas dava para notar que ele estava alerta, pronto para interferir se fosse necessário.

Cochichei para Jeremiah:

— Por que eles estão brigando?

Ele deu de ombros.

— Conrad está bêbado. Não se preocupe. Estão só se exibindo.

— Parece que vão se matar — disse eu, aflita.

— Eles estão bem — disse Cam. — Talvez a gente deva ir andando. Já está tarde.

Olhei de relance para ele. Tinha quase me esquecido que ele estava passado ao meu lado.

— Não vou embora — falei. Não podia evitar uma briga, mas não seria correto simplesmente deixar Conrad ali naquela situação.

Conrad avançou para o tatuado, que o empurrou para longe, com facilidade, e Conrad riu. Eu senti que a briga estava para começar, como uma tempestade. Exatamente como a água fica muito parada antes de as torneiras dos céus se abrirem.

— Não vai fazer nada? — cochichei, entredentes.

— Ele já é bem grandinho — disse Jeremiah, os olhos atentos acompanhando o irmão. — Vai ficar bem.

Mas ele não acreditava nisso, nem eu. Conrad não parecia nada bem. Nem parecia o Conrad Fisher que eu conhecia, todo descontrolado daquele jeito. E se ele se machucasse? O que ia acontecer? Eu tinha que ajudá-lo, simplesmente tinha.

Comecei a ir até eles, gesticulando para Jeremiah não me impedir quando tentou. Quando cheguei lá percebi que não fazia a menor ideia do que ia dizer. Nunca tinha tentado apartar uma briga antes.

— Ahm, oi — falei, ficando de pé entre os dois. — Temos que ir embora.

Conrad me empurrou, me tirando do caminho.

— Belly, sai daqui.

— Quem é essa? Sua irmãzinha? — perguntou o cara, me olhando da cabeça aos pés.

— Não, sou Belly — disse. Só que estava nervosa, e gaguejei ao pronunciar meu nome.

— Belly? — disse o cara, soltando uma gargalhada, e eu agarrei o braço de Conrad.

— Vamos embora agora — pedi.

Percebi como ele estava bêbado quando hesitou um pouco ao tentar se livrar de mim.

— Não vai embora. As coisas estão começando a ficar divertidas. Está vendo, vou dar uma surra nesse cara aqui. — Eu nunca tinha visto Conrad assim antes. Aquele jeito agressivo de falar me assustou. Fiquei imaginando

onde a menina do boné dos Red Sox estaria. E desejei que ela estivesse ali, tentando acalmar Conrad, e não eu. Eu não sabia o que devia fazer.

O cara riu, mas dava para ver que ele queria uma briga tanto quanto eu. Parecia cansado, como se só quisesse voltar para casa e assistir à tevê vestido com uma samba- canção. Mas Conrad estava a toda. Parecia uma garrafa de refrigerante que tinha sido sacudida. Estava para explodir em cima de alguém, não importava quem fosse. Não importava que aquele cara fosse maior que ele. Não teria importado nem que ele tivesse seis metros de altura e fosse duro feito tijolo. Conrad estava querendo brigar.

Só ficaria satisfeito quando se metesse em uma. E aquele cara seria capaz de matá-lo.

O cara ficou olhando para Conrad, depois para mim. Balançando a cabeça, disse:

— Belly, é melhor levar esse garotinho pra casa.

— Não fale com ela — avisou Conrad.

Pus a mão no peito do Conrad. Eu nunca tinha feito isso antes. Ele me pareceu sólido e firme; senti seu coração batendo depressa e sem controle.

— Será que a gente poderia simplesmente ir para casa? — supliquei. Mas era como se Conrad não estivesse me vendo ali de pé, nem sentindo minha mão no seu peito.

— Ouve o que a sua namorada está pedindo, cara — disse o homem.

— Não sou namorada dele — disse eu, olhando de relance para Cam, que não tinha nenhuma expressão em seu rosto.

Depois voltei a olhar para Jeremiah, aflita, e ele se aproximou. Murmurou alguma coisa no ouvido do Conrad, e Conrad o empurrou. Mas Jeremiah continuou a falar com ele bem baixo, e quando eles me olharam, percebi que estavam falando de mim. Conrad hesitou, depois finalmente assentiu. E aí, meio de brincadeira, fingiu que ia dar um soco no cara, e o cara revirou os olhos.

— Boa-noite, mané — disse Conrad.

O cara o dispensou com um gesto das mãos. Soltei um enorme suspiro de alívio.

Enquanto voltávamos para o carro, Cam segurou meu braço.

— Não tem problema você voltar para casa com esses dois? — perguntou ele.

Conrad deu meia-volta e falou:

— Quem é esse cara?

Balancei minha cabeça para Cam e disse:

— Vou ficar bem. Não se preocupe. Eu te ligo.

Ele pareceu preocupado.

— Quem vai dirigir?

— Eu — disse Jeremiah, e Conrad não se opôs. — Não se preocupe, *straight edge*. Eu nunca bebo quando estou dirigindo.

Fiquei envergonhada, e percebi que Cam tinha ficado chateado, mas só balançou a cabeça. Eu o abracei rapidamente, mas ele parecia tenso. Eu queria que ficasse tudo bem.

— Obrigada pela noite de hoje — falei.

Fiquei olhando-o se afastar, e senti uma pontada de rancor, pois o temperamento irascível do Conrad tinha estragado meu primeiro encontro de verdade. Não era justo.

Jeremiah disse:

— Entrem no carro. Deixei meu boné lá dentro. Já volto.

— Anda logo — disse eu.

Conrad e eu entramos no carro, em silêncio. Tudo parecia estranhamente silencioso, e embora fosse apenas pouco mais de uma da madrugada, era como quatro da manhã e o mundo inteiro parecia estar adormecido. Ele se deitou no assento de trás, toda a energia de antes esgotada. Eu estava no banco da frente, com os pés descalços apoiados no painel, o encosto bem inclinado. Nenhum de nós dois disse nada. A briga tinha sido assustadora. Eu não tinha reconhecido Conrad, o seu jeito de agir. De repente me sentia muito cansada.

Meus cabelos estavam pendendo do encosto, e de repente, senti que Conrad estava acariciando-os, passando os dedos por eles, até as pontas. Acho que preendi a respiração. Estávamos calados, e Conrad Fisher estava acariciando os meus cabelos.

— Seu cabelo parece até de criança, vive embaraçado — disse ele, baixinho. Sua voz me fez tremer, era como o som de uma onda recuando depois de bater na praia.

Eu não disse nada. Nem mesmo olhei para ele. Não queria assustá-lo e talvez fazê-lo parar. Era como a vez em que eu tive uma febre muito alta, e tudo parecia estar diáfano, retorcido e irreal, era exatamente assim que me sentia. Só sabia que não queria que ele parasse.

Mas por fim ele parou. Eu o observava pelo retrovisor. Ele fechou os olhos e suspirou. Eu também.

— Belly — começou a dizer.

Repentinamente, tudo em mim entrou em estado de alerta. A sonolência passou; todas as partes do meu corpo despertaram naquele momento. Prendi a respiração, esperando para ouvir o que ele tinha a dizer. Não respondi nada. Não queria romper o encanto.

Foi aí que Jeremiah voltou, abriu a porta e fechou-a com força. E aquele momento entre nós, frágil e tênue, partiu-se ao meio. Terminou. Não adiantava imaginar o que ele ia dizer. Momentos, quando se perdem, não podem ser reencontrados. Simplesmente se vão.

Jeremiah olhou para mim de um jeito esquisito. Deu pra notar que ele percebera que estava rolando alguma coisa no momento em que chegou. Dei de ombros, e ele voltou-se para o volante e deu a partida no carro.

Estendendo a mão, liguei o rádio, bem alto.

Durante o caminho de volta, sentimos aquela tensão, todos calados; Conrad desmaiado no banco traseiro, Jeremiah e eu sem olhar um para o outro nos bancos da frente. Até pararmos na entrada da garagem, quando Jeremiah disse a Conrad, num tom que, para ele, era áspero:

— Não deixe a mamãe ver você nesse estado.

E foi aí que lembrei que Conrad estava bêbado, que não podia ser considerado responsável por nada que tivesse dito ou feito naquela noite. Provavelmente não se lembraria de nada no dia seguinte. Seria como se nada houvesse acontecido.

Assim que entramos, corri para o meu quarto. Queria esquecer o que acontecera no carro e só lembrar da forma como Cam havia olhado para mim, nos degraus, o braço dele roçando no meu ombro.



Capítulo vinte e quatro

No dia seguinte, nada. Não que ele tivesse me ignorado, porque isso teria sido alguma coisa. Algum tipo de prova de que algo tinha acontecido, que algo tinha mudado. Mas não, ele me tratou exatamente do mesmo jeito de sempre. Como se eu ainda fosse a pequena Belly, a menininha de rabo de cavalo bagunçado e joelhos ossudos, correndo atrás deles na praia. Eu devia saber que ia ser assim.

O problema era que, estivesse ele me repelindo ou me atraindo, eu ainda estava seguindo na mesma direção. Na direção de Conrad.

Cam passou alguns dias sem me ligar. Não podia culpá-lo. Eu também não liguei para ele, embora tivesse pensado em fazer isso. Só não sabia o que dizer.

Quando ele finalmente ligou, não tocou no assunto festa. Ele ligou para me convidar para ir ao *drive-in*. Aceitei. Mas na mesma hora fiquei preocupada: será que ir ao *drive-in* significava que íamos ter que fazer pegação? Tipo, daquelas descontroladas, janelas embaçadas, e encostos totalmente reclinados?

Porque era isso que as pessoas faziam no *drive-in*. Havia as famílias, e os casais mais mal-intencionados ficavam lá no fundo. Eu nunca tinha feito parte

de um casal antes. Tinha ido com a família, Susannah, minha mãe e todos os outros, tinha ido com os meninos, mas nunca só com um garoto, um encontro de namorados.

Uma vez, Jeremiah, Steven e eu fomos espionar Conrad durante um de seus encontros. Susannah deixou Jeremiah nos levar, muito embora ele só tivesse uma licença provisória. O *drive-in* ficava a cinco quilômetros de distância, e em Cousins, todo mundo dirigia, até as criancinhas, sentadas nos colos dos pais. Conrad ficou furioso quando nos pegou espionando-o. Ele estava indo até o balcão da pipoca quando nos viu. Tinha sido engraçadíssimo, o cabelo dele estava todo bagunçado quando ele gritou conosco, e seus lábios estavam borrados de batom rosado, meio cintilante. Jeremiah passou o tempo todo gargalhando.

Desejei que Steven e Jeremiah estivessem no escuro, ali por perto, em algum lugar, nos espionando e rindo. Aquilo me consolaria, de certa forma. Me faria sentir mais segura.

Eu estava com o casaco de Cam, e o mantive fechado até o pescoço. Sentei-me de braços cruzados, como se estivesse tremendo. Embora gostasse de Cam, embora quisesse ter ido me encontrar com ele, sentia uma necessidade repentina de sair do carro e voltar a pé para casa. E só tinha beijado um garoto na vida, e nem tinha valido: Taylor me chamava de freira. Talvez eu fosse uma, bem no fundo. Talvez devesse entrar para um convento. Nem mesmo sabia se esse era um encontro de verdade. Talvez ele tivesse se sentido tão decepcionado comigo na noite da festa que só quisesse ser meu amigo.

Cam sintonizou o rádio até encontrar a estação certa. Tamborilando os dedos no volante, disse:

— Quer pipoca ou alguma outra coisa?

Eu queria, *mas* como podia ficar com milho de pipoca preso nos dentes, disse que não, obrigada.

Ele estava muito concentrado no filme, se inclinando para a frente às vezes, para perto do para-brisas, para poder ver algo melhor. Era um filme antigo de horror, que Cam me disse ser muito famoso, mas do qual eu nunca tinha ouvido falar. Mal prestei atenção nele, aliás, acho que fiquei assistindo a

Cam mais do que ao filme. Ele umedeceu os lábios várias vezes. Não olhava para mim, nem ria comigo durante as partes engraçadas, como Jeremiah fazia. Só ficou sentado do seu lado do carro, recostado na porta, tão longe de mim quanto possível.

Quando o filme terminou, ele deu a partida.

— Vamos? — perguntou.

Senti uma onda de decepção me invadir. Ele já ia me levar de volta. Não ia me levar para tomar um sorvete, ou dividir um sundae. O encontro, se é que se podia chamar aquilo de encontro, tinha sido um fracasso. Ele nem sequer tentou me abraçar, nenhuma vez. Eu nem sabia se teria deixado, mas *ele* podia pelo menos ter tentado.

— Ahan — respondi. Senti vontade de chorar, e não sabia por quê, quando nem mesmo tinha certeza de que queria beijá-lo, para começo de conversa.

Voltamos para casa em silêncio. Ele estacionou o carro diante da casa, preendi a respiração ligeiramente, a mão na maçaneta da porta, esperando para ver se ele iria desligar o carro ou se eu devia sair. Mas ele virou a chave, e encostou a cabeça no banco um instante.

— Sabe por que me lembrei de você? — perguntou ele, de repente.

A pergunta era tão aleatória que levei um segundo para perceber do que ele estava falando.

— Está falando da Convenção de Latim?

— É.

— Foi por *causa da* minha maquete do Coliseu? — Eu só estava meio brincando. Steven tinha me ajudado a construí-la, e tinha ficado bem impressionante.

— Não. — Cam passou a mão pelos cabelos. Não queria olhar para mim. — Foi porque achei você muito *bonita*. Sei lá, talvez *a* garota mais bonita que eu já tinha visto.

Eu ri. Dentro do carro, minha risada soou alta demais.

— Até parece. Boa tentativa, Sextus.

— Estou falando sério — insistiu ele, erguendo a voz.

— Está inventando isso. — Não acreditava que pudesse ser verdade. Não podia me permitir acreditar naquilo. Um elogio desses, partindo de um garoto, sempre podia ser primeira parte de algum gracinha.

Ele balançou a cabeça, apertou os lábios. Ficou ofendido; por eu não acreditar nele. Eu não tinha tido a intenção de ferir seus sentimentos, só não entendia como aquilo podia ser verdade. Era quase maldade mentir sobre algo assim. Sabia como eu era naquela época, e não era a menina mais linda que alguém tinha visto, com aqueles óculos fundo de garrafa e bochechas rechonchudas e corpinho de criança.

Cam então me olhou direto nos olhos.

— No primeiro dia, você estava de vestido azul. De veludo ou, uma coisa assim. Realçava muito o azul dos seus olhos.

— Meus olhos são cinzentos — corriji.

— São, mas aquele vestido fez eles ficarem azuis.

E tinha sido por isso que eu o vestira. Era o meu preferido. Perguntei-me onde estaria agora. Provavelmente em alguma caixa no sótão, em casa, com minhas roupas de inverno. Estava pequeno demais, de qualquer maneira.

Ele me pareceu tão meigo, ali me olhando, esperando a minha reação... Com as faces rosadas. Engolindo em seco, falei:

— Por que não veio falar comigo?

Ele deu de ombros.

— Você estava sempre com as suas amigas. Fiquei te olhando de longe durante a semana inteira, tentando criar coragem. Mal pude acreditar quando vi você perto da fogueira naquela noite. Que coincidência, né? — Cam riu, mas parecia estar constrangido.

— Muito — concordei. Não conseguia acreditar que ele tivesse me notado. Com Taylor ao meu lado, quem se incomodaria de olhar para mim?

— Quase estraguei meu discurso de Catulo de propósito para deixar você vencer — disse ele, recordando-se daquela ocasião. E chegou um pouco mais perto de mim.

— Foi bom não ter feito isso — respondi. Estendi o braço e toquei o dele. Minha mão tremia. — Gostaria que *tivesse* vindo falar comigo.

Foi aí que ele abaixou a cabeça e me beijou. Não soltei a maçaneta. Só pensei, o tempo todo: Queria *que este tivesse sido meu primeiro beijo*.



Capítulo vinte e cinco

Quando entrei na casa, estava pisando nas nuvens, repassando tudo que tinha acabado de acontecer, até ouvir minha mãe e Susannah brigando na sala de estar. Senti o medo crescer dentro de mim. Parecia um punho apertando meu coração com força. Elas quase nunca brigavam. Eu só havia visto as duas brigarem uma vez. Tinha sido no verão anterior. Nós três tínhamos ido fazer compras em um shopping elegante a uma hora de distância de Cousins. Era ao ar livre, do tipo onde as pessoas trazem os cachorrinhos minúsculos com coleiras chiques. Vi um vestido, de *chiffon* roxo, cor de ameixa, com umas alcinhas meio caídas, muito adulto para mim. Adorei. Susannah disse que devia experimentá-lo, só por diversão, e fiz isso. Ela deu uma olhada em mim e disse que eu precisava comprá-lo. Minha mãe balançou a cabeça na hora, dizendo: "Ela tem 14 anos. Onde vai usar um vestido desses?" Susannah disse que não importava, que o vestido tinha sido feito para mim. Eu sabia que não podíamos pagar por ele, afinal minha mãe tinha acabado de se divorciar, mas mesmo assim pedi a ela. Elas começaram a discutir ali mesmo na loja, na frente de todos. Susannah queria comprá-lo, e minha mãe não queria permitir. Eu disse para elas esquecerem o assunto, que eu não queria mais o vestido, embora quisesse. Sabia que minha mãe estava certa; eu nunca o usaria.

Quando voltamos de Cousins no final do verão, encontrei o vestido na minha mala, envolto em papel e arrumado no alto da mala, como se eu mesma o tivesse posto ali. Susannah tinha voltado à loja e comprado o vestido. Era típico dela fazer coisas assim. Minha mamãe deve ter visto o vestido no meu armário depois, mas nunca disse nada para *mim*.

De pé ali no vestíbulo, escutando as duas, me senti como a espiã que Steven vivia me acusando de ser. Mas não pude evitar.

Ouvi Susannah dizer:

— Laurel, sou adulta. Precisa parar de tentar tomar conta de mim. Eu é que decido como quero viver.

Não esperei a resposta da minha mãe. Entrei na sala e disse:

— O que está havendo?

Olhei para minha mãe ao dizer isso, e percebi que parecia que estava lhe atribuindo a culpa pela discussão, mas não me importei.

— Nada. Está tudo bem — disse minha mãe, mas seus olhos pareciam bastante vermelhos e cansados.

— Então por que estão brigando?

— Não estamos brigando, querida — garantiu Susannah. Estendendo a mão, ela acariciou meu ombro, como se estivesse alisando seda enrugada. — Tudo está bem mesmo.

— Não parece bem.

— Mas está — disse Susannah.

— Jura? — perguntei. Queria acreditar nela.

— Juro — disse ela, sem hesitar.

Minha mãe se afastou de nós, e vi pela tensão nos seus ombros que ela ainda estava aborrecida. Mas como eu queria ficar com Susannah, onde tudo realmente estava bem, não a segui. De qualquer maneira, minha mãe era o tipo de pessoa que preferia ficar só. É só perguntar ao meu pai.

— Qual é o problema dela? — murmurei para Susannah.

— Não é nada. Quero saber como foi seu encontro com Cam — disse ela, me levando até o sofá de vime do jardim de inverno.

Eu devia ter continuado a pressioná-la, devia ter tentando imaginar o que teria realmente acontecido entre as duas, mas minha preocupação já estava

passando. Queria contar tudo sobre Cam, tudo mesmo. Susannah tinha um jeito que fazia as pessoas quererem lhe contar todos os seus segredos.

Susannah se sentou no sofá e bateu no colo. Sentei-me ao seu lado e pus a cabeça no colo dela, e ela alisou meus cabelos, afastando-os da minha testa. Tudo me parecia seguro e confortável, como se a briga não tivesse ocorrido.

E talvez não tivesse mesmo sido briga, talvez eu não tivesse interpretado as coisas direito.

— Bem, ele é diferente de todo mundo que já conheci — comecei.

— Como assim?

— Ele é muito inteligente, e não se importa com o que os outros pensam. E é muito bonito. Mal posso acreditar que ele me dê tanta atenção.

Susannah balançou a cabeça.

— Ah, por que isso? Claro que ele devia dar atenção a você. Você está linda, querida. Realmente sua beleza desabrochou neste verão. As pessoas nem conseguem deixar de notar.

— Ha, ha! — falei, mas me senti lisonjeada. Ela conseguia fazer todo mundo se sentir especial. — É ótimo poder contar esse tipo de coisa para você.

— Eu também acho ótimo. Mas, sabe, você pode falar com sua mãe.

— Ela não se interessaria por nada disso, não mesmo. Ia fingir que estava interessada, mas não estaria interessada de verdade.

— Ai, Belly, isso não é verdade. Ela se interessaria, sim. É importante para ela. — Susannah segurou meu rosto com ambas as mãos. — Sua mãe é sua maior fã, além de mim. Ela se interessa por tudo que você faz. Não a ponha de lado.

Não queria mais falar da minha mãe. Queria falar de Cam.

— Não vai acreditar no que o Cam me disse esta noite — comecei.



Capítulo vinte e seis

Sem mais nem menos, julho virou agosto. Acho que o verão passa bem mais depressa quando se tem alguém com quem passá-lo. Para mim, esse alguém foi Cam. Cam Cameron.

O Sr. Fisher sempre vinha na primeira semana de agosto. Ele trazia da cidade as coisas prediletas de Susannah, croissants de amêndoa e bombons de lavanda. E flores, sempre trazia flores. Susannah adorava flores. Dizia que precisava delas como de ar, para respirar. Tinha mais vasos do que eu podia contar, altos, gordos e de vidro. Estavam espalhados por toda a casa, em todos os cômodos. Suas flores prediletas eram as peônias. Susannah tinha peônias na mesinha de cabeceira do quarto, para que fossem a primeira coisa que ela veria de manhã.

Conchas, também. Ela adorava conchas. Guardava-as em jarras transparentes. Quando voltava de uma caminhada pela praia, sempre trazia um punhado delas. Espalhava-as na mesa da cozinha, admirando-as primeiro, dizendo coisas como: "Esta aqui não parece uma orelha?" ou "O tom de rosa dessa aqui é perfeito, não?" Depois as colocava em ordem, da maior até a menor. Era um de seus rituais, algo que eu adorava vê-la fazer.

Naquela semana, mais ou menos quando o Sr. Fisher costumava vir, Susannah mencionou que ele não conseguiria se afastar do escritório. Parecia

que tinha acontecido algum tipo de emergência no banco. Ficaríamos só nós, até o fim do verão. Ia ser o primeiro ano sem o Sr. Fisher e o meu irmão.

Depois que Susannah foi para a cama, cedo, Conrad me disse, com a maior calma do mundo:

— Eles vão se divorciar.

— Quem? — indaguei.

— Meus pais. E já não era sem tempo.

Jeremiah olhou-o com raiva.

— Cale a boca, Conrad.

Conrad deu de ombros.

— Por quê? Sabe que é verdade. Belly não está surpresa, está, Belly?

Eu estava. Realmente estava. Falei para os dois:

— Acho que eles pareciam se amar de verdade.

Fosse o que fosse o amor, eu tinha certeza de que era isso que eles sentiam. Pensava que eles tinham um amor um milhão de vezes mais intenso do que a média um pelo outro. O modo como se entreolhavam à mesa do jantar, a reação da Susannah quando ele vinha à casa de praia, sempre entusiástica. Eu achava que pessoas assim não se divorciavam. Gente como meus pais se divorciava. Não Susannah e o Sr. Fisher.

— Eles se amavam — disse Jeremiah. — Não sei o que houve.

— Papai é um babaca. Foi isso que houve — disse Conrad, levantando-se. Parecia não estar dando muita importância ao assunto, mas aquilo não me pareceu certo. Eu sabia que ele adorava o pai. Imaginei se o Sr. Fisher, não teria uma namorada nova, como meu pai tinha feito. Achei que ele talvez tivesse traído Susannah. Mas quem trairia Susannah? Era impossível.

— Não conte para sua mãe que você sabe — falou Jeremiah, de repente. — Minha mãe não sabe que sabemos.

— Não vou contar — disse eu. Como eles haviam descoberto? Meus pais tinham se sentado com Steven e eu e nos contado tudo, explicado todos os detalhes.

Quando Conrad saiu, Jeremiah me disse:

— Antes de viajarmos, o nosso pai já estava dormindo no quarto de hóspedes fazia semanas. Ele já levou a maioria das roupas dele. Eles devem

achar que somos retardados ou coisa assim, para não notarmos. — E, ao dizer essas últimas palavras, sua voz ficou meio entrecortada.

Peguei sua mão e apertei-a. Ele estava sofrendo mesmo. Acho que talvez Conrad também estivesse, mesmo que não quisesse deixar isso transparecer. Tudo aquilo fazia sentido, pensei depois. A forma como Conrad andava agindo, tão diferente, tão perdido. Tão anti- Conrad. Estava sofrendo. E Susannah. A forma como ela passava tanto tempo na cama, como parecia tão triste. Também estava sofrendo.



Capítulo vinte e sete

— Você e Cam vêm passando muito tempo juntos — disse minha mãe, olhando-me por cima do jornal.

— Até que nem tanto — disse eu, muito embora fosse verdade. Na casa de veraneio, um dia simplesmente se emendava com o outro, não se notava o tempo passar. Cam e eu já estávamos juntos fazia duas semanas quando percebi que ele era tipo meu namorado. Passávamos praticamente todos os dias juntos. Eu não sabia o que costumava fazer antes de tê-lo conhecido. Minha vida devia ser uma chatice só.

Mamãe disse então:

— Sentimos sua falta aqui na casa.

Se Susannah tivesse dito isso, eu teria me sentido lisonjeada, mas vindo da minha mãe, era só irritante.

Parecia recriminação. E, além disso, elas não paravam em casa, mesmo. Viviam saindo e fazendo coisas, só duas, sem mais ninguém.

— Belly, pode trazer esse seu namorado para jantar conosco amanhã à noite? — pediu Susannah, com meiguice.

Senti vontade de negar, mas dizer não a Susannah é impossível. Principalmente porque ela estava se divorciando. Em vez disso, portanto, respondi:

— Hum... talvez...

— Por favor, querida... Gostaria muito de conhecê-lo.

Entreguei os pontos.

— Tá legal, vou perguntar. Mas não sei se ele já tem planos, portanto não vou prometer nada.

Susannah concordou, serena.

— Está bem, pelo menos vai perguntar, não vai?

Infelizmente, Cam não tinha planos.

Susannah fez o jantar: tofu com legumes refogados na frigideira, porque Cam era vegetariano. Era mais uma coisa que eu admirava nele, mas quando vi a cara que Jeremiah estava fazendo para mim, encolhi-me um pouco. Jeremiah fez hambúrgueres naquela noite. Qualquer desculpa servia para usar a churrasqueira, igualzinho ao pai. Ele me perguntou se eu queria um também, e respondi que não, embora quisesse.

Conrad já havia jantado e estava no segundo andar, tocando violão. Nem mesmo veio jantar conosco. Quando desceu para pegar uma garrafa d'água, nem cumprimentou o Cam.

— Diga-me, Cam, por que não come carne? — perguntou Jeremiah, enquanto devorava metade do hambúrguer de uma vez só.

Cam engoliu a água que estava tomando e respondeu:

— É que sou mortalmente contra comer animais.

Jeremiah concordou, sério.

— Mas Belly come carne. Deixa ela te beijar com esses lábios? — E em seguida começou a rir. Susannah e minha mãe entreolharam-se, com um sorriso condescendente.

Senti que estava ficando vermelha, e também percebi que Cam ficou tenso.

— Fica quieto, Jeremiah.

Cam olhou de relance para a minha mãe, e riu, meio constrangido.

— Não julgo as pessoas que comem carne. É uma opção minha.

Jeremiah prosseguiu:

— Então não se importa que os lábios dela toquem um animal morto e depois toquem... hã... os seus lábios?

Susannah soltou uma risadinha e disse:

— Jeremiah, para de atormentar o menino.

— É, Jeremiah, para de encher — falei, olhando para ele, furiosa. Dei-lhe um chute por baixo da mesa, com força suficiente para ele se sobressaltar.

— Não, tudo bem — disse Cam. — Não me importo, nem um pouco. Aliás... — E aí ele me puxou para perto e me beijou rapidamente, na frente de todos. Foi só um selinho, mas fiquei constrangida.

— Por favor, não beije Belly à mesa — disse Jeremiah fingindo que estava tendo ânsias de vômito, só para aumentar dramaticidade da cena. — Está me deixando enjoado.

Mamãe assentiu para ele, e disse:

— Belly tem minha permissão para beijar — depois apontou com o garfo para o Cam. — Mas só isso, hein.

E depois desatou a rir, como se aquela fosse a coisa mais engraçada que já tinha dito na vida, e Susannah tentou não sorrir, dizendo-lhe que se calasse. Tive vontade de matar minha mãe, depois cometer suicídio.

— Mamãe, por favor, não foi tão engraçado assim — depois continuei: — Não deem mais vinho a ela. — Recusei-me a olhar na direção do Jeremiah, e até de Cam.

A verdade era que Cam e eu não tínhamos feito nada além de nos beijarmos. Ele não parecia estar com pressa nenhuma. Tinha muito respeito por mim, era muito delicado, até ficava nervoso. E me tratava de um jeito completamente diferente da forma como outros caras tratavam as namoradas. No verão anterior, eu tinha surpreendido Jeremiah com uma garota na praia bem na frente da casa de veraneio. Estavam dando um amasso daqueles, como se apenas as roupas estivessem impedindo que transassem. Passei o resto do verão repreendendo-o por isso, mas ele nem ligou. Desejei que Cam se importasse um pouco mais.

— Belly, estou brincando. Sabe que não tenho nada contra você descobrir seu corpo — disse minha mãe, tomando um demorado gole de vinho.

Jeremiah desatou a rir. Ficando de pé, eu disse:

— Já chega. Cam e eu vamos jantar na varanda.

Peguei meu prato e esperei Cam se levantar também.

Mas ele não se levantou.

— Calma, Belly. É só brincadeira — disse ele, colocando mais uma garfada de arroz com couve chinesa na boca.

— Parabéns, Cam, conseguiu controlá-la, hein — disse Jeremiah, aprovando com a cabeça. Ele realmente parecia um tanto impressionado.

Voltei a me sentar, embora estivesse morrendo de raiva. Detestava ser humilhada diante de todos, mas se saísse da sala sozinha, ninguém viria atrás de mim. Eu voltaria a ser a Bellyzinha, fazendo bico outra vez. Esse era meu apelido quando eu estava me comportando como uma criancinha. Bellyzinha, foi Steven quem inventou, e se considerou um gênio por ter inventado esse apelido.

— Ninguém me controla, Jeremiah. Muito menos Cam Cameron.

Todos então começaram a aplaudir e a assobiar, até mesmo Cam, e de repente tudo voltou ao normal, como se o lugar dele fosse ali conosco. Senti que estava começando a me descontraír. Tudo ia acabar bem. Aliás, terminou sendo ótimo. Fantástico, exatamente como Susannah havia prometido.

Depois do jantar, Cam e eu demos um passeio na praia. Para mim não havia, nem há, nada melhor do que andar na praia tarde da noite. Parece que a gente pode continuar andando para sempre, como se a noite toda fosse nossa, e o oceano também. Quando a gente anda na praia à noite, podemos dizer coisas que não se pode dizer na vida real. No escuro, a gente pode se sentir realmente próxima das pessoas. Pode-se dizer o que se quiser.

— Fiquei muito feliz por você ter vindo — disse eu.

Ele pegou minha mão e respondeu:

— Eu também. Fiquei feliz por você ter ficado feliz.

— Claro que fiquei.

Soltei a mão da dele, para dobrar as pernas da calça jeans, e ele disse, baixinho:

— Não me pareceu que você tenha ficado tão feliz assim.

— Mas estou. — Olhei para ele, e lhe dei um beijinho rápido. — Está vendo? Estou feliz.

Ele sorriu e recomeçamos a caminhar.

— Ótimo. Então me fala, qual desses dois caras foi o seu primeiro beijo?

— Eu lhe disse isso?

— Disse. Disse que o seu primeiro beijo foi com um cara na praia quando você tinha 13 anos.

— Ah — falei, olhando-o ao luar e vendo-o ainda sorrindo. — Adivinha.

Imediatamente ele respondeu:

— O mais velho, Conrad.

— Por que acha que foi ele?

Cam deu de ombros.

— Só tive essa impressão, por causa do jeito como ele olha pra você.

— Ele mal olha para mim — disse eu. — E errou, Sextus. Meu primeiro beijo foi com Jeremiah.



Capítulo vinte e oito

AOS QUATORZE ANOS

—Verdade ou consequência?—perguntou Taylor a Conrad.

— Não vou jogar — disse ele.

Taylor fez bico.

— Deixa de ser gay — disse ela.

Jeremiah disse:

— Não use a palavra gay assim.

Taylor abriu a boca, mas fechou-a. Depois disse:

— Não quis dizer isso, Jeremy. Só quis dizer que ele está sendo chato.

— Bom, gay não é o mesmo que "chato", é, Taylor? — disse Jeremiah.

Falou num tom sarcástico, mas até mesmo sarcasmo era melhor que nada. Provavelmente ele estava aborrecido por toda a atenção que ela andava dando a Conrad naquele dia.

Taylor soltou um suspiro profundo e virou-se par Conrad.

— Conrad, você está sendo chato. Jogue verdade ou consequência com a gente.

Ele fingiu não tê-la escutado e aumentou o volume da TV. Depois fingiu que estava apertando o botão de "mute" do remoto para calar a boca de Taylor, o que me fez soltar uma risada alta.

— Ah, vá lá, você não joga. Steven, verdade ou consequência?

Steven revirou os olhos.

— Verdade.

Os olhos de Taylor brilharam.

— Muito bem. Você e Claire Cho foram até que ponto?

Eu sabia que ela estava guardando aquela pergunta fazia muito tempo, esperando o momento certo para fazê-la. Claire Cho era uma menina que Steven tinha namorado durante a maior parte do primeiro ano. Taylor jurava que os tornozelos de Claire eram da mesma largura da batata da perna, mas eu os achava perfeitamente finos. Eu achava que Claire Cho era meio perfeita.

Steven ficou ruborizado.

— Não vou responder a essa pergunta.

— Vai ter que responder. É o jogo. Não pode ficar aí escutando os segredos dos outros se não contar os seus — disse eu. Eu também andava imaginando como tinha sido aquele namoro do Steven com Claire.

— Ninguém contou segredo nenhum ainda! — protestou ele.

— Mas vamos contar, Steven — disse Taylor. — Agora seja homem e conta pra gente.

— É, Steven, seja homem — disse Jeremiah, para provocá-lo.

Todos começaram a cantarolar juntos:

— Seja homem! Seja homem! — Até Conrad baixou o volume da tevê para ouvir a resposta.

— Está bem — disse Steven. — Se vocês, pararem, eu conto.

Nós paramos de cantarolar na hora e esperamos:

— E aí? — insisti.

— Foi quase — disse ele.

Recostei-me no sofá. Foi quase. Puxa vida. Interessante. Meu irmão tinha quase feito aquilo com alguém. Coisa mais esquisita. Nojenta.

Taylor ficou ruborizada de satisfação.

— Muito bem, Stevie.

Ele balançou a cabeça e disse:

— Agora é minha vez.

E depois olhou ao redor. Afundei ainda mais nas almofadas do sofá. Estava torcendo para ele não me escolher e me obrigar a dizer em alta voz que eu ainda não tinha nem beijado um garoto ainda. Conhecendo Steven, sabia que ele ia fazer isso.

Ele me surpreendeu quando disse:

— Taylor, verdade ou consequência? — Ele tinha resolvido participar mesmo da brincadeira.

Automaticamente ela respondeu:

— Não pode me escolher, porque acabei de fazer ui pergunta para você. Precisa escolher outra pessoa. — E a regra era mesmo essa.

— Está com medo, Tay-tay? Deixa de ser covarde!

Taylor hesitou.

— Tá. Verdade, então.

Steven deu um sorriso malvado.

— Qual das pessoas presentes nesta sala você beijaria?

Taylor refletiu alguns segundos, depois fez uma cara de gato que comeu o canário, a mesma que tinha feito quando tingiu os cabelos da irmã caçula de azul quando tínhamos 8 anos. Ela esperou até todos lhe darem atenção, depois disse, triunfante:

— Belly.

Fez-se um silêncio assombrado durante um minuto, depois todos começaram a rir, e Conrad era quem estava dando as gargalhadas mais escandalosas. Joguei uma almofada na Taylor com todas as minhas forças.

— Não vale. Está mentindo — disse Jeremiah, sacudindo o dedo indicador para ela.

— Não estou, não — disse Taylor, convencida. — Escolhi Belly. Dá uma olhada mais de perto na irmã caçula predileta do Steven, Jeremy. Ela está ficando gostosa, diante de seus próprios olhos.

Escondi o rosto atrás de uma almofada. Eu sabia que estava mais vermelha do que Steven tinha ficado. Principalmente porque não era verdade,

não estava ficando gostosa diante dos olhos de ninguém, e todos nós sabíamos disso.

— Taylor, deixa disso. Por favor, cale a boca.

— É, por favor, cale a boca, Tay-Tay — disse Steven. Ele também estava meio vermelho.

— Se está falando sério mesmo, vai lá, beija ela — incentivou Conrad, com os olhos ainda na tela da TV,

— Ei — disse eu, olhando-o com raiva. — Sou uma pessoa, tá, ninguém pode me beijar sem minha permissão.

Ele me olhou e disse:

— Não sou eu que quero te beijar.

Respondi então:

— Não vou dar permissão, nem a você, nem a ela. — Desejei poder mostrar a língua para ele, sem ser acusada de estar me portando como uma criancinha.

Taylor tratou de intervir:

— Escolhi verdade, não consequência. Por isso não vamos nos beijar agora.

— Não vamos nos beijar agora porque não quero te beijar — falei para ela. Sentia que estava corada, em parte por estar com raiva e em parte porque estava lisonjeada. — Agora vamos parar de falar nisso. É sua vez de fazer a pergunta.

— Muito bem. Jeremiah. Verdade ou consequência?

— Consequência — disse ele, encostando-se no sofá, preguiçosamente.

— Tá. Beije alguém que está aqui nesta sala, agora. — Taylor olhou para ele, autoconfiante, e ficou esperando.

Senti que a sala inteira estava sentada na beira do seu assento enquanto esperávamos Jeremiah dizer alguma coisa. Será que ele realmente ia beijar alguém? Não era do tipo que se recusa a cumprir um desafio. E eu estava curiosa para ver como ele beijaria, se ele ia dar beijo de língua ou só um selinho. Também me perguntei se seria o primeiro beijo deles, ou se eles já teriam se beijado anteriormente naquela semana, como no fliperama, quando e

não estava prestando atenção. Eu tinha certeza absoluta de que eles já haviam se beijado.

Jeremiah se afastou.

— Essa é fácil — disse ele, esfregando as mãos com um sorriso. Taylor sorriu e inclinou a cabeça para um lado, fazendo o cabelo cobrir seus olhos ligeiramente.

Mas então ele se aproximou de mim e disse:

— Está pronta? — E antes mesmo que eu pudesse responder, ele me beijou nos lábios. Sua boca estava entreaberta, mas não foi beijo de língua, nem nada. Tentei empurrá-lo, mas ele continuou me beijando durante mais alguns segundos.

Eu o empurrei de novo, e ele se recostou no sofá, com toda a naturalidade. Todos os outros estavam boquiabertos, exceto Conrad, que nem mesmo demonstrou estar surpreso. Só que ele nunca demonstrava estar surpreso, mesmo. Eu tinha acabado de ser beijada pela primeira vez, na frente de um monte de gente, e até do meu irmão.

Não pude acreditar que Jeremiah tinha roubado meu primeiro beijo assim. Estava querendo que fosse uma ocasião especial, e aconteceu durante um jogo de verdade ou consequência. Mas que decepção. Ainda por cima, ele só tinha feito aquilo para deixar Taylor com ciúmes, não porque gostasse de mim.

E funcionou. Os olhos dela semicerraram-se e ela ficou olhando para Jeremiah como se ele a tivesse desafiado de alguma forma. E acho que ele tinha feito justamente isso.

— Que nojo — observou Steven. — Esse jogo é horrível. Até mais. — Depois olhou para todos nós com asco, e saiu.

Eu também me levantei, assim como Conrad.

— Até — disse eu. — Jeremiah, você vai ver.

Ele piscou e disse:

— Pra mim, se você fizer uma massagem nas minhas costas, já ficamos quites. — E joguei uma almofada direto na sua cabeça, batendo a porta às minhas costas. O fato de ele estar fingindo que estava me azarando foi o pior. Era tão paternalista, tão humilhante.

Levei mais ou menos três segundos para perceber que Taylor não tinha vindo comigo. Estava dentro da casa, rindo das piadas bobocas de Jeremiah.

No corredor, Conrad me deu seu olhar de sabe-tudo convencional, depois disse:

— Você sabe que gostou.

Fuzilei-o com o olhar.

— Como pode saber? Você só pensa em si mesmo, nem nota os outros.

Ele se afastou de mim e, olhando para trás, respondeu:

— Ah, aí é que você se engana. Eu noto tudo, Belly. Até mesmo você, a pobrezinha, coitadinha da Belly.

— Vai se ferrar! — disse eu, porque foi só no que consegui pensar. Ouvi-o dando risadinhas quando fechou a porta do quarto.

Fui até meu quarto, deitei na minha cama e me cobri. Fechei os olhos e fiquei me lembrando do que tinha acontecido. Os lábios de Jeremiah tinham tocado os meus. Meus lábios não me pertenciam mais. Alguém os tocara. Jeremiah. Finalmente, alguém havia me beijado, e tinha sido meu amigo Jeremiah. Meu amigo Jeremiah, que tinha passado toda aquela semana me ignorando.

Desejei poder conversar com Taylor, falar do meu prime¹ beijo, mas não podia, porque naquele exato momento e devia estar lá embaixo, na sala, beijando o mesmo rapa que tinha acabado de me beijar. Eu tinha certeza.

Quando ela subiu, uma hora depois, fingi que estava dormindo.

— Belly? — murmurou ela, do outro lado do quarto.

Não respondi, mas me mexi um pouco, para mostrar que não estava dormindo.

— Sei que está acordada, Belly — disse ela. — E eu te perdoo.

Senti vontade de me sentar e dizer: "Você me perdoa? Mas eu não te perdoo, por ter vindo aqui e estragado meu verão inteiro." Só que não disse nada disso. Só continuei fingindo que estava dormindo.

Na manhã seguinte, acordei cedo, logo depois das sete, e Taylor já havia se levantado. Eu sabia onde ela estava. Tinha ido assistir ao nascer do sol com Jeremiah. Nós andávamos planejando ir até a praia fazer isso uma manhã antes

de ela ir embora, mas sempre dormíamos até mais tarde. Era o antepenúltimo dia das férias dela, e ela tinha escolhido Jeremiah. Eu devia ter imaginado.

Vesti o maiô e fui para a piscina. Durante as manhãs, lá fora, estava sempre um pouco frio, o ar estava ligeiramente geladinho, mas não me importava. Nadar de manhã fazia eu me sentir como se estivesse nadando no mar, mesmo não estando. Supostamente, nadar no mar parecia ótimo e tal, mas meus olhos ardiam demais por causa da água salgada para fazer isso diariamente. Além do mais, a piscina era mais particular, mais minha. Muito embora todos os outros também nadassem nela, de manhã e à noite eu podia nadar praticamente sozinha, exceto por Susannah.

Quando abri o portão da *piscina*, *vi minha* mãe sentada em uma das espreguiçadeiras, lendo um livro. Mas ela não estava realmente lendo. Estava só segurando o livro e olhando para algum ponto distante.

— Oi, mãe — cumprimentei, mais para romper o encanto do que qualquer outra coisa.

Ela olhou para cima, assustada.

— Bom-dia — disse ela, *pigarreando*. — Dormiu bem?

Dei de ombros e deixei a toalha cair na cadeira ao lado da dela.

— Até que sim.

Mamãe protegeu os olhos colocando uma das mãos acima deles para fazer sombra e olhou para mim.

— Você e Taylor estão se divertindo?

— Muito — disse eu. — De *montão*.

— Onde está Taylor?

— Não sei — disse eu. — Não me importo.

— Estão brigadas? — indagou mamãe, sem deixar transparecer que estava interessada.

— Não, estou só começando a me arrepender de ter trazido ela, só isso.

— Melhores amigas são importantes. São a coisa mais próxima de uma irmã que você vai ter na vida — disse ela. — Não desperdice isso.

Irritada, respondi:

— Não desperdicei nada. Por que você sempre tem que me culpar por tudo?

— Não estou te culpando. Por que acha que tudo gira em torno de você, meu amor? — Minha mãe sorriu para mim daquele seu jeito desesperadoramente tranquilo.

Revirando os olhos, mergulhei na piscina. Estava gelada. Quando subi à tona, gritei:

— Não acho!

Depois comecei a nadar, e sempre que me lembrava da Taylor e do Jeremiah, ficava mais irritada e nadava com mais vigor. Quando terminei, meus ombros já estavam ardendo.

Minha mãe tinha saído, mas Taylor, Jeremiah e Steven tinham acabado de entrar.

— Belly, se nadar demais, vai ficar com os ombros largos feito nadadoras profissionais — alertou Taylor, mergulhando o pé na água.

Eu a ignorei. Taylor não sabia nada sobre exercícios físicos. Para ela, passear pelo shopping de salto alto era exercício.

— Aonde vocês foram? — perguntei, boiando de costas.

— Por aí — disse Jeremiah, vagamente.

Judas, eu pensei. Traidores.

— Cadê Conrad?

— Sei lá, ele é bom demais pra andar com a gente — disse Jeremiah, deixando-se cair em uma espreguiçadeira.

— Ele saiu para correr — disse Steven, meio na defensiva. — Precisa ficar em forma para a temporada de futebol americano. Vai viajar para treinar na semana que vem, lembra?

Aí me lembrei. Naquele ano Conrad precisava ir embora mais cedo para poder voltar a tempo para os testes. Nunca tinha me parecido do tipo que gosta de jogar futebol americano, mas estava tentando entrar no time. Acho que o Sr. Fisher tinha muito a ver com isso. Era exatamente esse tipo de pessoa. E Jeremiah também, embora ele nunca tivesse levado o futebol a sério. Ele nunca levava nada a sério.

— Provavelmente também vou jogar no time ano que vem — disse Jeremiah, assim como quem não quer nada. E olhou de relance para Taylor

para ver se ela tinha ficado impressionada. Ela não reagiu. Nem mesmo estava olhando para ele.

Seus ombros caíram ligeiramente, e senti pena dele, apesar de tudo. Aí disse:

— Jeremiah, vamos apostar corrida?

Ele deu de ombros e ficou de pé, tirando a camisa. Depois foi até o lado fundo da piscina e mergulhou.

— Quer sair na frente? — perguntou, quando surgiu à tona.

— Não. Acho que venço você sem vantagem — disse eu, nadando devagar até chegar perto dele.

— Uuuu-huu! Vamos ver.

Nadamos apostando corrida a piscina inteira, estilo livre, e ele me venceu na primeira vez e, depois na segunda. Mas na terceira vez já estava cansado, e eu venci essa e a quarta corrida também. Taylor ficou torcendo por mim, mas isso só me irritou ainda mais.

Na manhã seguinte, ela também levantou cedo. Dessa vez, porém, eu ia me encontrar com eles. Ela e Jeremiah não eram os donos da praia. Eu tinha tanto direito quando eles de assistir ao nascer do sol. Levantei, me vesti e saí.

A princípio não os vi. Eles estavam mais longe do que geralmente a gente ficava, de costas para mim. Ele estava com os braços ao redor dela, beijando-a. Nem mesmo estavam assistindo ao nascer do sol. E além disso... também notei que não era Jeremiah. Era Steven. Meu irmão.

Foi exatamente como naqueles filmes em que o final é surpreendente, e de repente tudo se encaixa e faz sentido. De repente minha vida tinha virado *Os suspeitos*, e Taylor era Keyser Soze. As cenas passaram pela minha cabeça: Taylor e Steven brigando, a noite em que ele tinha vindo ao calçadão, Taylor reclamando que Claire Cho tinha a canela do tamanho da batata da perna todas as tardes que tinha passado na minha casa.

Eles não me ouviram chegar. Mas aí eu disse, bem alto:

— Uau, primeiro Conrad, depois Jeremiah, agora o meu irmão.

Ela se virou, surpresa, e Steven também fez cara de surpreso.

— Belly — começou a dizer.

— Cala a boca. — Olhei para o meu irmão e ele estremeceu. — Você é um fingido. Nem mesmo gosta dela! Disse que os neurônios dela deviam estar todos queimados de tanta água oxigenada!

Ele pigarreou.

— Eu nunca disse isso — discordou, olhando de relance para Taylor e para mim. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, e ela começou a enxugar o olho esquerdo com as costas da manga do suéter. O suéter do Steven. Eu estava irritada demais para chorar.

— Vou contar a Jeremiah.

— Belly, para com isso, já está crescida demais para fazer pirraça — disse Steven, balançando a cabeça daquele seu jeito fraternal.

As palavras saíram da minha boca, impensadas, rápidas, seguras.

— Vai para o inferno. — Eu nunca tinha falado assim com meu irmão antes. Acho que nunca tinha falado assim com ninguém antes. Steven piscou.

Foi aí que comecei a me afastar, e Taylor veio correndo atrás de mim. Precisou correr para me alcançar, de tão rápido que andei. Acho que a raiva deixa a gente mais rápida.

— Belly, sinto muito — começou ela. — Eu ia te contar. É que tudo aconteceu muito depressa.

Parei de andar e dei meia-volta, ficando de frente para ela.

— Quando? Quando foi que aconteceram? Porque, pelo que vi, as coisas aconteceram bem rápido com Jeremy, não com o meu irmão.

Ela deu de ombros, como quem não pode fazer nada, e isso só me irritou mais ainda. Coitadinha da Taylor, não era culpa dela.

— Eu sempre gostei do Steven. Sabe disso, Belly.

— Na verdade, eu nunca soube. Obrigada por me contar.

— Quando vi que ele estava gostando de mim também, nem acreditei. Nem consegui pensar.

— Essa é a questão. Ele não gosta de você. Está só te usando porque você está disponível — disse eu. Sabia que era crueldade, mas também sabia que era verdade. Depois fui para a casa, deixando-a ali, parada, do lado de fora.

Ela veio correndo atrás de mim e agarrou o meu braço mas sacudi o ombro para ela me soltar,

— Por favor, Belly, não fique zangada. Não quer que nada mude entre nós nunca — disse Taylor, os olhos castanhos cheios de lágrimas. O que ela realmente queria dizer era, quero que você nunca mude, enquanto meus seios crescem, paro de tocar violino e beijo seu irmão.

— As coisas não podem ficar sempre iguais — falei. Disse de propósito, para magoá-la, porque sabia que ia fazer isso.

— Não fica zangada comigo, tá, Belly? — suplicou ela. Taylor não suportava que as pessoas ficassem zangadas com ela.

— Não estou zangada com você — disse eu. — Só acho que a gente não se conhece mais direito.

— Não diga isso, Belly,

— Estou dizendo isso porque é verdade.

Ela disse:

— Desculpa, tá?

Desviei os olhos por um momento.

— Prometeu que ia ser legal com ele.

— Com quem? Steven? — Taylor estava realmente confusa.

— Não. Jeremiah. Disse que ia tratá-lo bem.

Ela fez um gesto com a mão.

— Ah, ele não se importa.

— Se importa, sim. Você não o conhece. — "Como eu", senti vontade de acrescentar. — Nunca pensei que você seria tão... tão... — procurei a palavra perfeita, para magoá-la assim como ela tinha me magoado — piranha.

— Não sou piranha — disse ela, baixinho.

Esse era o poder que eu exercia sobre ela, minha suposta inocência contra sua suposta pouca-vergonha. Que besteira. Eu teria trocado de lugar com ela em um segundo.

Depois Jeremiah me perguntou se eu queria jogar Tapão. Não tínhamos jogado urna vez sequer nesse verão. Costumava ser uma tradição nossa. Fiquei feliz por poder jogar de novo, mesmo se fosse como prêmio de consolação.

Ele me entregou minhas cartas, mas quando começamos a jogar, senti que não estávamos prestando atenção, nossos pensamentos bem longe dali. Achei que tínhamos um acordo tácito em não falar dela, que talvez ele nem mesmo soubesse o que tinha acontecido, mas aí ele disse:

— Queria que você não a tivesse trazido.

— Eu também.

— É melhor quando somos só nós — disse ele, embaralhando seu monte de cartas.

— É verdade — concordei.

Depois que Taylor foi embora, naquele verão, as coisas continuaram as mesmas, mas não exatamente. Ela e eu continuamos amigas, mas deixamos de ser as melhores amigas, como éramos antes. Mas continuamos amigas. Ela me conhecia desde pequena. É difícil desfazer-se do passado. Seria como jogar fora uma parte de si mesma.

Steven voltou a ignorar Taylor e sua obsessão pela Claire Cho. Só fingimos que nada daquilo tinha acontecido. Mas tinha.



Capítulo vinte e nove

Eu ouvi quando ele voltou para casa. Acho que a casa inteira deve ter ouvido, exceto Jeremiah, que seria capaz de continuar dormindo durante um maremoto. Conrad subiu as escadas, tropeçando e xingando, e depois fechou a porta e ligou o som alto. Eram três da manhã.

Continuei deitada durante três segundos antes de pular e correr pelo corredor até o quarto dele. Bati duas vezes à porta, mas a música estava tão alta que achei que ele não tivesse ouvido. Abri a porta. Ele estava sentado na beirada da cama, tirando os sapatos. Olhando para cima, me viu parada diante dele.

— Sua mãe não te ensinou a bater? — perguntou, levantando-se e abaixando o som.

— Eu bati, mas a música estava tão alta que você nem ouviu. Deve ter acordado a casa inteira, Conrad. — Entrei no quarto e fechei a porta. Fazia muito tempo que não vinha ao quarto dele. Estava como sempre tinha sido, muito bem arrumado. O de Jeremiah parecia ter sido atingido por um vendaval, mas não o de Conrad. No quarto de Conrad, cada coisa tinha seu

lugar, e tudo estava sempre no lugar certo. Seus desenhos a lápis, ainda pregados no quadro de avisos, seus carrinhos ainda alinhados na cômoda. Era consolador ver que pelo menos isso não tinha mudado.

Os cabelos dele estavam revoltos, como se alguém os tivesse despenteado. Provavelmente a menina do boné do Red Sox.

— Vai me denunciar, Belly? Ainda gosta de denunciar os outros?

Fingi que não tinha ouvido, e fui até sua escrivaninha. Acima dela, estava pendurada uma foto dele de uniforme de futebol, com a bola sob o braço.

— Por que parou de jogar? — perguntei.

— Não era mais divertido.

— Pensei que adorasse jogar futebol.

— Não, meu pai adorava — disse ele.

— Parecia que você também adorava. — Na foto ele parecia com raiva, mas dava para notar que estava tentando conter um sorriso.

— Por que parou de fazer aula de dança?

Virei-me e olhei para ele. Ele estava desabotoando a camisa branca, e vi que debaixo dela havia uma camiseta.

— Você se lembra disso?

— Você costumava dançar pela casa inteira como um gnomozinho.

Semicerrei os olhos para ele.

— Os gnomos não dançam. Eu era uma bailarina, só para você ficar sabendo.

Ele sorriu, presunçoso.

— E por que parou, então?

Tinha sido na época em que meus pais se divorciaram. Minha mãe não podia me levar e me buscar duas vezes por semana na academia de balé sozinha. Tinha que trabalhar. Não parecia mais valer a pena de qualquer forma. Eu já estava mesmo cansada de estudar balé, e Taylor também já tinha desistido. Além do mais, odiava me ver com malha de balé. Eu fiquei com peitos antes de todas as outras meninas da turma, e na foto eu parecia a professora. Era constrangedor.

Não respondi à pergunta dele. Em vez disso, falei:

— Eu dançava bem! Podia estar dançando em alguma companhia de balé, agora! — Era mentira, podia nada. Não era tão boa assim, longe disso.

— Certo — disse ele, sem acreditar. Parecia muito convencido, sentado ali na cama.

— Pelo menos sei dançar.

— Ei, eu também sei — protestou ele.

Cruzei os braços.

— Então prove.

— Não tenho que provar nada. Eu lhe ensinei uns passos, lembra? Como nos esquecemos depressa das coisas, não? — Conrad pulou da cama e pegou minha mão, me fazendo rodopiar. — Está vendo? Estamos dançando.

Seu braço estava passado em torno da minha cintura, e ele riu ao me soltar.

— Danço melhor que você, Belly — disse, deixando-se cair sobre a cama.

Fiquei olhando para ele, atônita. Não entendia Conrad, Um minuto, estava todo mal-humorado, introvertido, e no minuto seguinte ria e dançava, me rodopiando pelo quarto.

— Não considero isso dança — disse eu. E recuei, saindo do quarto. — E será que dá para diminuir o volume? Já acordou a casa inteira.

Ele sorriu. Conrad tinha um jeito de me olhar, de olhar para qualquer um, que resolvia tudo, dava vontade de cair aos pés dele. Ele disse:

— Claro. Boa-noite, Bells. — Bells, meu apelido de mil anos atrás.

Ele tornava muito difícil não amá-lo. Quando era encantador assim, eu me lembrava do motivo pelo qual o amava. Antes, quero dizer.

Eu me lembrava de tudo.



Capítulo trinta

AOS ONZE ANOS

Na casa de verão havia uma pilha de CDs para a gente escutar, e só. Passávamos o verão inteiro escutando os mesmos CDs. Havia *The Police*, que Susannah colocava para tocar de manhã; *Bob Dylan*, que ela punha para tocar à tarde, e Billie Holiday, que era para o jantar. À noite podia-se tocar qualquer coisa. Era engraçadíssimo. Jeremiah colocava o seu CD do Chronic, e minha mãe estava lavando roupa, cantarolando ao som da música, embora detestasse gangsta rap. E depois mamãe tocava *Aretha Franklin*, e Jeremiah cantava junto com a música, porque nós já sabíamos todas as letras de cor, de tanto ouvi-las.

Minha música predileta era Motown e beach music, que eu escutava no velho walkman da Susannah enquanto me bronzeava. Naquela noite ouvi o *Boogie Beach Shag* no imenso aparelho de som da sala de estar, e Susannah tirou Jeremiah para dançar. Ele estava jogando pôquer com Steven, Conrad e minha mãe, que era excelente jogadora.

A princípio, Jeremiah protestou, mas depois começou a dançar também. Era a dança chamada shag, uma espécie de dança de praia dos anos 1.960. Fiquei assistindo aos dois, Susannah jogando a cabeça para trás e rindo, Jeremiah fazendo-a rodopiar, e senti vontade de dançar também. Meus pés

estavam coçando de tanta vontade de dançar. Eu estudava balé e dança moderna, afinal de contas. Podia me exhibir um pouco.

— Stevie, dança comigo — pedi, cutucando meu irmão com o dedão do pé. Estava deitada no chão, de barriga para baixo, olhando para eles.

— Pode esperar deitada — disse ele. Mas ele nem devia saber dançar, mesmo.

— Connie, dance com Belly — disse Susannah, seu rosto corado enquanto Jeremiah a rodopiava de novo.

Nem ousei olhar para o Conrad. Tinha medo que meu amor por ele e minha necessidade de que ele dissesse sim transparecessem no meu rosto como um poema.

Conrad suspirou. Ainda se importava em agradar os outros naquela época. Então me deu a mão e me levantou. Fiquei de pé, trêmula. Ele não soltou minha mão.

— É assim que se dança o shag — disse ele, arrastando os pés de um lado para outro. — Um, dois, três, um, dois, três, de um lado para o outro.

Levei algum tempo para pegar o jeito. Era mais difícil do que parecia, e eu estava nervosa.

— Acompanhe o ritmo — disse Steven, de longe.

— Não fique tão tensa, Belly, é uma dança bem descontraída — disse mamãe do sofá.

Tentei fingir que não tinha ouvido os dois e olhar só para Conrad.

— Como é que você aprendeu a dançar isso? — perguntei.

— Mamãe nos ensinou — disse Conrad, com simplicidade. Depois me trouxe para mais perto de si e pôs os meus braços ao redor dos dele para podermos dar os passos juntos, lado a lado. — Isso é o aconchego.

O aconchego era o que eu mais gostava. Nunca tinha estado tão perto dele assim.

— Vamos de novo — disse eu, fingindo que não tinha entendido bem.

Ele me mostrava os passos novamente, colocando o seu braço sobre o meu.

— Está vendo? Agora está aprendendo.

Ele me rodopiou e fiquei tonta. De felicidade pura e simples.



Capítulo trinta e um

Passei o dia seguinte inteiro na praia com Cam. Fizemos um piquenique. Cam fez sanduíches de abacate e brotos de feijão, com maionese caseira da Susannah e pão integral. Estavam uma delícia. Demos uns mergulhos que pareceram durar horas cada um. Toda vez que uma onda começava a se formar, um de nós começava a rir, e depois a onda nos envolvia. Meus olhos ardiam por causa da água salgada, e minha pele estava ficando arranhada de tanto rolar na areia, como se eu tivesse passado esfoliante de abricó St. Ives da minha mãe várias vezes no corpo. Foi muito legal.

Depois, voltamos cambaleantes para as nossas toalhas. Eu adorava me refrescar e voltar toda molhada de água de mar para a toalha e deixar o sol secar a areia até ela se soltar. Seria capaz de ficar fazendo aquilo o dia inteiro: mar, areia, mar, areia.

Eu tinha trazido umas balas de fruta, e comemos tão rápido que nossos dentes doíam.

— Adoro essas balas — falei, estendendo a mão para pegar a última.

Ele foi mais rápido.

— Eu também, e você já comeu três, e eu só duas — disse ele, removendo a embalagem plástica. Sorrindo, ele a suspendeu acima da minha boca.

— Você tem três segundos para me dar essa bala — avisei. — Não me importa que tenha comido duas balas e eu, vinte. A casa é minha.

Cam riu e meteu o doce inteiro na boca. Produzindo um ruído alto ao mastigar, disse:

— A casa não é sua, é de Susannah.

— Você não sabe de nada. A casa é de todos nós — disse eu, caindo de novo na toalha. De repente senti uma sede enorme. Essa balas fazem isso. Principalmente se a gente comer de três em três minutos. Semicerrando os olhos para Cam, pedi:

— Será que pode ir até a nossa casa pegar um refresco? Por favorzinho?

— Não conheço ninguém que consuma mais açúcar do que você em um só dia — disse Cam, balançando a cabeça para mim, com tristeza. — Açúcar refinado é um veneno.

— Olha só quem está falando, você comeu a última bala — retruquei.

— Quem não desperdiça sempre tem—disse ele. Ficou de pé e espanou o calção com as mãos, para tirar a areia. — Vou te trazer água, não refresco.

Mostrei a língua para ele, e rolei, ficando de barriga para cima.

— Mas volta rápido — pedi.

Só que ele não voltou. Passaram-se 45 minutos, até que resolvi voltar para a casa, trazendo nossas toalhas, o filtro solar e o lixo, ofegante e suando como um camelo no deserto. Ele estava na sala de estar, jogando videogame com os meninos. Todos estavam largados por ali, ainda de calção de banho. Nós passávamos o verão inteiro de roupas de banho.

— Obrigada por ter levado meu refresco — reclamei, jogando a bolsa de praia no chão.

Cam olhou para mim com cara de culpado.

— Ops! Desculpa, os caras me chamaram para jogar, e aí eu... — E sua voz sumiu.

— Não peça desculpas — disse-lhe Conrad.

— É, você é o quê, escravo dela? Agora ela manda você fazer refresco pra ela, é? — disse Jeremiah, enquanto apertava os botões do controle. Virou-se e sorriu para mim, com uma careta, para me mostrar que estava brincando, mas eu não retribuí para concordar que estava tudo bem.

Conrad não respondeu, e eu nem mesmo olhei para ele. Mas senti que estava me olhando. Quis que ele parasse.

Por que mesmo quando eu tinha minha própria companhia, ainda me sentia excluída do clubinho deles? Não era justo. Não era justo Cam estar gostando tanto de fazer parte da turma. Nosso dia tinha sido tão bom.

— Cadê mamãe e Susannah? — perguntei, irritada.

— Foram a algum lugar — disse Jeremiah, vagamente. — Fazer compras, talvez?

Minha mãe detestava fazer compras. Susannah devia tê-la arrastado.

Saí pisando duro, indo até a cozinha para prepara meu refresco. Conrad me seguiu. Nem precisei me virar para saber que era ele. Preparei um de uva, num copo grande, fingindo que não tinha notado que ele estava ali parado, me olhando.

— Vai me ignorar? — disse ele, finalmente.

— Não — respondi. — O que você quer?

Ele suspirou e se aproximou de mim.

— Por que você tem que ser assim? — Depois se inclinou, chegando perto, perto demais. — Posso beber um pouco?

Pus o copo no balcão e comecei a me afastar, mas ele segurou meu pulso.

— Por favor, Bells.

Os dedos dele estavam frios, como sempre. De repente, comecei a sentir calor, como se estivesse febril. Recolhi a mão bruscamente.

— Me deixa em paz.

— Por que está zangada comigo? — Ele tinha a audácia de parecer genuinamente confuso e também nervoso. Porque, para ele, as duas coisas estavam ligadas; se ele estivesse confuso, também ficava nervoso. E quase nunca ficava confuso, portanto era raro ficar nervoso. Certamente nunca havia ficado nervoso por minha causa. Eu não tinha a menor importância para ele. Nunca havia tido.

— Sério, você se importa? — Senti meu coração batendo com força no peito. Senti umas pontadas estranhas pelo corpo, uma sensação estranha, enquanto esperava a resposta dele.

— Sim — disse Conrad, fazendo cara de surpreso, como se também não acreditasse que se importava.

O problema era que eu mesma não tinha certeza do que queria. Acho que era principalmente por que ele sempre me deixara confusa. Fazia com que eu me lembrasse de coisas das quais não queria me lembrar. Não agora. As coisas estavam indo muito bem com Cam, mas toda vez que eu pensava que tinha certeza de que queria ficar com ele, Conrad olhava *para* mim de *um* certo jeito, ou me rodopiava, ou me chamava de Bells, e tudo ia por água abaixo.

— Ah, por que você não vai fumar um cigarro? — disse eu.

O músculo do seu maxilar inferior contraiu-se.

— Certo — respondeu ele.

Senti uma mistura de culpa e satisfação por ter finalmente conseguido irritá-lo. E aí ele acrescentou:

— Por que não vai se olhar no espelho mais um pouco?

Foi como se ele tivesse me dado uma bofetada. Foi mortificante, ser pega, ouvir alguém apontando meus defeitos. Será que ele tinha me visto me olhando no espelho, me avaliando, me admirando? Será que agora todos pensavam que eu era vaidosa e superficial?

Apertei os lábios, dando as costas a Conrad, e sacudindo minha cabeça lentamente.

— Belly... — começou ele. Tinha se arrependido. Estava na cara.

Fui até a sala de estar e o deixei lá, parado. Cam e Jeremiah me olharam, como se soubessem que algo tinha acontecido. Será que tinham nos ouvido? Será que isso importava?

— Depois dessa quero jogar também — disse eu. E me perguntei se era assim que as paixões de anos terminavam, com um choramingo, lentamente, e então, de repente... acabavam.



Capítulo trinta e dois

Cam veio me visitar de novo, e ficou até mais tarde. Por volta da meia-noite, perguntei se ele queria ir dar uma volta na praia. Nós dois saímos andando de mãos dadas. O mar parecia prateado e infinito, como se tivesse um milhão de anos de idade. Que, aliás, imagino que tenha.

— Verdade ou consequência? — perguntou ele.

Eu não estava a fim de verdade. Então tive uma ideia, de repente. Era a seguinte: senti vontade de nadar pelado. Com Cam. Era o que os jovens faziam na praia, assim como dar amasso no drive-in. Se nós nadássemos pelados, seria como uma prova. De que eu tinha crescido.

Então respondi:

— Cam, vamos brincar de "Você Prefere". Você prefere ir nadar pelado neste segundo ou... — Não estava conseguindo pensar numa segunda opção para isso.

— A primeira, a primeira — disse ele, sorrindo radiante. — Ou as duas coisas, seja lá qual for a segunda

De repente senti uma euforia, quase como se estivesse embriagada. Afastei-me dele correndo, na direção d'água, e joguei meu suéter na areia. Estava de biquíni por baixo das roupas.

— As regras são as seguintes: só ficamos pelados depois de estarmos com o corpo todo debaixo d'água! — gritei, enquanto desabotoava o short. — E não vale olhar antes da hora!

— Espera! — disse ele, correndo até onde eu estava e jogando areia para todos os lados. — Vamos mesmo fazer isso?

— Vamos, ué. Não quer?

— Quero, mas e se sua mãe nos vir? — disse Cam, olhando de relance para a casa.

— Não vai nada. Não dá para ver nada da casa, está escuro demais.

Ele me olhou de relance, depois voltou a olhar para a casa.

— Talvez depois — disse ele, hesitante.

Fiquei olhando para ele, incrédula. Não era ele quem devia estar me convencendo?

— Está falando sério? — o que eu realmente queria dizer era: "Você é gay?"

— Estou. Não está muito tarde ainda. E se as pessoas ainda estiverem acordadas? — Ele pegou meu suéter na areia e o entregou para mim. — Talvez a gente possa voltar mais tarde.

Mas eu sabia que ele não ia voltar.

Em parte, fiquei com raiva, e em parte, aliviada. Era como se estivesse doida para comer sanduíche quente de pasta de amendoim com banana e depois percebesse, na segunda mordida, que não era bem aquilo que queria.

Arranquei meu suéter da mão dele e disse:

— Não faça nada só para me agradar, Cam. — Depois me afastei andando o mais rápido que pude, jogando areia para todos os lados. Achei que ele ia me seguir, mas não. Também não olhei para trás para ver o que ele estava fazendo. Provavelmente estava sentado na areia escrevendo um dos seus poemas idiotas à luz do luar.

Assim que entrei na casa, fui até a cozinha, fervendo de raiva. Uma das luzes estava acesa: Conrad estava sentado à mesa, comendo uma melancia com uma colher.

— Cadê Cameron? — perguntou ele, ironicamente.

Precisei pensar um segundo, para decidir se ele estava sendo bonzinho ou querendo me zoar. Sua expressão parecia normal e neutra, portanto achei que era um pouco das duas coisas. Se ele ia fingir que nossa briga anterior não tinha acontecido, eu também ia.

— Quem sabe? — disse eu, revirando a geladeira e tirando um iogurte. — Quem se importa?

— Briga de namorados?

A cara de presunção dele me fez sentir vontade de lhe dar uma bofetada.

— Não se meta com o que não é da sua conta — falei, sentando-me ao lado dele com uma colher e um iogurte de morango. Era sem gordura, da Susannah, e parecia aguado e duro por cima. Fechei a tampinha de alumínio e o deixei de lado.

Conrad empurrou a melancia, oferecendo a mim.

— Não devia ser tão dura com as pessoas, Belly.

Depois ficou de pé e disse: — E vista sua blusa.

Com a colher, tirei um pouco de melancia e mostrei a língua para ele, que já ia se retirando. Por que ele fazia sentir como se eu ainda tivesse 13 anos? Ouvi, voz da minha mãe: "Ninguém pode fazer você se sentir de nenhum jeito sem a sua permissão, Belly. Eleanor Roosevelt disse isso. Eu quase batizei você com o nome dela. Blá, blá, blá." Mas ela estava certa. Eu não ia dar, mais permissão ao Conrad para fazer eu me sentir mal. Só desejei que meu cabelo estivesse molhado, ou que estivesse com areia na roupa, para ele pensar que eu e Cam estávamos deitados na praia, mesmo que não tivéssemos feito nada.

Fiquei ali, sentada à mesa, comendo melancia. Comi até só sobrar metade. Estava esperando Cam voltar, mas ele não voltou, e fiquei com mais raiva ainda. Em parte senti vontade de trancar a porta para ele não poder entrar. Ele provavelmente encontrara algum sem-teto e tinha virado seu melhor amigo, e no dia seguinte ia me contar a história do camarada. Mas eu nunca tinha visto nenhum sem-teto em Cousins. Mas, se houvesse um, Cam o encontraria.

Mas Cam não voltou para a casa. Simplesmente foi embora. Ouvi-o dando a partida no carro, vi do corredor que ele estava dando marcha à ré e se afastando. Quis sair correndo atrás do carro e gritar com ele. Ele tinha que ter voltado. E se eu tivesse estragado tudo e ele não gostasse mais de mim? E se nunca mais voltasse a vê-lo?

Naquela noite fiquei acordada na cama, pensando em como os romances de verão começam depressa e como terminam rápido também.

Só que na manhã seguinte, quando fui até o deck comer minha torrada, encontrei uma garrafa de água vazia nos degraus que levavam até a praia. Poland Spring, a marca que Cam gostava. Dentro dela havia um papelzinho, um bilhete. Uma mensagem dentro de uma garrafa. A tinta estava meio manchada, mas mesmo assim consegui ler a mensagem. Dizia: "Vale um mergulho sem roupa."



Capítulo trinta e três

Jeremiah me convidou para ficar na piscina enquanto ele trabalhava como salva-vidas. Eu nunca tinha estado dentro da piscina do clube. Era imensa, muito bonita, portanto aceitei na hora. O clube me parecia um lugar misterioso. Conrad não tinha nos deixado ir lá no verão anterior; tinha dito que seria constrangedor.

No meio da tarde, fui até lá de bicicleta. Tudo lá era exuberante e verde; o clube era cercado por um campo de golfe. Havia uma menina sentada a uma mesa com uma prancheta, a quem eu disse que tinha vindo falar com Jeremiah. Ela fez sinal para que eu entrasse.

Vi Jeremiah antes que ele me visse. Ele estava sentado na cadeira do salva-vidas, falando com uma morena de biquíni branco. Estava rindo, e ela também. Parecia superimportante naquela cadeira alta. Eu nunca tinha visto Jeremiah trabalhando antes.

De repente fiquei tímida. Aproximei-me devagar, meus chinelos batendo no concreto.

— Oi — cumprimentei-o quando estava a apenas alguns metros de distância dele.

Jeremiah olhou para baixo, da sua cadeira, e sorriu para mim.

— Você veio — disse ele, semicerrando os olhos para mim e protegendo-os com as mãos como se fossem um visor.

— Vim — falei, balançando minha bolsa de lona como um pêndulo. A bolsa tinha o meu nome em caligrafia cursiva. Era da L.L. Bean, tinha sido um presente da Susannah.

— Belly, esta aqui é Yolie. Minha cosalva-vidas.

Yolie estendeu a mão e, apertou a minha. Era uma coisa meio profissional demais para se fazer de biquíni. Seu aperto de mão era firme, bom, algo que minha mãe teria apreciado.

— Oi, Belly — disse ela. — Já ouvi muito falar de você.

— Ouviu? — perguntei, olhando para o Jeremiah, no seu poleiro. Ele sorriu, zombeteiro.

— É, eu contei que você ronca tão alto que eu consigo ouvir da outra ponta do corredor.

Eu dei um tapa no pé dele.

— Cala a boca. — E, virando-me para a Yolie, disse: — Prazer em conhecê-la.

Ela sorriu para mim. Tinha covinhas em ambas as faces e um dentinho torto no maxilar inferior.

— Prazer. Jeremiah quer descansar agora?

— Daqui a pouco — disse ele.—Belly, vai se bronzear.

Mostrei a língua para ele, e estendi a toalha em um espreguiçadeira não muito longe dali. A piscina era de uma cor azul-turquesa perfeita e tinha dois trampolins, um alto e outro baixo. Havia umas mil crianças nadando e pensei em nadar também, quando não aguentasse mais ficar no sol. Fiquei deitada de óculos escuros e olhos fechados, me bronzeando e escutando música.

Jeremiah veio até minha espreguiçadeira depois de certo tempo. Sentou-se na beira da minha cadeira e bebeu um pouco do refresco que eu tinha trazido na garrafa térmica.

— Ela é bonita — comentei.

— Quem? Yolie? — disse ele, dando de ombros. — É legal. Uma das minhas muitas admiradoras.

— Ah!

— E você? Cam Cameron, né? Cam, o vegetariano. Cam, o *straight edge*.
Tentei não sorrir.

— E daí? Eu gosto dele.

— Ele é meio nerd.

— É isso que eu gosto nele. Ele é diferente.

Jeremiah franziu o rosto de leve.

— Diferente de quem?

— Não sei.—Mas eu sabia. Sabia exatamente de quem ele era diferente.

— Está querendo dizer que ele não é um babaca como Conrad, né?

Eu ri, e ele também.

— É, isso mesmo. Ele é legal.

— Só legal, é?

— Mais do que legal.

— Então você superou ele? De vez? — Ambos sabíamos de quem ele estava falando.

— Sim — disse eu.

— Não acredito em você — disse Jeremiah, olhando-me bem de perto, exatamente como quando estava tentando imaginar que cartas eu tinha nas mãos quando estávamos jogando baralho.

Tirei os óculos e olhei-o direto nos olhos.

— É verdade. Já esqueci.

— Vamos ver — disse Jeremiah, ficando de pé. — Terminou meu intervalo. Está tudo bem com você aí? Se esperar por mim, eu te levo para casa. Posso pôr sua bicicleta na mala.

Concordei e fiquei olhando Jeremiah voltar até a cadeira do salva-vidas. Jeremiah era um bom amigo. Ele sempre tinha sido bom para mim, sempre tinha cuidado de mim.



Capítulo trinta e quatro

Minha mãe e Susannah sentaram-se em espreguiçadeiras e eu me deitei em uma toalha Ralph Lauren velha. Era minha predileta porque era extralonga, e já estava macia de tanto ser lavada.

— O que vai fazer esta noite, feijãozinho? — perguntou minha mãe. Adorava quando ela me chamava de feijãozinho. Me fazia lembrar de quando eu tinha 6 anos e adormecia na cama dela.

Orgulhosamente anunciei:

— Eu e Cam vamos ao minigolfe Putt Putt.

Costumávamos ir lá sempre quando menores. O Sr. Fisher nos levava, e vivia fazendo os garotos competirem entre si:

— Vinte dólares para o primeiro que fizer um "hole in one". Vinte dólares para o vencedor.

Steven adorava isso. Acho que queria que o Sr. Fisher fosse nosso pai. Aliás, podia ser até que ele tivesse sido. Susannah me contou que a minha mãe antes tinha sido namorada dele, mas minha mãe tinha deixado o Sr. Fisher para Susannah porque sabia que eles formariam um casal perfeito.

O Sr. Fisher me incluía nas competições de minigolfe, mas nunca esperava que eu vencesse. É claro que eu nunca vencia. Detestava minigolfe,

mesmo. Detestava aqueles lapizinhos e a grama artificial. Era tudo perfeitinho demais, chegava a ser irritante. Tipo o Sr. Fisher. Conrad queria tanto ser igual a ele, e eu costumava torcer pelo contrário. Para ele nunca ser como o pai.

Eu tinha ido ao Putt Putt pela última vez quando tinha 13 anos e fiquei menstruada pela primeira vez. Estava de short branco, e Steven ficou apavorado. Pensou que eu tinha me machucado ou coisa assim, e eu, por um segundo, também pensei isso. Depois de ter ficado menstruada no quarto buraco, nunca mais quis voltar. Nem mesmo quando os meninos me convidavam. Portanto, ir lá com Cam era como se eu estivesse voltando a frequentar o Putt Putt, recuperando-o para a menina que era aos 12 anos. Eu é que tinha tido a ideia de ir lá.

Minha mãe disse:

— Pode voltar para casa cedo? Eu queria passar algum tempo com você, talvez assistir a um filme.

— Cedo quanto? Vocês vão dormir às nove.

Minha mãe tirou os óculos escuros, que deixaram duas marcas uma de cada lado do nariz, e me olhou.

— Gostaria que você passasse mais tempo em casa.

— Estou em casa agora — lembrei.

Ela agiu como se não tivesse me ouvido.

— Você tem passado tanto tempo com essa pessoa..

— Você disse que gostava dele! — Olhei para a Susannah, pedindo apoio, e ela retribuiu meu olhar₅ solidária.

Minha mãe suspirou, e Susannah então interveio.

— Gostamos do Cam, sim, mas sentimos sua falta, Belly. Aceitamos o fato de que você tem sua vida. — E ajeitou o chapéu de palha de abas caídas, piscando um olho para mim. — Só queremos que nos inclua um pouco mais nela!

Sorri, apesar de ter ficado meio chateada.

— Certo — concordei, deitando-me de novo na toalha. — Volto cedo. Vamos assistir a um filme.

— Combinado — disse mamãe.

Fechei os olhos e coloquei os fones de ouvido. Talvez ela tivesse razão. Eu estava passando todo o meu tempo com Cam. Talvez ela sentisse mesmo a minha falta. Era só que ela não podia achar que eu ia passar todas as noites em casa como tinha feito em todos os outros verões. Eu tinha quase 16 anos, era praticamente adulta. Minha mãe precisava aceitar que eu não ia poder ser seu feijãozinho para sempre.

Elas pensaram que eu tinha adormecido quando começaram a conversar. Mas não. Eu conseguia escutar o que diziam, mesmo com a música tocando.

— Conrad vem se comportando muito mal ultimamente — disse minha mãe, baixinho. — Deixou essas garrafas de cerveja todas no deque de manhã para eu pegar. Já está passando dos limites.

Susannah deu um suspiro.

— Acho que ele sabe de alguma coisa. Vem agindo assim faz meses. É tão sensível, sei que vai ficar bem abalado.

— Não acha que é hora de contar aos meninos? — Sempre que minha mãe dizia "Não acha", ela na verdade queria dizer: "Acho que você devia fazer isso, e você devia achar também."

— Só depois do verão. Aí será a hora certa.

— Beck — disse minha mãe. — Acho que a hora certa já chegou.

— Eu vou *saber* quando chegar a hora — disse Susannah.

— Não me pressione, Lauren.

Eu sabia que minha mãe não podia fazê-la mudar de ideia. Susannah era meiga, mas resoluta, teimosa como uma mula quando queria. Era puro aço por trás daquela meiguice.

Senti vontade de contar às duas, dizer que Conrad já sabia, e Jeremiah também, mas não consegui. Não seria correto da minha parte. Não devia me meter na vida deles.

Susannah queria que o verão fosse perfeito, que os meninos pensassem que os pais ainda estavam juntos, e que tudo fosse como sempre tinha sido. Esse tipo de verão não existe mais, senti vontade de dizer.



Capítulo trinta e cinco

No fim da tarde, Cam veio me pegar para ir ao minigolfe. Esperei por ele na varanda, e quando ele parou em frente à garagem, corri até seu carro. Em vez de me sentar no banco do passageiro, fui direto para o lado do motorista.

— Posso dirigir? — perguntei, sabendo que ele concordaria.

Ele balançou a cabeça, e disse, contrariado:

— Alguém consegue dizer não a você?

Pisquei para ele.

— Ninguém nunca diz — respondi, embora não fosse verdade nem de longe. Abri a porta do carro, e ele passou para o outro lado. Ao dar ré para voltar à rua, avisei:

— Preciso voltar cedo hoje.

— Não tem problema — disse ele, pigarreando. — E, hum, dá para ir um pouco mais devagar? A velocidade máxima nessa rua é de 60km/h.

Enquanto eu dirigia, ele me olhava, com um sorriso nos lábios.

— O que foi? Por que está sorrindo? — perguntei. Senti vontade de cobrir o rosto com a camiseta.

— Seu nariz é arrebitadinho — disse ele, estendendo a mão e tocando-o. Dei um tapa na mão dele.

— Detesto meu nariz — disse eu.

Cam fez cara de perplexo.

— Por quê? Seu nariz é fofo. São as imperfeições que tornam as coisas belas.

Fiquei pensando se isso significava que ele me achava bonita. Será que ele gostava de mim, das minhas imperfeições?

Acabou além da hora em que eu planejava voltar. As pessoas que estavam na nossa frente levavam um tempão para terminar cada buraco: era um casal, e eles ficavam toda hora parando para se beijar. Foi um saco. Senti vontade de dizer a eles: minigolfe não é lugar para dar amasso. É para isso que existe o drive-in. E depois, Cam ficou com fome, então paramos para comer marisco frito, e a essa altura já eram mais de dez horas, e eu sabia que a minha mãe e Susannah já iam estar dormindo quando eu chegasse.

Ele me deixou dirigir o carro na volta. Nem precisei pedir: ele apenas me entregou as chaves. Na frente da garagem, quando chegamos, desliguei o motor. Todas as luzes estavam apagadas, menos a do quarto do Conrad.

— Não quero entrar ainda — falei para Cam.

— Pensei que você tivesse que voltar cedo para casa.

— Tinha, sim. E tenho. Mas não estou preparada para entrar ainda. — Liguei o rádio, e ficamos sentados no carro durante cinco minutos, escutando música.

Aí Cam pigarreou e disse:

— Posso te beijar?

Queria que ele não tivesse perguntado. Queria que simplesmente tivesse me beijado. Pedir deixava tudo mais formal; me colocava na posição de ter que dizer sim. Senti vontade de revirar os olhos para ele, mas em vez disso, falei:

— Tá. Mas da próxima vez, por favor, não me pergunte antes. Perguntar a uma pessoa se ela quer te beijar é esquisito. A gente só vai e beija.

E me arrependi de ter dito isso na hora, ao ver a cara que Cam fez.

— Deixa pra lá — disse ele, vermelho. — Esquece que eu perguntei.

— Cam, me desculpa... — Mas antes que eu pudesse terminar, ele se aproximou de mim e me beijou. A barba que estava despontando no seu rosto era meio áspera, mas agradável.

Quando terminou o beijo, ele disse:

— OK?

Eu sorri, e disse:

— OK. — E aí desafivelei o cinto. — Boa-noite.

Então saí do carro, e ele contornou o veículo e veio sentar-se do lado do motorista. Nós nos abraçamos, e eu me peguei desejando que Conrad estivesse nos vendo. Embora isso não tivesse importância, e embora eu não gostasse mais dele. Eu só queria que ele soubesse que eu não gostava mais dele, que soubesse disso sem mais nenhuma dúvida. Que visse isso com os próprios olhos.

Corri até a porta da frente e nem precisei me virar para saber que Cam esperaria até eu entrar antes de ir embora.

No dia seguinte, minha mãe não mencionou nada, mas nem foi preciso. Ela era capaz de me fazer sentir culpada sem dizer sequer uma palavra.



Capítulo trinta e seis

Meu aniversário sempre marcava o início do fim do verão. Era a última coisa daquele período que eu esperava com ansiedade. E naquele verão eu ia completar 16 anos. O aniversário de 16 anos costuma ser especial, muito importante, Taylor ia até alugar um salão para a festa dela, e o primo dela ia ser o DJ, e ela ia convidar a escola inteira. Já estava planejando isso havia séculos. Meus aniversários ali na praia eram sempre os mesmos: bolo, presentes bobos dos garotos e olhar os álbuns antigos, sentada entre Susannah e minha mãe no sofá. Todos os meus aniversários tinham sido ali naquela casa. Há fotos da minha mãe sentada na varanda, grávida, com um copo de chá gelado e um chapéu de aba larga, e eu, dentro da barriga dela. Há fotos de nós quatro, Conrad, Steven,

Jeremiah e eu, correndo pela praia, eu pelada, só de chapéu de aniversário, brincando de pique-pegas. Minha mãe só foi comprar um maiô para mim quando eu tinha 4 anos. Tinha me deixado correr por aí pelada o tempo todo antes disso.

Eu não esperava que aquele aniversário fosse diferente. O que, ao mesmo tempo, era consolador e meio deprimente. Só que Steven não ia estar presente.

Meu primeiro aniversário sem ele tentar se intrometer e soprar as velas antes de mim.

Eu já sabia o que meus pais iam me dar: o carro antigo de Steven. Iam mandar pintá-lo e tudo. Quando eu voltasse para a escola, ia frequentar aulas de direção, e logo não ia mais precisar pedir carona a ninguém.

Não podia deixar de imaginar se alguém onde eu morava se lembrava de que aquele era o dia do meu aniversário. Além da Taylor. Ela se lembrava, sempre. Ligava para mim exatamente às 9h02 da manhã para cantar "Parabéns a você", todo ano. Era muito legal, mas o problema de fazer aniversário no verão e ir para outro lugar era que nunca se podia ter uma festa com todos os amigos da escola. Não colavam balões com uma fita adesiva no seu armário de livros, nem nada. Eu nunca tinha me incomodado, mas agora me incomodava, sim, só um pouco.

Minha mãe me disse que eu podia convidar Cam, mas não convidei. Nem mesmo lhe disse que era meu aniversário. Não queria que ele se sentisse como se tivesse que fazer alguma coisa. Só que era mais do que isso. Achei que, se aquele aniversário ia ser igual a qualquer outro, eu podia comemorá-lo como todos os outros, também. Devia ser uma coisa só entre nós, minha família de verão.

Quando acordei, naquela manhã, a casa estava cheirando a manteiga e açúcar. Susannah tinha feito um bolo de aniversário. Tinha três camadas, e era rosa, com beiradas brancas. Ela havia escrito, com glacê branco, em letras arredondadas: FELIZ ANIVERSÁRIO, BELLS. Tinha acendido algumas velas, e elas chiaram e soltaram faíscas como vagalumes malucos. Ela e minha mãe começaram a cantar, e Susannah fez sinal para Conrad e Jeremiah cantarem também. Eles começaram, muito desafinados e fazendo brincadeiras.

— Faça um desejo, Belly — disse minha mãe.

Eu ainda estava de pijama, e não conseguia parar de sorrir. Nos últimos quatro aniversários, tinha desejado sempre a mesma coisa. Mas naquele ano, não. Naquele ano ia desejar outra coisa. Vi as faíscas diminuírem, e depois fechei os olhos e soprei.

— Abra meu presente primeiro — pediu Susannah, ansiosa. E entregou-me uma caixinha embrulhada com papel cor-de-rosa.

Minha mãe olhou para ela, desconfiada:

— O que você fez, Beck?

Ela deu um sorriso misterioso e apertou o meu pulso.

— Abra, querida.

Rasguei o papel e abri a caixa. Era um colar de pérolas, um fio inteiro de minúsculas pérolas brancas com um fecho de ouro brilhante. Parecia antigo, não alguma coisa que se pudesse comprar hoje em dia. Era como o relógio suíço do meu pai, muito bem-talhado, até o fecho. A coisa mais linda que eu já tinha visto.

— Ai meu Deus — disse eu, arquejante, erguendo o colar.

Olhei para Susannah, que estava sorrindo, radiante, e depois para minha mãe, pensando que ela diria que o colar era extravagante demais. Mas ela sorriu e falou:

— Essas pérolas são...?

— São, sim — disse Susannah, virando-se para mim e falando: — Meu pai me deu esse colar quando fiz 16 anos. Quero que você fique com ele.

— Jura? — E olhei para minha mãe de novo, para ter certeza de que podia. Ela assentiu. — Nossa, obrigada, Susannah. É lindo.

Ela tirou o colar da minha mão e o colocou em torno do meu pescoço. Eu nunca tinha posto um colar de pérolas antes. Não conseguia parar de tocá-las.

Susannah bateu palmas. Não gostava de ficar muito tempo por perto depois de dar um presente a alguém; apreciava o simples ato de dá-lo.

— Muito bem, e agora? Jeremiah? Con?

Conrad remexeu-se, sem graça.

— Esqueci. Desculpa, Belly.

Pisquei. Ele nunca havia se esquecido do meu aniversário antes.

— Não tem problema — disse eu. Nem mesmo consegui olhar para ele.

— Abra o meu, então — disse Jeremiah. — Embora, depois disso, o meu vai parecer horrível. Puxa, mãe, muito obrigado, viu. — E ele me entregou uma caixinha e recostou-se na sua cadeira.

Sacudi a caixa.

— Vamos ver, o que pode ser? Cocô de plástico? Um chaveiro com uma placa?

Ele sorriu.

— Vai ver. Yolie me ajudou a escolhê-lo.

— Quem é Yolie? — indagou Susannah.

— Uma menina que gosta do Jeremiah — falei, abrindo a caixa.

Dentro dela, sobre um forro de algodão, vi uma chavinha minúscula, um pingente de prata.



Capítulo trinta e sete

AOS ONZE ANOS

— Feliz aniversário, bobona — cantou Steven, jogando um balde inteiro de areia no meu colo. Um caranguejo de praia saiu dela e subiu na minha coxa. Soltei um grito e pulei. Saí correndo atrás do Steven pela praia, soltando fogo pelas ventas. Mas não consegui alcançá-lo; nunca conseguia. Ele corria em círculos em torno de mim.

— Venha soprar as velas — chamou minha mãe.

Assim que Steven se virou para voltar para a toalha, pulei nas costas dele e passei um braço diante do seu pescoço, puxando seus cabelos com toda a força possível.

— Ai! — gritou ele, tropeçando. Eu me agarrei às costas dele como um macaco, mesmo com Jeremiah puxando meu pé e tentando me tirar de cima dele. Conrad caiu de joelhos, rindo.

— Crianças — chamou Susannah. — Vamos com bolo!

Pulei de cima das costas de Steven e fui até a toalha.

— Vou pegar você! — berrou ele, correndo atrás de mim.

Eu me escondi atrás da minha mãe.

— Não pode. É meu aniversário.

E mostrei a língua para ele. Os meninos deitaram na toalha, molhados e sujos de areia.

— Mamãe — queixou-se Steven. — Ela arrancou um montão dos meus cabelos.

— Steven, você tem cabelo suficiente na cabeça. Eu não me preocuparia com isso. — Minha mãe acendeu as velas no bolo que tinha feito naquela manhã. Era um bolo amarelo, de caixa, meio torto, coberto com glacê de chocolate. A letra dela era meio confusa, portanto, "Feliz Aniversário" estava parecendo "Feliz Amessário".

Soprei as velas antes de Steven poder tentar me "ajudar". Não queria que ele roubasse meu desejo. Desejei Conrad, é claro.

— Abra seus presentes, fedorenta — disse Steven, mal-humorado. Eu já sabia o que ele ia me dar. Um desodorante. Ele tinha embrulhado o presente em lenço de papel; e eu estava vendo o que era porque o lenço era praticamente transparente.

Fingindo que não tinha ouvido meu irmão, peguei uma caixinha embrulhada em papel de presente de conchinhas. Era da Susannah, portanto eu sabia que era um bom presente. Rasguei o papel, e dentro encontrei uma pulseira prateada cheia de penduricalhos, de uma loja que Susannah adorava, a Rheingold's, onde vendiam porcelana fina e potes de balas de cristal. Na pulseira havia cinco coisas penduradas: uma conchinha, um maiô, um castelo de areia, óculos escuros e uma ferradura.

— Simboliza nossa sorte de termos você em nossas vidas — disse Susannah, indicando a ferradura.

Ergui a pulseira, e os pingentes cintilaram e faiscaram ao sol.

— Adorei.

Minha mãe ficou em silêncio. Eu sabia o que ela estava pensando. Estava pensando que Susannah tinha exagerado, gastado dinheiro demais. Eu me senti culpada por adorar tanto aquela pulseira. Minha mãe tinha me dado umas partituras e CDs. Não tínhamos tanto dinheiro quanto a família da Susannah, e naquele momento eu finalmente entendi o que isso significava.



Capítulo trinta e oito

—Adorei — falei.

Subi até o meu quarto e fui direto até a caixinha de música na minha cômoda, onde guardava minha pulseira. Agarrei a pulseira e corri para baixo de novo.

— Está vendo? — falei, pondo o pingente de chave na pulseira e prendendo-a no meu pulso.

— É uma chave, porque você logo vai estar dirigindo. Entendeu? — disse Jeremiah, recostando-se na sua cadeira, com as mãos atrás da cabeça.

Eu tinha entendido. Sorri para lhe mostrar que sim. Conrad chegou perto para olhar melhor.

— Legal — disse.

Segurei o pingente na palma da minha outra mão. Não conseguia parar de olhá-lo.

— Adorei — repeti. — Mas é da Rheingold's. Deve ter sido muito caro.

— Economizei durante o verão inteiro para poder comprá-lo — declarou ele, solene. Olhei para Jeremiah, assustada.

— Não acredito que fez isso!

Ele deu um sorriso.

— Não, boba. É tão fácil te enganar.

Dando-lhe um soco no braço, falei:

— Eu não tinha acreditado mesmo em você, seu babaca. — Apesar de ter acreditado, embora durante apenas um segundo.

Jeremiah esfregou o lugar onde eu tinha socado o braço dele.

— Não foi tão caro assim. Além do mais, agora eu trabalho, lembra? Não se preocupe comigo. Estou feliz por você ter gostado. Yolie disse que você gostaria.

Dei-lhe um abraço apertado.

— É perfeito.

— Que presente maravilhoso, Jere — disse Susannah. — É melhor que meu colar velho, sem dúvida.

Ele riu.

— Até parece — disse ele, mas eu vi que ele tinha gostado do elogio.

Minha mãe se levantou e começou a cortar o bolo. Não cortava bolo muito bem: as fatias saíam grandes demais, e se desmanchavam dos lados.

— Quem quer bolo? — disse ela, lambendo o dedo.

— Não estou com fome — disse Conrad, abruptamente. Levantou-se e olhou o relógio. — Preciso me vestir para ir trabalhar. Feliz aniversário, Belly.

E subiu. Durante um minuto, ninguém disse nada. Então minha mãe falou, bem alto:

— Esse bolo está uma delícia. Coma uma fatia, Beck. E empurrou um prato na frente dela.

Sorrindo levemente, Susannah respondeu:

— Também não estou com fome. Sabe como é, quem faz o bolo não sente vontade de comê-lo. Mas vocês comam, por favor.

Abocanhei uma garfada.

— Humm. Bolo amarelo, meu predileto.

— E não é de caixa — disse minha mãe.



Capítulo trinta e nove

Conrad convidou Nicole, a garota do boné do Red Sox, para vir *visitá-lo*. Na nossa casa. A menina *do* boné dos Red Sox estava na nossa casa, mal pude acreditar. Era esquisito ver uma outra menina ali além de mim.

Ela veio no meio da tarde. Eu estava no deque, sentada à mesa do pátio, comendo um sanduíche de Doritos, quando eles chegaram, no carro do Conrad. Ela estava de short bem curto e camiseta branca, com óculos escuros no alto da cabeça. Nada de boné do Red Sox. Parecia elegante. Parecia bem à vontade. Ao contrário de mim, de camiseta de Cousins Beach que também servia de camisola. Achei que ele pelo menos iria levá-la para dentro, mas eles ficaram do outro lado do deque, deitados nas espreguiçadeiras. Eu não podia ouvir o que estavam dizendo, mas a menina estava rindo feito uma maluca.

Depois de mais ou menos cinco minutos, não deu mais para aguentar. Peguei o celular e liguei para Cam. Ele disse que viria dentro de meia hora, mas chegou em uns quinze minutos.

Eles entraram na casa quando Cam e eu estávamos conversando sobre os filmes a que podíamos assistir.

— O que vocês vão ver? — perguntou Conrad, sentando-se no sofá à nossa frente. A menina do boné do Red Sox sentou-se ao lado dele, praticamente no seu colo.

Não olhei para ele ao dizer:

— Nós dois estamos tentando chegar a um consenso. — Com ênfase no "nós dois".

— Podemos assistir? — perguntou Conrad. — Vocês conhecem Nicole, né?

De repente, Conrad estava sendo sociável, quando tinha passado o verão inteiro trancado no quarto?

— Oi — disse ela, entediada.

— Oi — disse eu, tentando parecer tão entediada quanto ela.

— Oi, Nicole — disse Cam. Senti vontade de lhe dizer para não ser tão gentil, mas sabia que ele não teria ligado mesmo. — Quero assistir a *Cães de aluguel*, mas Belly quer ver *Titanic*.

— Sério? — disse a menina, e Conrad riu.

— Belly adora *Titanic* — disse ele, num tom de voz irônico.

— Eu adorava quando tinha 9 anos — disse eu. — Quero assistir agora para dar risada, só para você ficar sabendo.

Eu estava tranquila. Não ia deixar que ele me provocasse na frente do Cam outra vez. E para dizer a verdade, eu adorava mesmo o *Titanic*. Um romance condenado em um navio condenado, como não amar? E eu tinha certeza absoluta de que Conrad também gostava desse filme, embora fingisse não gostar.

— Voto em *Cães de aluguel* — disse Nicole, examinando as unhas.

Desde quando ela podia votar? O que ela estava fazendo ali, aliás?

— Dois votos para *Cães de aluguel* — disse Cam. — E você, Conrad?

— Acho que vou votar no *Titanic* — disse ele, imperturbável. — *Cães de aluguel* é pior do que o *Titanic*. É superestimado.

Semicerrei os olhos para Conrad.

— Sabe do que mais? Acho que vou mudar meu voto para *Cães de aluguel*. Então, você perdeu, Conrad — disse.

Nicole ergueu os olhos, deixando de fitar as unhas, e falou:

— Então acho que vou votar no *Titanic*.

— Quem é você? — murmurei baixinho. — Por acaso ela tem direito de votar aqui?

— Ele tem? — disse Conrad, indicando Cam com o cotovelo, que fez cara de assustado. — Estou brincando, amigo.

— Vamos ver *Titanic* — disse Cam, tirando o DVD da caixa.

Nós nos sentamos e *assistimos* ao filme, tensos. Todos começaram a rir na parte em que Jack, de pé diante do timão, grita: "Sou o rei do mundo!" Mas eu fiquei calada. Mais ou menos na metade do filme, porém, Nicole murmurou alguma coisa no ouvido do Conrad e os dois se levantaram.

— Até mais — disse Conrad.

Assim que eles se afastaram, eu disse, entredentes:

— Que nojo. Provavelmente subiram para um rala e rola.

— Rala e rola? Quem diz "rala e rola"? — disse Cam, achando graça.

— Ah, por favor. Não acha essa menina nojenta?

— Nojenta? Não. É bonitinha. Mas exagera um pouco no bronzeador, é verdade.

Eu ri, embora estivesse de mau humor.

— Bronzeador? E você entende de bronzeador?

— Eu tenho uma irmã mais velha, lembra? — disse ele, sorrindo, encabulado. — Ela gosta de maquiagem. Nós dividimos o banheiro.

Eu não me lembrava de Cam ter dito que tinha uma irmã.

— Bem, ela usa bronzeador demais, mesmo. Ela é cor de laranja! Fico imaginando onde foi parar aquele boné do Red Sox — comentei, pensativa.

Cam pegou o controle remoto e parou o filme.

— Por que está tão obcecada por ela?

— Não estou obcecada. Por que eu estaria? Ela não tem personalidade. É uma alienada. Olha para Conrad como se ele fosse Deus.

Eu sabia que Cam estava me julgando por ser tão má, mas não conseguia parar de falar.

Ele me olhava como se quisesse me dizer alguma coisa, mas não falou nada. Em vez disso, apertou o botão para continuar o filme.

Ficamos ali sentados no sofá e terminamos assistindo ao filme em silêncio. Lá pelo final ouvi a voz do Conrad nas escadas, e sem nem mesmo pensar, cheguei mais perto de Cam e encostei a cabeça no ombro dele.

Conrad e Nicole desceram as escadas, e Conrad olhou para nós um segundo antes de dizer:

— Diga a minha mãe que fui levar Nicole em casa.

Eu mal olhei para cima.

— Tá.

Assim que eles se foram, Cam endireitou-se, e eu também. Ele inspirou.

— Você me convidou para vir aqui para poder causar ciúmes nele?

— Em quem? — disse eu.

— Sabe em quem. Conrad.

Senti o sangue subindo pelo peito, depois pelo pescoço, até as faces.

— Não. — Parecia que todos estavam querendo saber o que havia entre mim e Conrad.

— Ainda gosta dele?

— Não.

Cam soltou o ar.

— Bem, você hesitou.

— Não hesitei nada!

Eu tinha hesitado? Tinha certeza de que não tinha. Para Cam, disse:

— Quando olho para Conrad, só consigo sentir nojo,

E vi que ele não tinha acreditado. Porque a verdade era que, quando eu olhava para Conrad, só sentia um desejo que nunca acabava. Era o mesmo que sempre tinha sentido. Do meu lado estava um cara formidável que gostava mesmo de mim, e lá no fundo eu sabia que ainda gostava do Conrad. A verdade era mesmo essa. Eu nunca tinha conseguido superar esse sentimento. Eu era exatamente como Rose, naquela balsinha improvisada.

Cam pigarreou e disse:

— Você vai embora daqui em breve. Quer continuar tendo contato comigo?

Eu não tinha pensado nisso ainda. Ele estava certo, o verão já estava quase terminando. Logo eu voltaria para casa.

— Ahm... você quer?

— Quero, sim.

E aí ele me olhou como se esperasse algo, e eu não consegui imaginar o que era durante alguns segundos. Depois disse:

— Eu também. Também quero.

Só que demorei demais. Cam tirou o celular do bolso e disse que era melhor ir andando. Não discuti.



Capítulo quarenta

Nós finalmente tivemos nossa sessão noturna de cinema. Minha mãe, Susannah, Jeremiah e eu assistimos aos filmes de Alfred Hitchcock prediletos de Susannah na sala de televisão com todas as luzes apagadas. Minha mãe fez pipoca na panela grande de ferro fundido e comprou chocolates, balinhas de goma e puxa-puxas. Susannah adorava balas puxa-puxas. Foi clássico, como os velhos tempos, só que sem Steven e Conrad, que estava trabalhando no restaurante, no horário do jantar.

No meio de *Interlúdio*, o filme do qual mais gostava, Susannah dormiu. Minha mãe cobriu-a com um cobertor, e quando o filme terminou, ela sussurrou: — Jeremiah, pode levá-la lá para cima? Jeremiah concordou, rapidamente, e Susannah nem mesmo acordou quando ele a ergueu nos braços e a levou pelas escadas. Ele a pegou como se ela não tivesse peso, fosse uma pluma. Eu nunca o tinha visto fazer isso antes. Muito embora fôssemos da mesma idade, naquele momento ele quase me pareceu um adulto.

Minha mãe levantou-se, espreguiçando-se.

— Estou exausta. Você também vai para a cama, Belly?

— Ainda não. Acho que vou limpar a sala primeiro — disse eu.

— Boa menina — disse ela, piscando para mim, depois subiu.

Comecei a catar os papéis de bala e algumas pipocas que tinham caído no tapete.

Jeremiah desceu quando eu estava guardando o filme na caixa. Ele afundou nas almofadas do sofá.

— Vamos ficar acordados mais um pouco — disse ele, me olhando.

— Tá. Quer assistir outro filme?

— Não, vamos só assistir à TV. — E, pegando o controle remoto, começou a mudar os canais, a esmo. — Por onde tem andado Cam Cameron?

Voltando a me sentar, soltei um ligeiro suspiro.

— Não sei. Ele não tem ligado, e nem eu tenho telefonado para ele. O verão está quase acabando. Eu provavelmente não vou vê-lo de novo.

Jeremiah não olhou para mim ao dizer:

— E você quer? Vê-lo de novo?

— Não sei... Não tenho certeza. Talvez sim. Talvez não.

Jeremiah apertou o botão para silenciar a TV. Virando-se, olhou para mim.

— Acho que ele não é o cara certo pra você. — Seu olhar era tristonho. Nunca o tinha visto assim, tão triste. Para melhorar o clima, eu disse:

— É, também duvido que seja.

— Belly... — começou. Ele inspirou profundamente, inflando as bochechas, soprou o ar com tanta força que os cabelos na sua testa se agitaram. Senti meu coração começar a bater furiosamente, percebendo que alguma coisa estava para acontecer. Ele ia dizer alguma coisa que eu não queria escutar. Ia mudar tudo.

Abri a boca para falar, interrompê-lo antes que ele dissesse algo que não podia retirar depois, e ele sacudiu a cabeça.

— Deixa eu desabafar.

E inspirou profundamente de novo.

— Você sempre foi minha melhor amiga. Mas agora é mais do que isso. Eu vejo você como mais do que apenas isso. — E continuou, aproximando-se de mim mais um pouco. — Você é mais legal que qualquer outra menina que já conheci, e me apoia. Sempre me apoiou. Sempre posso contar contigo. E você pode contar comigo também. Sabe disso.

Concordei. Eu estava ouvindo a voz dele, via seus lábios se movendo, mas minha cabeça estava voando a mil. Aquele era Jeremiah. Meu amigo, meu melhor amigo. Praticamente um irmão. Eu estava sentindo dificuldade de respirar, tão assustador era aquele momento. Mal consegui olhar para ele. Porque não pensava assim. Não pensara nele desse jeito. Só existia para mim uma pessoa por quem eu sentia algo assim, e era Conrad.

— Eu sei que sempre gostou de Conrad, mas agora já superou isso, não é? — Seu olhar me pareceu tão esperançoso que me senti super mal, super mal por não poder dizer a ele o que ele queria que eu lhe dissesse.

— Eu... eu não sei — murmurei.

Ele inspirou pela boca, como fazia quando estava frustrado.

— Mas por quê? Ele não pensa em você desse modo. Eu penso.

Senti que ia começar a chorar, e não seria justo. Não podia chorar. Mas ele estava certo. Conrad não pensava em mim daquele jeito. Só desejei que pudesse pensar no Jeremiah como ele pensava em mim.

— Eu sei... Gostaria que não fosse assim. Mas eu ainda penso nele assim. Ainda.

Jeremiah afastou-se de mim. Não queria olhar para mim. Olhou para qualquer lugar, menos para mim.

— Ele vai acabar te fazendo sofrer — disse ele, a voz entrecortada.

— Me perdoa por favor, me perdoa. Não fica com raiva de mim. Eu não ia aguentar se você ficasse com raiva de mim.

Ele suspirou.

— Não estou com raiva de você. É que... por que é que sempre tem que ser Conrad?

Depois ele se levantou e me deixou ali, sentada.



Capítulo quarenta e um

AOS DOZE ANOS

O Sr. Fisher tinha levado os meninos para uma daquelas pescarias noturnas, em alto-mar. Jeremiah não pôde ir; ele tinha se sentido enjoado no início do dia, portanto Susannah o fez ficar em casa. Nós dois passamos a noite no velho sofá xadrez do porão, comendo batatinha chips com molho e vendo filmes.

Entre O exterminador do futuro e O exterminador do futuro 2, Jeremiah disse, amargurado:

— Ele gosta mais do Con do que de mim, você sabe. Eu tinha me levantado para mudar os DVDs, e, virando-me para ele, disse:

— Hã?

— É verdade. Eu nem ligo, aliás. Acho ele um babaca. Eu também o achava um babaca, mas não disse isso.

Não se deve concordar quando as pessoas começam a falar mal dos seus próprios pais. Só coloquei o DVD no aparelho e voltei a me sentar. Puxando a beirada do cobertor, eu disse:

— Ele não é tão ruim assim.

Jeremiah me olhou de um jeito indignado.

— Ele é, e você sabe. Con acha que ele é Deus ou alguma coisa assim. Seu irmão também.

— É que seu pai é tão diferente do nosso — falei, defensivamente. — Seu pai leva vocês para pescar, e também joga futebol com vocês. Nosso pai não faz esse tipo de coisa. Ele gosta de xadrez.

Ele deu de ombros.

— Eu gosto de xadrez.

Eu não sabia disso. Eu também gostava. Meu pai havia me ensinado a jogar quando eu tinha 7 anos. E sabia jogar relativamente bem. Nunca tinha entrado em um clube de xadrez, muito embora eu até tivesse vontade. Clube de xadrez era coisa de gente que tira meca do nariz. Era assim que Taylor os chamava.

— E Conrad também gosta de xadrez — disse Jeremiah. — Ele só tenta ser o que nosso pai quer. E o negócio é que acho que ele nem gosta de futebol, não como eu. Ele só é bom nisso, assim como em tudo que faz.

Não podia dizer nada depois disso. Conrad era mesmo bom em tudo que fazia. Apanhei um bocado de batatinhas e as meti na boca, para não ter que dizer nada.

— Um dia vou ser melhor do que ele — disse Jeremiah.

Eu não achava que isso fosse possível, Conrad era bom demais.

— Sei que gosta de Conrad — disse Jeremiah de repente.

Engoli as batatas. Elas subitamente ficaram com gosto de ração de coelho.

— Não gosto, não — neguei. — Não gosto de Conrad.

— Gosta, sim — disse ele, e seu olhar me pareceu de quem sabe do que está falando, de quem entende tudo. — Conte a verdade. Nada de segredos, lembra?—Nada de segredos era uma coisa que Jeremiah e eu já dizíamos há muito tempo, Era uma tradição, do mesmo modo que Jeremiah beber meu leite doce de cereal era tradição, só uma das coisas que dizíamos um ao outro quando estávamos sozinhos.

— Não, eu não gosto dele — insisti. — Gosto dele como amigo. Não penso nele desse jeito.

— Pensa, sim. Olha para ele como quem o ama.

Eu não podia aguentar mais aquele olhar onisciente dele. Respondi, irritada:

— Só acha isso porque tem inveja de tudo que Conrad faz.

— Não tenho inveja. Eu só queria ser tão bom quanto ele — disse ele, baixinho. Depois arrotou e ligou o DVD player.

O negócio é que Jeremiah estava certo. Eu amava Conrad, sim. E também sabia qual tinha sido o momento exato em que comecei a sentir isso. Conrad se levantou cedo para fazer um café da manhã de Dia dos Pais atrasado, só que o Sr. Fisher não tinha conseguido vir na noite anterior, e não estava presente no dia seguinte, como deveria. Conrad fez o café da manhã mesmo assim; tinha 13 anos e cozinhava muito mal, mas todos nós comemos o que ele fez. Enquanto o via servindo aqueles ovos com consistência de borracha ao mesmo tempo em que disfarçava a sua tristeza, pensei comigo mesma, eu vou amar esse menino para sempre.



Capítulo quarenta e dois

Ele tinha ido correr na praia, uma coisa que tinha começado recentemente. Eu sabia porque o observei da janela duas manhãs seguidas. Ele estava de short de ginástica e camiseta; o suor havia formado um círculo no meio das suas costas. Tinha saído mais ou menos uma hora antes. Eu tinha visto quando ele tinha saído, e agora ele estava voltando para casa.

Fui até a varanda, sem nenhum plano na cabeça. Só sabia que o verão estava quase acabando. Logo seria tarde demais. Nós nos afastaríamos, e eu nunca teria dito nada a ele. Jeremiah tinha posto as cartas na mesa. Agora era minha vez. Eu não podia passar mais um ano inteiro sem contar a ele. Morria de medo de mudanças, de que qualquer coisa virasse nossa pequena canoa de verão, mas Jeremiah já havia feito isso e, no entanto, continuávamos vivos. Ainda éramos Belly e Jeremiah.

Eu precisava fazer isso, precisava lhe contar, porque não contar iria acabar comigo. Não dava para continuar alimentado um desejo por alguma coisa, por alguém, que podia ou não retribuir esse sentimento. Eu precisava ter certeza. Era agora ou nunca.

Ele não ouviu eu me aproximando pelas suas costas. Estava abaixado, desamarrando os tênis.

— Conrad — chamei. — Ele não me ouviu, então repeti mais alto. — Conrad.

Ele ergueu os olhos, assustado. Depois ficou de pé.

— Oi!

Pegar Conrad desarmado era bom sinal. Ele tinha um milhão de muros de proteção. Se eu simplesmente começasse a falar, ele talvez não tivesse tempo de erguer mais um muro.

Apertei os lábios e comecei. *Disse* as primeiras palavras que me ocorreram, aquelas que já guardava no coração desde o início. Disse:

— Eu te amo desde que tinha 10 anos.

Ele ficou me olhando.

— Você é o único em quem sempre pensei. Durante minha vida inteira, sempre amei você. Você me ensinou a dançar, veio me salvar quando eu nadei para muito longe no mar. Lembra disso? Ficou comigo, me empurrando de volta à praia, dizendo o tempo todo: "Estamos quase chegando", e acreditei. Acreditei porque era você quem estava dizendo aquilo, e eu acreditava em tudo que você dizia. Comparados a você, os outros todos são genéricos, até Cam. E eu detesto genéricos. Sabe disso. Sabe tudo sobre mim, até isso, que eu te amo.

Esperei, parada diante dele. Estava sem fôlego. Sentia-me como se meu coração fosse explodir, de tão cheio que estava. Puxei os cabelos para cima, formando um rabo de cavalo com a mão, e os segurei assim, ainda esperando que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa.

Tive a impressão de que se passaram um milhão de anos até ele abrir a boca e falar.

— Mas não devia. Não sou a pessoa certa pra você. Sinto muito.

E ficou nisso. Soltei todo o ar dos pulmões e olhei para ele, muito séria.

— Não acredito — reclamei. — Você também gosta de mim. Eu sei. — Tinha visto como ele olhava para mim quando eu estava com Cam, tinha visto com meus próprios olhos.

— Não como você quer que eu goste — disse ele. Suspirou, e assim, tristonho, como se sentisse pena de mim, prosseguiu: — Você ainda é tão nova, Belly.

— Não sou mais criança! Você queria que eu fosse, para não ter que enfrentar o problema. É por isso que passou o verão inteiro aborrecido comigo — protestei, falando mais alto. — Você gosta de mim. Admita.

— Você está maluca — disse ele, rindo um pouco ao se afastar de mim.

Mas não daquela vez. Eu não ia deixar ele escapar assim tão facilmente. Já estava cansada daquele comportamento sorumbático de James Dean. Ele gostava de mim. Eu sabia. E ia obrigá-lo a me dizer.

Segurei-o pela manga da camisa.

— Admita. Você ficou zangado quando comecei a namorar Cam. Queria que eu ainda fosse sua pequena admiradora.

— O quê? — disse ele, sacudindo o braço, para se soltar. — Belly, deixa de falar besteira! O mundo não gira em torno de você.

Minhas faces ficaram vermelhas; senti o calor sob a minha pele. Era como uma queimadura de sol multiplicada por um milhão.

— É, exatamente, porque o mundo gira é em torno de você, certo?

— Você não faz ideia do que está dizendo — disse ele. Havia um tom de aviso com sua voz, mas não parei para ouvir. Estava zangada demais. Finalmente estava dizendo o que eu realmente pensava, e não havia mais como voltar atrás.

Fiquei na frente dele, insistindo. Não ia deixá-lo fugir daquela vez.

— Você só quer me manter por perto, certo? Para eu ficar correndo atrás de você, e você poder ficar todo convencido. E, quando começo a superar, você me puxa de volta. Você é doido. Mas agora estou te avisando, Conrad. Isso acabou.

Ele falou ríspidamente:

— Como assim?

Meus cabelos voaram, fustigando o meu rosto, quando me virei para recuar, encarando-o.

— Acabou. Não vai mais poder me manipular. Não vou ser mais sua amiga, nem sua admiradora, nem nada. Já chega.

A boca dele retorceu-se.

— O que você quer de mim? Já tem seu namoradinho para brincar, agora, lembra?

Balancei a cabeça e recuei de novo, me afastando dele.

— Não é bem assim — respondi. Ele tinha entendido tudo errado. Não era o que eu estava tentando fazer. Ele é que tinha passado a vida inteira dele até ali me atraindo de volta, a minha vida inteira. Ele sabia como eu me sentia, e mesmo assim me deixava amá-lo. Ele queria que eu o amasse.

Conrad deu um passo na minha direção.

— Em um minuto, você gosta de mim. Depois do Cam... — Conrad fez uma pausa. — E depois do Jeremiah. Não é mesmo? Quer tudo ao mesmo tempo.

— Cala a boca! — gritei.

— Você é que anda fazendo joguinhos, Belly. — Ele estava tentando ficar calmo, mas seu corpo estava contraído, como se todos os músculos estivessem tão tensos quanto as cordas daquele violão ridículo dele.

— Você se comportou como um idiota o verão inteiro. Só pensa em si mesmo. Seus pais estão se divorciando. E daí? Os pais se divorciam. Não é desculpa para tratar mal os outros!

Ele virou a cabeça para o outro lado, bruscamente.

— Cale a boca! falou, seu maxilar tenso. Eu tinha conseguido. Estava obrigando Conrad a reagir.

— Susannah estava chorando outro dia por sua causa, mal conseguiu sair da cama! E você, se importa com isso? Tem ideia de como está sendo egoísta?

Conrad avançou para mim, chegando tão perto que nossos rostos quase se tocaram, como se ele pretendesse ou me bater ou me beijar. Ouvi meu coração batendo nos ouvidos. Estava tão furiosa que quase desejei que ele me batesse. Mas sabia que ele nunca faria isso. Ele agarrou meus braços e me sacudiu, depois me soltou tão subitamente quanto tinha começado. Senti lágrimas querendo começar a brotar nos olhos, porque, por um segundo, tinha pensado que ele ia...

Me beijar.

Estava chorando quando Jeremiah chegou. Jeremiah estava fora, trabalhando na piscina; seus cabelos ainda estavam molhados. Eu nem mesmo tinha ouvido o carro dele chegando. Ele deu uma olhada em nós, e viu que

alguma coisa estava acontecendo. Quase pareceu com medo. E aí ficou irritado, dizendo:

— Que merda é essa? Conrad, qual o seu problema?

Conrad olhou-o, zangado.

— Não deixe ela chegar perto de mim. Não estou a fim de falar desse assunto agora.

Estremeci. Era como se ele realmente tivesse me dado uma bofetada. Pior do que isso, até.

Ele começou a se afastar, e Jeremiah agarrou o braço dele.

— Mas você precisa começar a falar disso, cara. Deixa de grosseria. Para de descontar sua raiva em todo mundo. Para de atormentar Belly.

Eu tremi. Será que tudo aquilo estava acontecendo por minha causa? Durante todo o verão, o mau humor do Conrad, trancado no quarto, será que tinha sido por minha causa? Teria sido mais do que simplesmente o divórcio dos pais? Será que ele estava transtornado assim porque tinha me visto com outra pessoa?

Conrad tentou se livrar do irmão.

— Por que é que você não para de me atormentar? Que tal se tentasse fazer isso?

Mas Jeremiah não o soltou. Continuou falando:

— Nós passamos o verão inteiro deixando você fazer o que queria. Você ficou só enchendo a cara, mal-humorado feito um bebezinho. Você é o mais velho, lembra? O irmão mais maduro? Aja conforme o esperado, seu idiota. Veja se age como homem e cuida do que lhe diz respeito.

— Sai da minha frente — grunhiu Conrad.

— Não. — Jeremiah chegou mais perto dele, até seus rostos ficarem a apenas centímetros um do outro, exatamente como o meu e o do Conrad tinham estado nem quinze minutos antes.

Conrad respondeu, em tom ameaçador:

— Estou avisando, Jeremiah.

Os dois pareciam cachorros zangados, grunhindo, cuspidando e cercando um ao outro. Tinham se esquecido de que eu estava ali. Eu me senti como se estivesse assistindo a uma cena que não devia ver, como uma espiã. Quis tapar

os ouvidos. Eles nunca tinham se comportado assim um com o outro durante todo o tempo em que eu os conhecera. Podiam discutir de vez em quando, mas nunca tinham se enfrentado assim, nenhuma vez. Eu sabia que devia ir embora, mas não tive coragem. Só fiquei ali parada, assistindo a tudo, apertando os braços dobrados junto ao peito.

— Você é igualzinho ao papai, sabia? — gritou Jeremiah.

E foi aí que eu vi que nada daquilo me dizia respeito. Não era algo em que eu poderia participar. Era alguma coisa que eu não sabia.

Conrad empurrou Jeremiah para trás, com ódio, e Jeremiah o empurrou de volta. Conrad tropeçou e quase caiu, e quando se levantou, deu um soco na cara do Jeremiah. Acho que gritei. Eles depois passaram a se agarrar, lutar um com o outro, dando golpes, soltando palavrões, respirando com força. Derrubaram a jarra grande de chá gelado da Susannah, e ela rachou. O chá se esparramou por toda a varanda. Havia sangue na areia. Eu não sabia de quem era.

Eles continuaram brigando, sobre o vidro quebrado, embora Jeremiah estivesse para perder os chinelos. Algumas vezes eu disse "Parem com isso!" mas eles não davam ouvidos. Eram muito parecidos. Eu nunca tinha notado como eram parecidos. Mas ali pareciam irmãos. Ficaram lutando até que, de repente no meio da confusão, minha mãe apareceu. Acho que tinha passado pela outra porta de tela. Não sei como, ela simplesmente apareceu. Separou os dois com uma força bruta incrível, do tipo que só as mães têm.

Mantendo-os separados com uma das mãos no peito de cada um, ela disse:

— Vocês dois precisam parar com isso. — E em vez de parecer zangada, parecia triste. Parecia estar a ponto de chorar, e minha mãe nunca chorava.

Estavam respirando com força, sem olhar um para outro. Mas estavam conectados, os três. Eles compreendiam algo que eu não entendia. Eu estava só parada ali, testemunhando tudo. Era como no dia em que eu tinha ido à igreja com Taylor, e todos sabiam as letras dos cânticos, mas eu não. Eles erguiam os braços bem alto e balançavam de um lado para outro, entoando as músicas de cor, e eu me senti uma intrusa.

— Vocês sabem, não sabem? — disse minha mãe, deixando as mãos caírem.

Jeremiah inspirou profundamente, e vi que ele estava se contendo, tentando não chorar. Seu rosto já estava começando a ficar roxo. Conrad, porém, tinha no rosto uma expressão indiferente, distante. Como se não estivesse ali.

Até que ele mudou de expressão, e de repente pareceu ter 8 anos. Eu olhei para trás e vi Susannah de pé à porta. Ela estava de vestido largo de algodão, parecendo muito frágil.

— Sinto muito — disse ela, erguendo as mãos, sem saber o que fazer.

Ela avançou para os meninos, hesitante, e minha mãe se afastou. Susannah ergueu os braços e Jeremiah na mesma hora se atirou entre eles, e embora fosse bem maior que ela, parecia pequeno. O sangue que escorria do seu rosto manchou a frente do vestido dela, mas eles não se afastaram. Ele chorou como eu nunca o havia ouvido chorar desde que Conrad tinha acidentalmente fechado a porta do carro em cima da sua mão, anos atrás. Conrad tinha chorado tanto quanto Jeremiah naquele dia, mas agora ele não estava chorando. Deixou Susannah lhe acariciar os cabelos, mas não chorou.

— Belly, vamos — disse minha mãe, pegando minha mão. Fazia muito tempo que não fazia isso. Como uma menininha, eu a segui até o interior da casa. Subimos até seu quarto. Ela fechou a porta e se sentou na cama. Eu me sentei ao seu lado.

— O que está havendo? — perguntei a ela, hesitante, procurando em seu rosto algum tipo de resposta.

Ela pegou minhas mãos e as segurou com força, como se ela é que estivesse querendo que eu segurasse as dela, não o contrário. E aí disse:

— Belly, Susannah está doente de novo.

Fechei os olhos. Deu para ouvir o barulho do mar em torno de mim; era como segurar uma concha muito perto do ouvido. Não era verdade. Não era verdade, Eu estava em todos os lugares, menos ali, naquele momento. Estava nadando sob um céu estrelado; estava na escola, na aula de matemática, na minha bicicleta, na trilha atrás da nossa casa. Eu não estava ali. Aquilo não estava acontecendo.

— Ai, meu feijãozinho — suspirou minha mãe. — Precisa abrir os olhos. Precisa escutar.

Eu não queria abri-los. Não queria escutar. Nem mesmo estava ali.

— Ela está doente. Já está doente faz algum tempo. O câncer voltou. E agora é agressivo. Se espalhou para o fígado.

Abri os olhos e recolhi as mãos para longe das mãos dela.

— Para com isso. Ela não está doente. Está bem. Ainda é Susannah. — Meu rosto estava molhado, e eu nem mesmo sabia quando tinha começado a chorar.

Minha mãe balançou a cabeça, umedeceu os lábios.

— Tem razão. Ela ainda é Susannah. Faz tudo do seu jeito. Não queria que vocês soubessem. Queria que este verão fosse... perfeito — a voz ficou pesada quando ela disse "perfeito". Como um fio de nylon, ela se prendeu em sua garganta, e também surgiram-lhe lágrimas nos olhos.

Então ela me puxou para si, me abraçou com força e me balançou. E eu deixei.

— Mas eles sabiam — solucei. — Todos sabiam menos eu. Só eu é que não sabia, e amo Susannah mais do que qualquer um de vocês.

O que não era verdade, eu sabia. Jeremiah e Conrad é que a amavam mais. Mas parecia verdade. Queria dizer a minha mãe que não importava, que Susannah também tinha tido câncer da última vez e agora estava bem. Ela iria melhorar. Mas, se eu dissesse isso em voz alta, seria como admitir que ela realmente tinha câncer, que tudo aquilo estava acontecendo. E não consegui.

Naquela noite eu chorei deitada na cama. Meu corpo inteiro doía. Abri as janelas do meu quarto e me deitei de novo, no escuro, só escutando o mar. Desejei que a maré me levasse e nunca mais me trouxesse de volta. Perguntei-me como Conrad estaria se sentindo, como Jeremiah se sentia. Como minha mãe se sentia.

Parecia que o mundo estava acabando e nada nunca mais ia ser como antes. Estava, e não seria mesmo.



Capítulo quarenta e três

Quando éramos pequenos e a casa estava cheia, lotada de gente, como meu pai e o Sr. Fisher e outros amigos, Jeremiah e eu dormíamos na mesma cama, assim como Conrad e Steven. Minha mãe sempre vinha ajeitar nossas cobertas e nos colocar para dormir. Os meninos fingiam que eram velhos demais para isso, mas eu sabia que gostavam tanto quanto eu. Era a sensação de estar enroladinho nas cobertas e confortável, como se fôssemos o recheio de uma panqueca. Eu ficava deitada ouvindo a música que vinha da saia, e Jeremiah e eu contávamos histórias assustadoras um para outro até dormirmos. Ele sempre dormia primeiro. Eu tentava beliscá-lo para que acordasse, mas nunca funcionava. A última vez em que isso aconteceu deve ter sido a última vez em que me *senti* realmente, completamente segura neste mundo. Como se tudo estivesse no seu lugar, tudo estivesse bem.

Na noite do dia em que os garotos brigaram, bati à porta do Jeremiah.

— Entra — disse ele.

Estava deitado na cama de olhos pregados no teto, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Suas faces estavam molhadas e seus olhos pareciam úmidos e vermelhos. Seu olho direito estava roxo-acinzentado, já inchando. Assim que ele me viu, esfregou os olhos com as costas da mão.

— Oi — falei. — Posso entrar?

Ele se sentou.

— Pode, sim.

Fui até a cama dele e me sentei na beirada dela, com as costas apoiadas na parede.

— Sinto muito mesmo — comecei. Tinha praticado o que dizer, como iria dizer, para ele saber como eu estava triste. Por tudo. Mas aí comecei a chorar e estraguei tudo.

Ele estendeu o braço e massageou meu ombro, meio sem jeito. Não conseguia olhar para mim, o que, de certa forma, foi melhor.

— Não é justo — falei, depois comecei a soluçar.

Jeremiah respondeu:

— Andei pensando nisso o verão inteiro, que esse seria provavelmente o último. Este lugar é o lugar predileto dela, sabe. Eu queria que fosse perfeito para ela, mas Conrad estragou tudo. Ele desistiu. Minha mãe está muito preocupada, e ela não devia estar, não podia se preocupar com nada, nem com ele. Conrad é o cara mais egoísta que eu conheço, além do meu pai.

Ele também está sofrendo, pensei, mas não disse nada em voz alta, porque não adiantaria. Portanto, resolvi dizer:

— Queria ter sabido antes. Se estivesse prestando atenção, teria sido diferente.

Jeremiah balançou a cabeça.

— Ela não queria que você soubesse. Não queria que nenhum de nós soubesse. Queria que fosse assim, então fingimos. Por ela. Mas queria ter lhe contado. Teria sido mais fácil, sei lá. — Ele enxugou os olhos com a gola da camiseta, e vi que ele estava tentando se conter com todas as forças, ser o mais forte.

Estendi os braços para abraçá-lo, e ele estremeceu, e aí não conseguiu aguentar mais. Começou a chorar, chorar mesmo, mas de mansinho. Choramos juntos, nossos ombros sacudindo e estremecendo sob o peso daquele fardo. Choramos assim durante muito tempo. Quando paramos, ele me soltou e enxugou o nariz.

— Chega pra cá — disse eu.

Ele chegou mais perto da parede, e estendi as pernas para a frente, ao seu lado.

— Vou dormir aqui, tá? — Mas não era uma pergunta.

Jeremiah concordou, e dormimos assim, sem trocar de roupa, sobre o edredom. Embora fôssemos mais velhos agora, o efeito foi o mesmo de antes. Dormimos com o rosto virado um para o outro, do modo como costumávamos fazer.

Acordei cedo, no dia seguinte, quase caindo da cama. Jeremiah estava todo esparramado no colchão, roncando. Eu o cobri com meu lado do edredom, para ele ficar enrolado como se estivesse em um saco de dormir. Depois saí.

Voltei para o meu quarto, e estava com a mão na maçã neta quando ouvi a voz do Conrad.

— Booom dia — disse ele. E na hora percebi que ele tinha me visto saindo do quarto do Jeremiah.

Virei-me para ele, bem devagar. E ele estava parado ali, de pé, com as mesmas roupas da noite anterior, exatamente como eu. Pareciam amarrotadas, e ele estava oscilando ligeiramente. Ele parecia estar a ponto de vomitar.

— Você está bêbado?

Ele deu de ombros, como se não se importasse, mas seus ombros estavam tensos e rígidos. Malicioso, falou:

— Não devia ser boazinha pra mim agora, *como* foi com Jeremiah esta noite?

Abri a boca para me defender, para dizer que nada tinha acontecido, que só tínhamos chorado até dormir. Mas não quis. Conrad não merecia saber de nada daquilo.

— Você é o cara mais egoísta que eu já conheci — falei devagar e deliberadamente. Pronunciei cada palavra como se fosse uma punhalada. Nunca tinha sentido tanta vontade de magoar alguém na vida. — Mal posso acreditar que pensei que te amava.

Seu rosto empalideceu. Ele abriu a boca, depois a fechou. Depois fez isso de novo. Eu nunca tinha visto Conrad ficar sem palavras antes.

E aí voltei para o meu quarto. Foi a primeira vez que tinha sido capaz de dizer a última palavra com Conrad. Tinha conseguido. Finalmente tinha me livrado dele. Senti-me livre, mas era uma liberdade comprada a algum preço terrível e odioso. Não foi bom. Será que eu tinha direito de dizer essas coisas a

ele, quando ele estava magoado daquele jeito? Será que tinha direito? Ele estava sofrendo, e eu também.

Quando voltei para a cama, me cobri e chorei mais um pouco, apesar de ter pensado que não ia conseguir derramar mais nenhuma lágrima. Tudo estava virado de cabeça para baixo.

Como eu podia ter passado todo aquele verão pensando só em meninos, em nadar, em bronzear, enquanto Susannah estava doente? Como podia ser? Parecia impossível viver sem Susannah. Era inconcebível. Eu nem mesmo era capaz de imaginar uma coisa dessas. Não podia imaginar como seria a vida para Jeremiah e Conrad. Ela era mãe deles.

Mais tarde, naquela manhã, eu ainda estava na cama. Fiquei dormindo até as onze, e depois continuei deitada. Estava com medo de descer e encarar Susannah, medo que ela visse que eu sabia.

Por volta do meio-dia, minha mãe entrou no meu quarto sem nem mesmo bater.

— É hora de acordar — disse ela, olhando a bagunça. Ela pegou um short e uma camiseta e os dobrou contra o peito.

— Não quero me levantar ainda — respondi, virando-me de bruços. Estava zangada com ela, me sentia traída. Ela devia ter me contado. Devia ter me alertado. Minha vida inteira, eu nunca tinha acreditado que minha mãe fosse capaz de *mentir*. Mas ela tinha mentido. Todas as vezes em que pensávamos que elas tinham saído para fazer compras, ou que estavam no museu ou fazendo excursões, não estavam em nenhum desses lugares. Estavam em hospitais, em consultas médicas, fazendo exames e tratamentos. Agora eu estava entendendo. Só queria ter percebido antes.

Minha mãe se aproximou de mim e se sentou na beirada da cama. Coçou as minhas costas, e a sensação das suas unhas contra a minha pele foi agradável.

— Vai precisar se levantar, Belly — disse, de mansinho. — Ainda está viva, e Susannah também. Precisa aguentar firme por ela. Ela precisa de você.

Suas palavras fizeram sentido. Se Susannah precisava de mim, eu podia fazer alguma coisa.

— Posso ajudar — falei, virando-me para encará-la. — Só não entendo como o Sr. Fisher tem coragem de deixá-la aqui sozinha quando ela mais precisa dele,

Minha mãe desviou o olhar, lá para fora, depois o voltou para mim.

— É assim que Beck quer. E Adam é assim mesmo. — Ela manteve uma das mãos sobre uma das minhas bochechas. — Não cabe a nós decidir.

Susannah estava na cozinha fazendo muffins de blueberry. Estava encostada no balcão, mexendo a massa dentro de uma tigela grande de metal. Estava com mais um daqueles vestidos largos de algodão, os quais percebi que tinha usado o verão inteiro, porque eram folgados. Escondiam a magreza dos seus braços, as clavículas salientes.

Ela ainda não tinha me visto, e me senti tentada a fugir antes que ela virasse. Mas não fiz isso. Não podia.

— Bom-dia, Susannah — disse, alto demais, num tom falso, diferente do meu.

Ela me olhou e sorriu.

— Já passa de meio-dia. Acho que não é mais "bom-dia".

— Então, boa-tarde — corrigi, ainda à porta.

— Está zangada comigo também? — perguntou ela, de bom humor. Mas seu olhar era de preocupação.

— Nunca conseguiria ficar zangada com você — disse eu, aproximando-me dela pelas costas e envolvendo-a. Depois enfiei a cabeça pelo espaço entre o seu pescoço e o ombro. Ela cheirava a flores.

Susannah disse, ainda animada:

— Vai tomar conta dele, não vai?

— De quem?

E aí senti as faces dela contraindo-se para formar um sorriso.

— Sabe quem.

— Vou — murmurei, ainda abraçando-a com força.

— Ótimo — disse ela, suspirando. — Ele precisa de você. Eu não perguntei quem era "ele". Não precisava.

— Susannah?

— Hum?

— Prometa uma coisa para mim.

— Qualquer coisa.

— Prometa que nunca vai nos abandonar.

— Prometo — disse ela, sem hesitar. Suspirei e depois abri os braços.

— Posso te ajudar com os muffins?

— Sim, por favor.

Eu a ajudei a fazer uma cobertura de farofa de açúcar mascavo, manteiga e aveia. Tiramos os muffins do forno cedo demais, porque não conseguimos esperar, e os comemos enquanto ainda estavam quentes e pegajosos no meio. Comi três. Sentada ao lado dela, vendo-a passar manteiga em seu muffin, tive a impressão de que ela estaria ali para sempre.

Não sei por quê, começamos a falar em bailes de formatura e coisas assim. Susannah adorava falar de qualquer coisa feminina, dizia que eu era a única com quem podia conversar sobre esse tipo de coisa. Minha mãe certamente não era a pessoa certa, nem Conrad ou Jeremiah. Só eu, a quase filha dela.

Susannah disse:

— Não deixe de me mandar fotos suas do seu primeiro baile importante, hein?

Eu ainda não tinha ido a nenhuma festa da minha escola, nem a bailes de formatura. Ninguém havia me convidado e, para dizer a verdade, não sentia vontade de ir. A única pessoa com quem queria ir não estudava na minha escola. Eu disse a ela:

— Tudo bem. Vou usar aquele vestido que você comprou para mim no verão passado.

— Que vestido?

— Aquele do shopping, o roxo, aquele da briga entre você e mamãe. Você o colocou na minha mala, lembra?

Ela franziu o rosto, confusa.

— Não comprei aquele vestido. Laurel teria um ataque de nervos. — Depois sua expressão mudou, e ela sorriu. — Sua mãe deve ter voltado e comprado o vestido para você.

— Minha mãe? Minha mãe nunca faria isso.

— Mas sua mãe é assim. É típico dela.

— Mas ela nunca disse... —E minha voz sumiu. Nunca tinha sequer imaginado que poderia ter sido a minha mãe quem tinha comprado o vestido para mim.

— Ela não faria isso. Ela não é assim.

Susannah estendeu o braço sobre a mesa e pegou minha mão.

— Você é a menina mais sortuda do mundo por ter a mãe que tem. Saiba disso.

O céu estava cinzento e o ar meio gelado. Logo iria chover.

A névoa estava tão intensa que levei um minuto para encontrá-lo, mas finalmente eu o encontrei, mais ou menos a uns oitocentos metros mais adiante. Ele sempre acabava indo para a praia. Estava sentado, os joelhos encolhidos junto ao peito. Não olhou para mim quando me sentei ao seu lado. Estava de olhos fixos no oceano.

Seus olhos eram verdadeiros abismos, tristes e sem vida, como se fossem órbitas vazias. Não havia nada neles. O menino que eu pensava que conhecia tão bem tinha desaparecido. Ele parecia muito perdido, sentado ali. Senti aquele ímpeto antigo, aquela atração gravitacional, aquele desejo de habitar nele, como se, em qualquer lugar onde ele estivesse neste mundo, eu soubesse onde estava, e fosse capaz de encontrá-lo. Encontrá-lo e levá-lo de volta. Tomar conta dele, exatamente como Susannah queria.

Falei primeiro.

— Sinto muito. Sinto muitíssimo mesmo. Queria ter entendido antes...

— Por favor, pare de falar — disse ele.

— Desculpe — murmurei, começando a me levantar. Estava sempre dizendo alguma coisa errada.

— Não vá embora — disse Conrad, e seus ombros cederam. Seu rosto também. Ele o escondeu nas mãos e voltou a ter 5 anos de idade. Nós dois voltamos. — Estou com tanta raiva dela — disse, cada palavra saindo dele como uma lufada de ar concentrado. Ele abaixou a cabeça, os ombros caídos, curvados. Finalmente estava chorando.

Eu o vi chorar em silêncio. Senti como se estivesse me intrometendo em um momento particular, um que ele jamais me deixaria testemunhar se não

estivesse sofrendo. O velho Conrad gostava de manter o controle o tempo todo.

Aquele velho impulso, a maré que me puxava para ele. Vivia me deixando levar por essa correnteza, a do primeiro amor, quero o controle. O primeiro amor vivia me obrigando a voltar àquilo, a ele. Ele ainda me tirava o fôlego só por estar ao meu lado. Na noite anterior, eu estava mentindo para mim mesma, pensando que tinha me libertado, que tinha me livrado dele. Nada que ele fizesse ou dissesse iria me fazer abandoná-lo.

Fiquei me perguntando se seria possível afastar o sofrimento de alguém com beijos. Por que eu queria fazer isso, afastar toda a tristeza dele, consolá-lo, fazer o menino que eu conhecia voltar. Estendi o braço, toquei-lhe a nuca. Ele abaixou a cabeça bruscamente, um movimento mínimo, mas eu não afastei a mão. Deixei-a ali, acariciando os seus cabelos; depois, sustentando-lhe a parte de trás da cabeça com a mão, puxei-o para mim, e o beijei. A princípio só de leve, mas depois ele começou a retribuir o beijo, e começamos a nos beijar. Seus lábios eram quentes e carentes. Ele precisava de mim. Minha cabeça ficou de um branco cegante, e eu só conseguia pensar: *Estou beijando Conrad Fisher, e ele está me beijando também*. Susannah estava morrendo, e eu ali, beijando Conrad.

Ele foi o primeiro a se afastar.

— Desculpe — disse ele, sua voz rouca e áspera.

Toquei meus lábios com as pontas dos dedos.

— Pelo quê? — falei, sem conseguir recuperar o fôlego.

— Não pode ser assim. — Ele parou, depois recomeçou. — Eu penso em você. Você sabe disso. É que não consigo... Você pode simplesmente ficar aqui comigo?

Concordei, apenas balançando a cabeça. Estava com medo de abrir a boca.

Peguei sua mão e a apertei, e isso me pareceu a coisa mais certa que eu já tinha feito em muito tempo. Ficamos ali sentados na areia, de mãos dadas, como se fosse alguma coisa que sempre tínhamos feito. Começou a chover, a princípio de leve. As primeiras gotas bateram na areia, e os grãos se aglutinaram, começaram a deslizar como contas.

Depois a chuva começou a cair com mais força, e senti vontade de me levantar e voltar para casa, mas percebi que Conrad não queria. Então fiquei ali com ele, segurando a sua mão, sem dizer nada. O resto do mundo me parecia extremamente distante; só existíamos nós dois.



Capítulo quarenta e quatro

Perto do final do verão, tudo começou a ficar mais lento, e deu para sentir que estava para acabar. Era como nos dias em que éramos dispensados de ir à escola por causa da neve. Uma vez, por causa de uma nevasca intensa, passamos duas semanas inteiras em casa. Depois de algum tempo, a gente simplesmente sente vontade de sair, nem que seja para ir à escola. O mesmo acontecia na casa de veraneio. Até mesmo o paraíso pode ser sufocante. Sentar na praia sem fazer nada é bom até começar a ficar chato, e aí a gente sente vontade de voltar para casa. Eu me sentia sempre assim uma semana antes de nós voltarmos da praia. E depois, naturalmente, quando chegava a hora de ir embora, nunca sentia vontade de ir. Queria ficar lá para sempre. Era um beco sem saída, uma verdadeira contradição. Porque assim que a gente se sentava dentro do carro e se afastava da casa de praia, eu só sentia vontade de pular e voltar correndo para lá.

Cam me ligou duas vezes. Não atendi nenhuma delas. Deixei que a caixa postal atendesse. Da primeira vez que ele ligou, não deixou recado. Da segunda vez, disse: "Oi, é Cam... Espero que consiga te ver antes de irmos embora. Mas se não der, queria dizer que foi mesmo muito legal ficar com você. É isso. Me liga se quiser."

Não sabia o que dizer a ele. Eu amava Conrad, e provavelmente sempre amaria. Passaria a vida inteira amando-o, de um jeito ou de outro. Talvez me casasse, talvez tivesse uma família, mas não ia importar, porque uma parte do meu coração, a parte onde o verão vivia, sempre pertenceria a Conrad. Como

eu ia dizer essas coisas a Cam? Como lhe diria que ele também morava num cantinho do meu coração? Ele tinha sido o primeiro garoto a me dizer que eu era linda. Isso com certeza importava. Mas eu não ia dizer nada disso a ele. Então fiz a única coisa que me ocorreu fazer. Não toquei no assunto. Não liguei para ele.

Com Jeremiah foi mais fácil. Ele não criou caso. Me deixou livre. Fingiu que nada tinha acontecido, que ele não tinha dito nenhuma das coisas que disse na sala de estar. Continuou contando piadas e me chamando de Bellyzinha, daquele jeito só dele.

Finalmente consegui entender Conrad. Quero dizer, entender por que ele não queria falar de nós. Eu também não queria. Só queria passar cada segundo disponível na casa, com Susannah. Absorver o verão até a última gota, e fingir que aquele era igual a todos os outros que tinham vindo antes. Só queria isso.



Capítulo quarenta e cinco

Eu detestava o último dia antes da nossa partida porque era dia de limpeza, e, quando éramos menores, não permitiam que fôssemos à praia nenhuma vez, para não trazermos mais areia para dentro. Lavávamos todos os lençóis e varriamos a areia do assoalho, guardávamos todas as pranchas de bodyboard e boias no porão, limpávamos a geladeira e preparávamos sanduíches para a viagem de volta. Minha mãe era quem coordenava esse dia. Era ela quem insistia para que a gente fizesse tudo perfeito. "Para a casa ficar pronta para o próximo verão", dizia. O que ela não sabia era que Susannah mandava faxineiras virem limpar a casa depois que saíamos e antes de voltarmos.

Uma vez surpreendi Susannah ligando para a firma, marcando o dia para a limpeza, ela tapou o local do telefone com a mão e murmurou, num tom culpado: "Não conte a sua mãe, hein?"

Concordei. Era um segredo entre nós, e eu gostava disso. Minha mãe gostava de fazer limpeza, acredite se quiser, e não gostava que faxineiras nem caseiras fizessem o que ela considerava trabalho nosso. Dizia: "Você pediria a outra pessoa para escovar seus dentes ou amarrar os seus cadarços, assim sem motivo?" A resposta era não.

— Não se preocupem muito em limpar toda a areia — cochichava Susannah quando me viu varrendo a cozinha pela terceira vez. Continuei varrendo mesmo assim. Eu sabia o que minha mãe diria se sentisse que tinha restado um grãozinho sequer.

Naquela noite, no jantar, comemos tudo que tinha sobrado na geladeira. Essa era a tradição. Minha mãe pôs no forno duas pizzas congeladas, esquentou *lo mein* e arroz frito, fez uma salada de aipo e tomates. Também havia sopa de marisco, e meia costela, mais a maionese de batata da Susannah que já estava guardada fazia uma semana. Ninguém estava a fim de consumir aquele bufê de comida passada.

Mas comemos. Sentamos ao redor da mesa da cozinha e ficamos tirando um pouquinho de cada prato coberto com papel-alumínio. Conrad ficou o tempo todo me olhando disfarçadamente, e, quando eu retribuía, ele desviava os olhos. Senti vontade de lhe dizer que eu não ia fugir.

Ficamos calados até Jeremiah romper o silêncio como se rompe a crosta de um crêpe brûlée, dizendo:

— Essa maionese está com gosto de mau hálito.

— Acho que você deve ter mordido seu lábio — disse o Conrad.

Todos nós rimos e ficamos aliviados. Por podermos rir. Por não sentirmos só tristeza.

Aí Conrad continuou:

— Esta costela está mofada.

E todos nós começamos a rir de novo. Parecia que não dava uma gargalhada há um tempão.

Minha mãe revirou os olhos.

— Será que vai morrer se comer só um pouquinho de mofo? Raspa o mofo. Me dá essa costela. Eu como.

Conrad ergueu as mãos, como se estivesse se rendendo, e depois espetou a costela com o garfo e a deixou no prato da minha mãe, cheio de cerimônia.

— Bom apetite, Laurel.

—Você mimou demais esses meninos, Beck — acusou minha mãe, e aí tudo pareceu normal, como qualquer outra noite anterior. — Belly foi criada à base de sobras de comida, não, feijãozinho?

— É, sim — concordei.—Era uma criança negligenciada que só comia comida velha que ninguém mais queria.

Minha mãe conteve um sorriso e empurrou a maionese para mim.

— Eu os mimo, sim — reconheceu Susannah, tocando o ombro do Conrad, a face do Jeremiah. — Eles são uns anjos. Por que não deveria?

Os dois garotos entreolharam-se, cada um de um lado da mesa, um segundo. Depois Conrad falou:

— Eu sou um anjo. Eu diria que Jeremiah está mais para querubim. — E estendendo o braço, arrepiou os cabelos do irmão, com força.

Jeremiah deu um tapa na mão de Conrad.

— Ele não é anjo nada. É o diabo — disse ele. Era como se a briga entre eles nunca tivesse acontecido. Os meninos eram assim, brigavam, depois esqueciam.

Minha mãe espetou a costela do Conrad, examinou-a e depois a deixou novamente no prato.

— Não dá pra comer isso — disse ela, suspirando.

— Mofo não mata — declarou Susannah, rindo e afastando o cabelo dos olhos. Ela ergueu o garfo no ar. — Sabem o que mata?

Todos voltamos os olhos para ela.

— Câncer — disse ela, triunfante, com a cara mais inexpressiva de jogador de pôquer que jamais houve na face da terra. Ficou quatro segundos assim antes de ter um acesso de riso. Passou a mão pelos cabelos de Conrad até ele finalmente sorrir. Percebi que ele não queria, mas sorriu. Por ela.

— Escutem — disse ela. — É o seguinte: estou indo ao acupunturista, tomando remédio, ainda estou lutando da melhor forma possível. Meu médico disse que a essa altura é o melhor que posso fazer. Eu me recuso a envenenar mais o meu corpo ou a passar mais tempo do que já passei em hospitais. Quero ficar aqui. Com as pessoas que amo. Certo? — E olhou para todos.

— Certo — concordamos, mesmo que não estivesse certo, de modo algum. Não estaria certo, jamais.

Susannah continuou:

— Se eu for dançar uma dança lenta no além, não quero parecer que passei minha vida inteira no hospital. Pelo *menos* quero estar bronzeada. Quero ficar tão morena quanto Belly. — E apontou com o garfo para mim.

— Beck, se quer se bronzear tanto quanto Belly, vai precisar de mais tempo. Não se consegue isso em um verão só. Minha filha não nasceu

morena, levou anos para ficar assim. E você ainda não está preparada — disse minha mãe, de um jeito muito franco, muito lógico.

Susannah ainda não estava preparada. Nenhum de nós estava.

Depois do jantar, todos nos separamos para fazer as malas. A casa ficou silenciosa, silenciosa demais. Fiquei no meu quarto, embalando roupas, meus tênis, meus livros. Até a hora de colocar meu maiô na mala. Ainda não queria fazer isso. Queria nadar mais uma vez.

Vesti meu maiô e escrevi dois bilhetes, um para Jeremiah e outro para Conrad. "Mergulho da meia-noite. Na piscina, em dez minutos." Enfiei um bilhete debaixo de cada porta e depois corri para baixo, tão rápido quanto pude, a toalha flutuando atrás de mim como uma bandeira. Não podia deixar o verão terminar assim. Só íamos sair daquela casa depois de ter um momento bom, todos juntos.

A casa estava às escuras, mas saí sem acender as luzes. Não precisava. Sabia o caminho de cor.

Mergulhei direto na piscina. Simplesmente me joguei de barriga. O último mergulho do verão, talvez o último que daria naquela casa. O luar estava brilhante e esbranquiçado, e, enquanto esperava os meninos, boiei de costas contando estrelas e ouvindo o marulhar do oceano. Quando a maré estava baixa assim, ela sussurrava e gorgolejava, parecendo uma canção de ninar. Desejei poder ficar ali para sempre, curtindo aquele momento. Como em um desses globos plásticos com neve artificial dentro, um pequeno instante congelado no tempo.

Eles saíram juntos, os meninos da Beck. Acho que se encontraram na escada. Estavam ambos de calção de banho. Foi então que me dei conta que Conrad tinha passado o verão inteiro sem vestir os calções de banho, que desde o primeiro dia em que nadamos na piscina, ele não tinha mais mergulhado. E Jeremiah só havia nadado no mar comigo uma ou duas vezes. Tinha sido um verão em que quase não nadamos, apenas eu tinha nadado com Cam, ou sozinha. Esse pensamento me fez sentir inexplicavelmente triste, pois me lembrei de que aquele podia ser o nosso último verão, e nós mal tínhamos nadado juntos.

— Olá — cumprimentei-os, ainda boiando de costas.

Conrad mergulhou o dedão na água.

— Está meio frio para nadar, não?

— Franguinho — falei, imitando um cacarejo, bem alto. — Pula logo e acaba com isso.

Eles se entreolharam. Depois Jeremiah disparou e mergulhou, com as pernas encolhidas junto ao corpo, e Conrad logo o seguiu. Eles fizeram água espirrar para todos os lados, e engoli uma tonelada de água porque estava sorrindo, mas não me importei.

Nadamos até o lado mais fundo e depois bati os pés para poder ficar à tona. Conrad estendeu o braço e empurrou minha franja para o lado, para tirar os cabelos dos meus olhos. Foi um gesto rápido, mas Jeremiah viu, e nos deu as costas, nadando mais para perto da beirada da piscina. Por um segundo, fiquei triste, mas de repente, do nada, me lembrei de uma coisa, impressa no meu coração como numa página de livro. Ergui os braços e rodopiei como uma bailarina aquática, recitando, enquanto rodopiava:

— Maggie e Milly e Molly e May Foram até a praia (um dia, brincar)

E Maggie achou uma concha que cantava

*Tão docemente que ela não conseguia se lembrar de
seus problemas*

E Milly ficou amiga de uma estrela perdida Cujos raios eram cinco lânguidos dedos...

Jeremiah sorriu.

— E Molly foi perseguida por um, monstro horrível

Que corria de lado, borbulhando borbulhas,

E May voltou para casa com uma pedra redonda

*Tão pequena como um mundo e tão grande quanto
a solidão...*

Juntos, Conrad também, cantamos:

— Pois seja o que for que percamos (como um você ou um eu)

Sempre encontraremos a nós mesmos no mar.

E então fez-se um silêncio entre nós, ninguém disse mais nada.

Era o poema predileto da Susannah; ela o havia ensinado a nós, as crianças, havia muito tempo. Estávamos fazendo uma daquelas excursões pela natureza que ela organizava e nas quais apontava conchas e águas-vivas.

Naquele dia marchamos pela praia, de braços dados, recitando o poema tão alto que acho que acordamos os peixes. Conhecíamos aquele poema como o "Juramento à Bandeira", de cor e salteado.

— Talvez este seja o nosso último verão aqui — falei, de repente.

— De jeito nenhum — disse Jeremiah, boiando até perto de mim.

— Conrad vai para a faculdade neste outono, e você tem colônia de férias de futebol — lembrei. Embora Conrad ir para a faculdade e a colônia de férias de futebol do Jeremiah durante duas semanas não tivessem nada a ver com o verão seguinte. Eu não disse o que todos estávamos pensando, que Susannah estava doente e talvez nunca melhorasse, e ela era o elo que nos unia.

Conrad sacudiu a cabeça.

— Não importa. Sempre vamos voltar.

E aí imaginei, por um momento, se ele estaria falando dele e de Jeremiah. Foi quando ele completou:

— Todos nós.

Ficamos calados de novo, e nesse instante tive uma ideia.

— Vamos fazer um redemoinho! — disse, batendo palmas.

— Você é uma criança — disse Conrad, sorrindo para mim e sacudindo a cabeça. Pela primeira vez, não fiquei chateada quando ele me chamou de criança. Parecia até um elogio.

Boiei até o meio da piscina.

— Venham, meninos!

Eles nadaram até onde eu estava, e fizemos um círculo, começando a correr tão rápido quanto podíamos.

— Mais depressa! — gritou Jeremiah, rindo.

Depois paramos, relaxamos o corpo e deixamos o redemoinho que tínhamos feito nos pegar. Inclinando a cabeça para trás, deixei a correnteza me levar.



Capítulo quarenta e seis

Quando ele me ligou, não reconheci sua voz, em parte porque não estava esperando a ligação, e em parte porque estava meio dormindo. Ele disse:

— Estou no meu carro, a caminho da sua casa. Posso te ver?

Era meia-noite e meia. Boston ficava a cinco horas e meia de distância. Ele tinha passado a noite toda na estrada. Queria me ver.

Eu lhe disse para estacionar na rua, que eu iria até ele, na esquina, depois que minha mãe tivesse ido para a cama. Ele disse que ia me esperar.

Apaguei as luzes e esperei, à janela, que ele se aproximasse e desse para eu ver as luzes traseiras do carro. Assim que vi o carro, senti vontade de sair correndo lá para fora, mas tive que me segurar. Ainda podia ouvir minha mãe fazendo ruídos no quarto, e sabia que ela lia na cama durante pelo menos meia hora antes de adormecer. Era como uma tortura, saber que ele estava lá fora me esperando, sem poder ir ao seu encontro.

No escuro, coloquei o cachecol e o gorro que a minha vó fez para mim e me deu de presente de Natal. Depois fechei a porta e percorri o corredor na ponta dos pés até o quarto da minha mãe, encostando a orelha na porta. A luz estava apagada, e a ouvi roncando de leve. Steven nem mesmo estava em casa

ainda, o que para mim é uma sorte, porque ele tem o sono leve como o do nosso pai.

Minha mãe finalmente adormeceu; a casa está silenciosa, imóvel. Nossa árvore de Natal não foi desmontada ainda. Deixamos as luzes acesas durante a noite inteira, porque isso nos faz sentir como se ainda fosse Natal, como se a qualquer momento Papai Noel fosse aparecer com presentes. Nem me incomodo em deixar um bilhete. Vou telefonar para ela de manhã, quando ela acordar e começar a imaginar onde eu me meti.

Desci as escadas, com cuidado para não pisar naquele degrau do meio que range, mas, depois de passar pela porta da frente, descí os degraus da varanda voando. Atravessei correndo o gramado coberto de neve, fazendo um ruído crocante ao esmagar os cristais de gelo com as solas dos tênis. Eu me esqueci de vestir um casaco. Lembrei-me do cachecol e do gorro, mas do casaco, não.

O carro dele está parado na esquina, exatamente onde devia estar. O carro está escuro, as luzes apagadas. Abro a porta do passageiro como se já tivesse feito isso um milhão de vezes antes. Mas não fiz. Nunca entrei naquele carro. Desde agosto que não o vejo.

Meto a cabeça dentro do carro, ainda sem entrar. Primeiro quero dar uma boa olhada nele. Preciso. É inverno, e ele está de casaco de fleece cinza. Suas bochechas estão rosadas por causa do frio; o bronzado se foi, mas ele ainda parece o mesmo.

— Oi — falei, depois entrei.

— Está sem casaco — diz ele.

— Não está fazendo tanto frio assim — respondi, embora esteja um gelo e eu estivesse tremendo.

— Toma — diz ele, tirando o casaco e entregando-o para mim.

Eu visto o casaco. É quentinho, não fede a cigarro. Só tem o cheiro dele. Então Conrad parou de fumar, afinal. E pensar nisso me faz sorrir.

Ele deu partida. Eu falei:

— Mal consigo acreditar que você está aqui.

E ele respondeu, quase tímido:

— Nem eu. — Depois, continuou, hesitante: — Ainda quer vir comigo?

Mal consigo acreditar que ele ache que precisa perguntar. Eu iria a qualquer lugar com ele.

— Sim — respondi. Parece que nada mais existe a não ser essa palavra, este momento. Só existimos nós dois. Tudo que nos aconteceu no último verão, e em todos os verões antes dele, tudo levou a isto. A este momento.

Fim

